



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**O BOATO SOB O FOCO LINGUÍSTICO-DISCURSIVO
FILTRADO POR LENTES BAKHTINIANAS**

Sandra Mara Azevedo Borges

SÃO CARLOS

2010



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**O BOATO SOB O FOCO LINGUÍSTICO-DISCURSIVO
FILTRADO POR LENTES BAKHTINIANAS**

Sandra Mara Azevedo Borges

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal de São Carlos,
como parte dos requisitos para a obtenção
do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Valdemir Miotello

São Carlos - São Paulo – Brasil

2010

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B732bf

Borges, Sandra Mara Azevedo.

O boato sob o foco linguístico-discursivo filtrado por lentes bakhtinianas / Sandra Mara Azevedo Borges. -- São Carlos : UFSCar, 2012.

125 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2010.

1. Análise do discurso. 2. Boatos (Opinião pública). 3. Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch, 1895-1975. 4. Fofoca. 5. Linguística. I. Título.

CDD: 401.41 (20ª)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdemir Miotello

Valdemir Miotello

Prof. Dr. João Wanderley Geraldi

João Wanderley Geraldi

Profa. Dra. Cristine Gorski Severo

Cristine Gorski Severo

A procura da própria palavra é, de fato, procura da palavra precisamente não minha, mas de uma palavra maior que eu mesmo; é o intento de sair de minhas próprias palavras, por meio das quais não consigo dizer nada de essencial.
(BAKHTIN)

Dedico esta pesquisa à minha mãe,
exemplo de vida, e aos meus filhos
dos quais quero me orgulhar
sempre.

AGRADECIMENTOS

Sou grata ao profundo sofrimento com uma perda, que me permitiu ter a oportunidade de reconhecer o poder da amizade de Renise, Bel e Miotello, este mais amigo que orientador, bem como ao Geraldi, quem primeiro me fez sonhar com uma pós-graduação há longos anos. Todos fundamentais para meu recomeço.

Sou grata aos meus filhos, Felipe e Lucas, por compreenderem nosso afastamento e me incentivarem a encontrar novamente a vida.

Sou grata aos meus pais, Wander e Maria Alice, que com mais de oito décadas de vida, me seguraram novamente pela mão para que eu pudesse caminhar.

Sou grata aos meus irmãos: Newton, com quem aprendi o zelo por quem me rodeia; Mirian, com quem aprendi o gosto pela academia; Jairo, meu mapa, meu roteiro para que ainda não me perca.

Sou grata a Maralice e Dulce que minimizaram minhas várias dificuldades.

Sou grata aos (a)filh(ad)os, Giuliano e Vitor, bem como aos sobrinhos e sobrinhas representados por Nicole e Junior, e ainda, ao Ruitter e Eliane, representando todos os meus cunhados e cunhadas. Todos estes me impulsionaram por sempre demonstrarem confiança na minha capacidade.

Sou grata as minhas ex e futuras noras na pessoa da Duda, grande parceira.

Sou grata aos vizinhos, Kaká, Cibele e filhos, bem como aos ‘filhos’ que adotei, Dionísio e Pedro, por minimizarem minha solidão.

Sou grata a todos os colegas do mestrado, que faço representar pelas companheiras Sidnay, Gisele e Lígia.

Sou grata ao Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE, representado nominalmente por Angélica, Ivo e Luciane, grandes amigos.

Sou grata ao Grupo de Estudos Bakhtinianos – GEB na pessoa da amiga Ester.

Sou grata a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, de maneira especial ao Baronas e Maria Silvia, e também aos professores que não fazem parte da UFSCar, como Adail. Com estes pude aprender muito, sobretudo pela generosidade intelectual que possuem.

Sou grata a Universidade Federal de São Carlos na pessoa da Nani, por tudo o que me ofereceu, de forma gratuita e com qualidade.

Que Deus os abençoe a todos. A ELE minha maior gratidão.

RESUMO

O boato é uma atividade linguageira, presente no cotidiano das pessoas, independente de país, cultura, nível sócio-econômico, regime político ou ainda de época. Ele pode existir em qualquer grupo de pessoas. Objeto de estudo de vários domínios do conhecimento, como na Antropologia, Psicologia, História, Sociologia, Comunicação, pareceu oportuno pesquisá-lo linguístico-discursivamente. Como fundamentação teórica a pesquisa contou, sobretudo, com os estudos da Filosofia da Linguagem desenvolvidos por Mikhail Bakhtin, com destaques para as seguintes reflexões feitas pelo mestre russo: Dialogia, alteridade, texto/enunciado, auditório, situação, tema e significação, construção de sentido, gêneros discursivos, dentre outras. Também a categoria de Vontade de Verdade construída por Michel Foucault, bem como contribuições de vários autores, específicas sobre boato, foram tomadas neste estudo que investigou os seguintes aspectos: (a) Como se dá esta atividade linguageira; (b) como esse dito constitui um sujeito falante; (c) o que faz com que um boato vingue e outro seja imediatamente esvaziado; (d) qual é a sua materialidade; (e) o que o diferencia de uma verdade e de uma mentira; (f) o que faz com que um boato sustente tantas ações empreendidas, oficiais e oficiosas, tantos dizeres; (g) como se dá a autoria no boato; (h) como ele se constitui; (i) se o boato é um gênero discursivo e, no caso afirmativo, se é um gênero primário ou híbrido; (j) se o boato acontece somente na linguagem oral ou também na escrita e como ele se dá; (k) como é a sua circulação e (l) qual é o seu gatilho. Estes pontos foram refletidos em quatro capítulos, sendo eles: (1) *De Um Boato A ...* no qual se observa o nascimento do desejo de pesquisar o boato, a fundamentação teórica e a composição dos dados; (2) *O Encontro Com O Camaleão*, onde se lê a compreensão responsiva sobre alguns dizeres a respeito do nascimento e a mutação do boato, como se alastra e por que ele consegue obter credibilidade; enfim, dizeres elaborados por vários estudiosos do assunto com os quais é mantido um diálogo; (3) *O Camaleão Em Um Projeto De Dizer, Uma Vontade De Verdade* em que é feita uma análise linguístico-discursiva de três textos que abordam o boato de deserção em massa dos atletas cubanos, durante os Jogos Panamericanos de 2007, realizados no Rio de Janeiro. Finalmente, (4) *O Camaleão E Outros Bichos No País Verde-Amarelo* onde pode ser observado o uso do termo boato no Brasil e outros vocábulos de sentido semelhante como fofoca, disse-me-disse, fuxico e outros. A pesquisa, talvez, tenha suscitado mais perguntas que respostas, mas seguramente permitiu compreender, um pouco mais, a linguagem, o mundo e o homem.

PALAVRAS-CHAVE: Boato. Bakhtin. Linguística. Discurso. Fofoca.

ABSTRACT

Rumor is an activity of language, which is present in people's daily lives, regardless of country, culture, socio-economic and political regime, or time. It is likely to exist in any group of people. Being an object of study in various fields of knowledge such as anthropology, psychology, history, sociology, communication, it seemed appropriate to research it within a linguistic-discursive view. This research relies mostly on Mikhail Bakhtin's Philosophy of Language mainly considering the following reflections made by the Russian master: dialogism, otherness, text/utterance (Fr. énoncé), audience, context, theme and meaning, meaning construction, discursive genres, among others. Also the category of will to truth brought about by Michel Foucault, as well as specific contributions from various authors on rumor were taken in this study to investigate the following aspects: (a) how this language activity takes place, (b) how such a saying constitutes a speaking subject, (c) what makes a rumor spread and another immediately fade (d) which is its materiality, (e), which differentiates it from a truth and a lie, (f) which causes a rumor to sustain so many official and unofficial actions, so many sayings, (g) how its authoring takes place, (h) how it is constituted, (i) whether the rumor is a speech genre, and if so whether it is a primary or a hybrid genre, (j) if the rumor happens only in oral language, or else, in writing, and also how it takes place (k) how it spreads (l) what its trigger is. These reflections were presented in four chapters, namely: (1) *From A Rumor ...*, which puts forth the desire to investigate rumor, its theoretical support, and data collection; (2) *The Encounter with the Chameleon*, which offers, through a dialogue with various researchers, a responsive understanding about the rumor's birth and mutation, its spreading, and gaining of credibility; (3) *The Chameleon in a Project to Saying, a Will to Truth*, which analyzes linguistic-discursively three texts that address the Cuban athletes' mass desertion rumor during the 2007 Pan American Games, held in Rio de Janeiro; (4) finally, *The Chameleon and other animals in the Yellow-Green Country* which brings up the use of the term rumor in Brazil and other words of similar meaning such as gossip, hearsay, tittle-tattle, and others. The result of this research has perhaps raised more questions than answers, but it could certainly offer some more understanding about language, the world and the human being.

KEYWORDS: Rumor. Bakhtin. Linguistic. Discourse. Gossip.

SUMÁRIO

PARA COMEÇO DE CONVERSA	10
1- Preparando meu leitor	10
2- Um convite ao meu leitor	12
CAPÍTULO 1 DE UM BOATO A	14
1.1 O nascimento da inquietação	14
1.2. O jeito de olhar	16
1.2.1 Principal aparato teórico	16
1.2.2 De outros teóricos	24
1.2.2.1 Da Tragédia Grega a Foucault: tecendo a Vontade de Verdade	27
1.3 A constituição dos dados a partir do jeito de olhar	34
CAPÍTULO 2 O ENCONTRO COM O “CAMALEÃO”	36
2.1 Os primeiros ditos encontrados	36
2.1.1. Contrapalavrando sobre as definições do “camaleão”	39
2.2. Outros ditos sobre o “camaleão”	42
2.2.1 Nascimento e mutações do “camaleão”	42
2.2.2 A rede, a rapidez e o rastro do “camaleão”	45
2.2.3 O que nos faz crer no “camaleão”	49
CAPÍTULO 3 O “CAMALEÃO” EM PROJETOS DE DIZER, A VONTADE DE VERDADE	57
3.1 Os contextos dos textos	59
3.1.1 Sobre a República de CUBA	59
3.1.2 Um sobrevôo sobre a América do Sul: novos ares	63
3.1.3 Sobre os suportes dos textos	76
3.2 Textos e análises	79
3.2.1 Texto 1 – Após boato de deserção, Cuba deixa o Rio às pressas	79
3.2.2 Texto 2 – Medo de deserção faz Cuba ir embora	84
3.2.3 Texto 3 – A revolução Cubana e a cobertura da Globo	89

CAPÍTULO 4	O “CAMALEÃO” E OUTROS “BICHOS” NO PAÍS VERDE-AMARELO	100
4.1	Tentativas de diferenciar as “espécies”	100
4.2	Pela escrita do país Verde Amarelo, é “bicho”	104
CONCLUSÃO		112
REFERÊNCIAS		115
ANEXO		121

PARA COMEÇO DE CONVERSA

Por toda parte há o texto real ou eventual e a sua compreensão. A investigação se torna interrogação e conversa, isto é, diálogo.
(BAKHTIN, 2006b: 319)

1. Preparando o meu leitor

Inicialmente penso ser necessário explicitar questões de ordem pessoal: Acredito que um trabalho acadêmico deve ser constituído com clareza, cuidado sobre as fontes, rigor analítico e, sobretudo, com o vigor do seu autor, de tal modo que este enunciador, exposto, possa se aproximar do seu interlocutor, isto é, de seu leitor. Em decorrência desta convicção, deixo registrado que buscarei “dialogar dissertativamente” com meus OUTROS, seja com meu objeto de pesquisa, o boato, seja com meus interlocutores teóricos, cujos trabalhos me permitem refletir, bem como com meus leitores. Isto não significa desrespeito ao gênero acadêmico de dissertação de mestrado, mas um estilo, regado por dose majorada de personalidade, que desemboca numa menor “estabilidade” do gênero. Mas, Bakhtin já previu a “relativa” estabilidade, fato que me faz pressupor que posso contar com a compreensão dos leitores acadêmicos deste trabalho.

Também, aproveitando a oportunidade, quero suscitar uma reflexão sobre o que considero “tarefa de lingüista”, que contraria ou apenas difere, em extensão, da visão de muitos. Comumente me deparo com o ranço de que ao lingüista cabe picotar enunciados, dissecar a língua/linguagem para se distinguir dos demais estudiosos das Ciências Humanas. Penso, entretanto, que devemos nos interessar pelo estudo das atividades humanas; dentre estas, as que implicam e decorrem de interações sociais que se constituem de um EU e um OUTRO; e, dentre as interações sociais observo as verbais; e dentre as verbais, destaco os aspectos discursivos; e dentre estes, no meu caso, foco aqui a ocorrência do boato. Diferente disso, se picotarmos, perdemos o “humano”, perdemos o verbal, o discursivo, o textual, o enunciado que é produzido em decorrência da humanidade do homem. Qualquer atividade humana se apóia na linguagem. Pensamos com a e por meio da linguagem, portanto nossa prática é lingüística por natureza. Picotar palavras, ou qualquer outro signo, me parece

significativo somente para uma perspectiva de fixação de um sistema, sígnico sim, mas abstrato, o que não me sugere um bom caminho para analisar enunciados concretos que ocorrem nas relações interativas de comunicação, vivas e confrontantes.

Ainda como aviso aos leitores, quero adiantar que encontrarão informações extraídas da *Wikipedia*, uma enciclopédia online, cujos artigos e informações são escritos, corrigidos e alterados permanentemente por colaboradores anônimos. Esta fonte de consulta não costuma ter aprovação para produções acadêmicas, julgamento do qual discordo. Penso que a coletividade da produção/leitura dos escritos valida a qualidade, que pode ainda ser confirmada pela consulta a livros, revistas ou mesmo a sites oficiais que abordam o assunto em pesquisa. Simon L. Garfinkel, jornalista e professor de ciência da computação na Escola Naval de Pós-graduação, na Califórnia, publicou no site *Technology Review* um artigo sobre a confiabilidade da *Wikipedia*, afirmando inclusive que "informações adicionadas à Wikipédia sem referências apropriadas são golpeadas por um daqueles que se auto-intitulam editores, com um emblema que exige a citação. E se alguém excluir o emblema, logo será recolocado por outro usuário". Não me valho da *Wikipedia* somente, mesmo porque já é desconfiável termos uma única fonte de informação. Caso-a com outras consultas, para ter mais segurança, mas defendo sua utilização; afinal, segundo um estudo feito pela revista *Nature*, foram encontrados 162 erros na *Wikipedia*, contra 126 na *Enciclopédia Britânica*, nos 42 artigos tomados como *corpus* da pesquisa¹. E penso ser mais ágil uma correção feita online, que em uma nova edição impressa. Pessoalmente, gosto da quebra da política editorial, da construção coletiva, anônima, mas à disposição de correção imediata de um outro anônimo, ambos conhecedores (uns mais outros menos) do assunto. Pergunto-me com freqüência: Haverá uma verdade absoluta?

Finalmente, afirmo ao leitor que quero olhar o homem e compreender o mundo. Quero olhar o mundo e compreender o homem. Para isto, estou entrando pela porta da linguagem e sou recebida pelo boato. É para ele que dirijo o meu olhar. Estou de óculos e minhas lentes são bakhtinianas. São boas, muito boas! Caso ocorra distorção de imagem, seguramente o defeito estará no olho.

¹ Fonte: Revista Super Interessante, ed 245, novembro de 2007.

2. Um convite ao meu leitor

Di(sserto) sobre o que vi em quatro espaços a que chamo de capítulos. Passeio pelo primeiro, DE UM BOATO A..., em que recordo o nascimento da minha inquietação com o tema. Registro cartograficamente minhas perguntas suscitadas pelo evento do PAN-Rio, marcado pelo retorno dos atletas cubanos ao seu país, dito, pela mídia brasileira, como intempestivo e conseqüente a um boato de deserção em massa da delegação cubana. Da indagação de como um boato podia provocar tantas atitudes oficiais e oficiosas, estendi as perguntas ao fenômeno em si, no campo linguístico-discursivo, tomando-o como objeto de pesquisa.

Também no Capítulo 1, procuro deixar claro como olho para ele, isto é, a fundamentação teórica que filtra meu olhar. Baseio-me em categorias filosóficas da linguagem, formuladas por Mikhail Bakhtin, pensador russo, pelo qual nutro profunda admiração pelo trabalho e visão de linguagem-homem-mundo que expressa. Além deste autor, destaco de Michel Foucault, filósofo francês, a categoria de Vontade de Verdade, extrapolando-a para além dos discursos científicos e apresentando o que parece ser o caminho percorrido para o deságüe nas águas foucaultianas da Vontade de Verdade. Ambos os filósofos se atentam para a axiologia nas relações interpessoais e institucionais, respectivamente, fato que me possibilitou colocá-los lado a lado nas reflexões sobre o boato.

Finalizo o Capítulo, apresentando as fontes por onde recortei o objeto a ser olhado, o bicho camaleônico que investiguei e as razões que motivaram o acesso a tais fontes.

No segundo, O ENCONTRO COM O “CAMALEÃO”, conto algumas coisas que várias pessoas disseram sobre o boato, e as discuto. Não ouço calada. Quando penso diferente, eu digo. Afinal eu também estou olhando, buscando compreendê-lo e posso ver diferente. Abordo contribuições que sugerem as causas do nascimento do boato, suas mutações, redes, rapidez, o rastro que deixa na linguagem escrita e, finalmente, o que nos faz crer nele. Procuro compreender responsivamente o que dizem, participando do diálogo donde emergiram as contribuições dos autores e do diálogo com outros enunciados a que elas próprias me incitam.

O terceiro espaço, O “CAMALEÃO” EM PROJETOS DE DIZER, A VONTADE DE VERDADE, é mais extenso, está mais detalhado. Eu devo ter olhado mais de perto, investigando mais, e tive Michel Foucault me ajudando, sem que eu dispensasse meus óculos de lentes bakhtinianas. Mas nesse capítulo, olhando para o boato, pude ver o homem e

o mundo de uma maneira mais clara. Lançando mão de três textos, procurei mostrar o projeto de dizer que funda cada um deles e como o mesmo boato, o de deserção em massa dos atletas cubanos, serve a eles individualmente, como serve a cada Vontade de Verdade dos enunciadores. Digamos que se trata de um capítulo bastante voltado para análise de dados. Procuo fornecer elementos extralingüísticos para que o leitor possa ter o contexto amplo dos textos. Para isto, faço um apanhado político de Cuba e da América do Sul, visto que o boato de deserção dos atletas cubanos teve acento num viés político.

Finalmente, em O “CAMALEÃO” E OUTROS “BICHOS” NO PAÍS VERDE-AMARELO, que é o título do quarto capítulo, observo como os brasileiros usam a palavra boato e outros termos que pareciam significar outra coisa, mas que, na prática ou no uso, não eram bem assim. Tomo vários recortes e os contrasto com teorias que buscaram diferenciar boato de fofoca, disse-me-disse, rumor, zunzum, e outros termos similares.

Como todo mundo faz, tem também o que chamam de conclusão e que prefiro dizer EM CONCLUSÃO. Penso que esta é uma questão complicada, porque não sei se concluimos alguma coisa. Afinal, cada um de nós é diferente a cada segundo em que interagimos. Estamos sempre nos constituindo de maneira diferente da que éramos e, sendo diferentes, vemos o mundo e o homem de forma diferente, em momentos diferentes. Mas, para não discutir muito sobre isso, procuro dizer alguma coisa de quando comecei a observar o boato, até o momento em que encerro a investigação. Ainda deixo REFERÊNCIAS para consulta e um ANEXO, com os boatos *in totum* que foram trabalhados.

Penso que o melhor mesmo é ler “responsivamente” as páginas seguintes. Este é o convite que faço a você, leitor.

CAPÍTULO 1 DE UM BOATO A ...

As ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas (anatomia e fisiologia do homem, etc.). (BAKHTIN, 2006b: 312)

Neste primeiro capítulo ocupo-me da narração de como me interessei pelo estudo do boato. Surpresa com seu poder de mobilização nos Jogos do Pan-Rio, busquei explicações para esta ocorrência e me dei conta de que uma prática sócio-linguagem, tão comum e antiga, ainda não tinha sido observada pelo foco linguístico-discursivo. Isto me deixou feliz, por se tratar tanto de um desafio, quanto de uma forma de contribuir para os estudos da área que escolhi aprender/ensinar/pesquisar.

Aponto também neste capítulo, os pressupostos teóricos em que baseio minha pesquisa, como reveladores do meu jeito de olhar o boato. Destaco, sobretudo, as categorias e concepções de Mikhail Bakhtin, pela forma que este filósofo trabalha com a linguagem, o homem, o mundo. Profundos, intrigantes e densos seus estudos podem nortear mais que o encontro de respostas, a elaboração de novas perguntas, numa incompletude que alimenta a capacidade de observação de qualquer pesquisador. Conto ainda com a cooperação de Michel Foucault, na categoria de Vontade de Verdade, por crer que não é porque o pensador francês criou esta categoria, inicialmente, a partir de um tipo específico de discurso_ em breve histórico da vontade de saber sobre sexo por meio da prática da confissão, isto é, no discurso da religião cristã _ que ela deva ficar enclausurada nesse domínio ou somente nos já estabelecidos. Não deixo de fora também a colaboração dos anônimos da *Wikipedia*.

Esclareço também neste primeiro capítulo, a composição dos dados, onde e porque foram levantados nas fontes escolhidas.

1.1 O nascimento da inquietação

Cada pessoa do planeta, em cada período da história humana, com certeza, já esteve envolvida em algum nível de boato e foi afetada por ele. Trata-se de

um empreendimento humano universal. Os boatos proliferam onde quer que existam pessoas. (DIFONZO, 2009: 4)

Refazendo o percurso desta pesquisa, lembro-me que minha inquietação se deu em 2007, quando da realização dos XV Jogos Pan-americanos, realizados no Rio de Janeiro. Acompanhando as transmissões, fui surpreendida pela retirada, aparentemente súbita, dos atletas da delegação cubana dos cenários dos jogos, por ação atribuída ao governo daquele país. Tal acontecimento, oficializado à organização dos jogos às 17 h do dia 28 de julho daquele ano, mas só tornado público às 22 h do mesmo dia, foi justificado, como anunciou a imprensa, por um “boato de deserção em massa desses atletas”. As imagens da confusão do embarque no aeroporto do Galeão, seguidas dos comentários sobre o fato em toda a imprensa brasileira, fez-me perceber as inúmeras ações que um “discurso boateiro” pode gerar: O Governo Cubano enviando uma aeronave para o traslado dos atletas; a segurança dos jogos completamente alterada para acompanhar o trajeto dos ônibus até o aeroporto; a imprensa correndo atrás de informações detalhadas; as especulações divulgadas como justificativas aos telespectadores; as expressões faciais dos atletas, tudo envolto num misto de: O que é isso? Como? Por quê? E a entrega das medalhas do vôlei masculino, cujo time cubano ficara com o terceiro lugar? E a prova da maratona, prevista para o dia seguinte, em que estavam inscritos atletas cubanos? Esta avalanche de ações me despertou para buscar explicações para o que comumente chamamos de boato. Gostaria de compreender como se dá esta atividade linguageira sob o prisma linguístico-discursivo; como esse dito me constitui enquanto sujeito falante; o que faz com que um boato vingue e outro seja imediatamente esvaziado, isto é, que não pegue; qual é a sua materialidade; o que o diferencia de uma verdade; o que o diferencia de uma mentira; o que faz com que um boato sustente tantas ações empreendidas, oficiais e oficiosas, tantos dizeres; como se pensa autoria diante do boato; como ele se constitui; o que dizer desse gênero discursivo? Ele é um gênero primário? É híbrido? Mas... ele é um gênero? Ele é só oral ou escrito também? Como é sua circulação? Qual é o seu gatilho? São inúmeros aspectos que desejei compreender, vários questionamentos para os quais não encontrei respostas nas rápidas pesquisas que fiz. Do parco material encontrado quase nada fora estudado linguístico-discursivamente, o que me instigou a tomar o boato como objeto de investigação; afinal, trata-se de uma prática linguageira secular e que não tem fronteiras: permeia, indistintamente, grupos, nações, culturas... Nascia, pois, minha vontade de saber, de compreender, de desvelar o boato; não por ele mesmo, mas para compreender o homem, para compreender o mundo.

1.2. O jeito de olhar

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 2006a: 99. Grifos do autor)

Posso afirmar que o que mais me incomodou no episódio dos atletas cubanos foi o tratamento dado pela mídia, tanto ao fato em si, quanto ao atrelamento explícito e ideologicamente criado, de maneira negativa, entre o Governo de Fidel e o do Presidente Lula. A escolha das palavras, a seleção, a “leitura” e a imbricação dos fatos construíam um cenário para aqueles que acompanhavam o caso pelos noticiários que a mim parecia, digamos, “pregação anti-cubana e anticastrista” e, por extensão, “anti-petista e anti-lulista”. Esta foi a impulsão político-ideológica que me instigou a olhar o boato e a pensar o que este boato de deserção em massa carregava em seu bojo, como também qualquer boato em si. Pensando que os princípios filosóficos da linguagem bakhtinianos me permitiriam observar discursivamente este fenômeno, os escolhi como principal base teórica. Por outro lado, também me vali de outros autores, sobretudo Michel Foucault com a categoria de Vontade de Verdade, deslocando-a do universo do discurso científico. Procurei pensar uma possível trajetória de criação desta categoria, partindo da Tragédia Grega com uma filosofia moral; em seqüência por Sócrates, Platão e o cristianismo com a filosofia teológica, margeando o pensador contemporâneo Nietzsche, como força de Estado e desaguando em Foucault, como prática de domínio das instituições sobre as pessoas com as quais se relacionam discursivamente. O boato parece servir a um projeto de dizer, bem como a uma Vontade de Verdade, como um recurso argumentativo bastante “disfarçado”. Vejamos:

1.2.1 Principal aparato teórico

Por afinidade teórico-ideológica, isto é, pela forma de pensar a linguagem de uma maneira sócio-histórica, concreta, axiológica e reconhecer no homem sua capacidade de se (re)fazer permanentemente, detonando o ser cartesiano com a arma da incompletude, tomei como referência os estudos de Mikhail Bakhtin. Sua concepção de homem social, que

constitui e é constituído pela/na interação com o Outro e que, portanto, é incompreensível se desconectado do arcabouço sócio-histórico do mundo, de fato me fascina. Pensar o homem (bakhtiniano), que banha em si as palavras alheias e as ressignifica ao dirigi-las ao Outro; que criou e continuará criando “textos de signos” (BAKHTIN, 2006b: 319), que refletem e refratam seus motivos, interesses, crenças, valores... me permitiu crer que uma pesquisa linguístico-discursiva é relevante. É ele quem diz que

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais, em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriam caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN, 2006a: 42- grifo do autor)

Com Bakhtin aprendi [e confesso que dialogicamente não sei se é ele quem fala agora ou eu, mas “*Para cada indivíduo, todas as palavras se dividem nas suas próprias palavras e nas dos outros, mas as fronteiras entre elas podem confundir-se*” (Bakhtin, 2006b: 379)], que nem todos os objetos do mundo são signos, mas tudo o que é parte da realidade material pode se transformar em signo, desde que não seja *somente* igual a si mesmo e que possua um significado na dimensão sócio-histórica, um valor ideológico, um sentido expresso em texto que resulta do processo das atividades humanas. Para ser signo é preciso ser, ao mesmo tempo, igual a e diferente de si mesmo. Seu significado, do signo, não se faz de forma direta, por isso de pouco vale apenas identificá-lo numa relação do tipo $A = A$, mas numa representação de $A = A = B = C$, em que a igualdade não exclui a diferença. Assim temos chance de compreendê-lo, afinal o signo é dialógico. Isto significa dizer que para identificar um signo é preciso mobilizar outros signos e esta cadeia não se conclui, ou seja, no signo estão presentes todas as células que o enriquecem como decorrência do contato com outros signos, numa espécie de processo de osmose. São roupagens, umas sobre as outras, compreensíveis somente se mantidas mergulhadas no musgo do contexto específico, dentre os possíveis que se digladiam.

Para minha observação, a palavra só interessa enquanto signo, reconhecendo que, como tal, ela traz no seu bojo a voz do Outro, que antecede a voz do EU, constituindo-a como *alheia-própria* e a ressignificando cronotopicamente, num fluxo ininterrupto. Sai do

centro o EU e instaura-se o movimento Eu-Outro, mediado pela linguagem; e neste movimento instala-se o princípio da alteridade, que muda a visão de mundo que nossa cultura privilegia, a individualista. O Eu passa a ser responsável pelo Outro, sob pena de não ter consciência de si mesmo. Só no Outro se vê. Compromete-se com ele e dele é seu Outro. Esta é uma diferente visão de mundo, de convivência disputada sim, em arenas cotidianas, mas de maneira “humana”.

Também nesse movimento, instala-se a noção dialógica da linguagem, superando-se tanto a visada estruturalista, quanto a psicologizante. Não se é um “Adão” do discurso. O dizer não nasce do atual falante, mas é roubado de alguém a quem este responde, e dele troca as vestes do passado infinito. E a palavra, prenhe do vivido pela/na sociedade que a seleciona e conecta à estrutura gramatical da língua, o discurso já dito, então servirá a um novo dizer, também responsivo, irrompendo-se de um fio condutor, vestido de um futuro sem fim, para a *festa da ressurreição do sentido*. Um confronto de axiologias. Um duplo refletor que ilumina uma “memória de passado” e “uma memória de futuro”, num “grande tempo”. Neste contato Eu-Outro, a fricção das bagagens sócio-históricas dos interlocutores, recheadas de vivências sociais que permitem a compreensão ativa, expurga a postura passiva na comunicação (interlocução) e demole as verdades absolutas e estáticas dos sujeitos positivos. Diz-se dizendo e diz-se ouvindo. Transformam-se os sujeitos a cada interação. Subordina-se o enunciado ao contexto, cujo corte reduz aquele a um nada de sentido. Instala-se ainda o excedente de visão, que permite ao Eu ver diferente do que percebe o Outro, ainda que ambos olhem para o mesmo objeto. Digladiam-se subgrupos antagônicos (social e discursivamente) que compõem o todo tanto da infra quanto da supra-estrutura, influenciando-se mutuamente, mas em luta constante por uma hegemonia que assegure *essas ou aquelas idéias determinantes dos senhores do pensamento de uma época, verbalmente expressas, algumas tarefas fundamentais, lemas etc*” (Bakhtin, 2006b: 294, grifo meu). Nesses discursos todos, sem qualquer fronteira, nos deparamos com o boato. Bicho camaleônico, que diz sem dizer, que serve a um querer dizer sem que isto fique explícito.

Dessas categorias bakhtinianas - que espero filtrem o meu modo de olhar o mundo, a linguagem e, nesta investigação o boato - passo a abordar de forma mais teórica duas contribuições do Círculo de Bakhtin (independentemente da polêmica de autoria): (1) O sentido de *enunciado/texto*, em virtude de partir necessariamente de enunciados e textos (em sentido estrito) para conhecer meu objeto de pesquisa; e (2) de questões relativas a “significado” e “sentido” como distinção entre *tema e significação* ou a enunciação como

distinção entre frase e enunciado feita por Ponzio. Faço isso, em virtude da necessidade da compreensão e construção de sentidos no âmbito desse objeto.

Segundo Arán (2006:47), Voloshinov afirmou que *fora da experiência material, não existe enunciado*, termo que Bakhtin (2006b: 274) define como *a unidade real do discurso*, que se opõe às *unidades da língua*, isto é, à palavra dicionarizada e à oração, entendida como o conjunto de palavras que expressam uma idéia:

Muitos lingüistas e correntes lingüistas (no campo da sintaxe) são prisioneiros dessa confusão, e o que estudam como oração é, no fundo, algum *híbrido* de oração (de unidade da língua) e de enunciado (de unidade da comunicação discursiva). Não se intercambiam orações como se intercambiam palavras (em rigoroso sentido lingüístico) e grupos de palavras [como sugere o estruturalismo]; intercambiam-se enunciados que são construídos com o auxílio das unidades da língua: palavras, combinações de palavras, orações; ademais o enunciado pode ser construído a partir de uma oração, de uma palavra, por assim dizer, por uma unidade do discurso (predominantemente de uma réplica do diálogo), mas isso não leva uma unidade da língua a transformar-se em unidade da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2006b: 278 grifo do autor e colchetes da pesquisadora)

Bakhtin refere-se ao vínculo *langue/parole* de Saussure propondo *gênero/enunciado*, em que o gênero é mais livre que a língua e tão necessário quanto, na construção do enunciado concreto e singular que constitui a linguagem discursiva. Segundo o filósofo russo, *quanto melhor dominamos os gêneros, mais livremente os empregamos* (2006b: 285) e realizamos o nosso projeto de dizer.

O enunciado é determinado pela relação com a realidade mais próxima e concreta, [embora a mudança de gênero primário para secundário o faça perder *o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais-alheios* (Bakhtin, 2006b: 263)] bem como pela alternância dos interlocutores do discurso, fato que não ocorre na oração. Ele é precedido por enunciados de Outros, palavras alheias, e, ao seu final, pelos enunciados/resposta que suscita. Assim, o enunciado atual (que é uma resposta) é um elo da cadeia da comunicação, que articula um **já-dito** a um **a-dizer** (responder). Desta relação do enunciado com outros enunciados e com a realidade extraverbal resulta sua característica **específica** de conclusibilidade (2006b: 280), afinal a oração e a palavra não têm como dizer ao interlocutor que está concluído seu dizer, a menos que tenham valor de enunciado. A conclusibilidade pode ocorrer pela vontade discursiva do falante, que está saciado de dizer,

momento percebido claramente por seu interlocutor. Categorias específicas a determinam, sendo que a principal é a possibilidade de responder ao enunciado (ou compreendê-lo responsivamente). Este acabamento que possibilita a resposta é determinado por 3 fatores ligados ao todo do enunciado:

- Exauribilidade do objeto e do sentido - o tema é tão padronizado que o sentido do enunciado se esgota. *Ex.: questões de natureza factual e respostas factuais a elas, pedidos, ordens, gêneros padronizados;*
- Projeto de discurso ou vontade de discurso – percebemos a intenção do discurso ou a *vontade discursiva do falante* e assim podemos determinar o todo do enunciado, como se tivesse sido expresso. Esta intenção determina a escolha do objeto (condição de comunicação, relação com enunciados antecedentes) e seus limites de sentido, além da forma do gênero a ser construído o enunciado;
- Formas típicas composicionais e de gênero do acabamento – a intenção discursiva se molda a um gênero determinado pela especificidade de um campo de comunicação, por questões semântico-temáticas, pela situação concreta da comunicação, pela composição dos participantes. (BAKHTIN, 2006b: 281)

A seleção, a disposição e a entonação, ou seja, a estrutura do enunciado é determinada pelo auditório e pela situação em que este se encontra. Entende-se por auditório locutor e ouvinte que se colocam em dois momentos do enunciado: enunciação e compreensão. Por situação entende-se o espaço, o tempo do acontecimento, o tema e a posição dos interlocutores a respeito um do outro e também do próprio tema do enunciado. Para Bakhtin, a situação extraverbal é indispensável à constituição semântica do enunciado, e *a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação* é o que o filósofo russo chama de *tema* (Bakhtin, 2006a: 133). O tema *é o sentido da enunciação completa* (idem) e, como ela, também é irrepetível, individual e único, consequência da relação que mantém com uma interação comunicativa determinada. Não se constitui apenas de palavras, formas morfológicas, sintáticas, fônicas ou de entoações, mas também de elementos extraverbais da situação, sígnicos e não-sígnicos; logo, é concreto e irredutível à análise linguística estrita.

Ponzio (2008: 91) expõe que

o tema é o sentido completo, unitário do signo verbal, considerado concretamente, ou seja, do signo verbal tal e qual se apresenta em contextos comunicativos concretos, na interação social e que, como tal, é uma expressão completa, um ato de discurso que se realiza como resposta a um diálogo implícito ou explícito.

Em jogo com o tema, encontra-se uma parte reiterável e idêntica a cada repetição, ao que Bakhtin chama de *significação* que, ao contrário do tema, pode ser analisada por meio dos elementos lingüísticos expressos no enunciado, isto é, palavras, formas sintáticas, morfológicas, entoação etc. Ela se consiste dos aspectos que produzem efeitos comuns aos enunciados, quando tratados de forma abstrata, sem motivação, sem intenção, sem tema. A priori, a significação por si só não diz nada; apenas possui uma potencialidade de sentido num tema concreto. O tema é *uma reação da consciência em devir ao ser em devir e a significação é um aparato técnico para a realização do tema*, que se apóia sobre uma certa estabilidade da significação que o impede de romper o elo da comunicação com o já-dito e o a-dizer. (Bakhtin, 2006a: 134). O autor considera que a investigação do significado de um ou outro elemento pode acontecer em duas direções: (1) No limite superior o tema, isto é, a “investigação da significação contextual de uma dada palavra nas condições de uma enunciação concreta; ou (2) no limite inferior a significação, ou seja, a palavra no sistema da língua, a palavra dicionarizada” (Ibdem: 136), uma investigação lexical. Ambos, tema e significação, só são apreendidos diante de uma compreensão responsiva e ativa e são distintos apenas como abstração. Na verdade são inseparáveis e sem fronteira precisa. A significação *é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*. (Idem). Aliás, no ensaio *O discurso na vida e o discurso na arte*, de Bakhtin/Voloshinov (1976), é observado que a relação entre significado e sentido se especifica como relação entre *conteúdo explícito* da enunciação e *conteúdo presumido*, sendo que não basta ao significado o conteúdo puramente verbal: *as palavras ditas estão impregnadas de coisas presumidas e de coisas não ditas*, construídas e vivenciadas socialmente.

O que eu conheço, vejo, quero, amo etc. não pode ser presumido. Apenas o que todos nós falantes sabemos, vemos, amamos, reconhecemos – apenas estes pontos nos quais estamos todos unidos podem se tornar a parte presumida de um enunciado. (p.5)

Ponzio (2008: 94) propõe uma terminologia diferente a de Bakhtin para distinguir as duas partes da enunciação que se referem à compreensão responsiva e à identificação, respectivamente: (1) chama de enunciado o significado de uma enunciação, isto é, seu nível sígnico; e (2) de frase ou conjunto de frases o significado da enunciação, que se esgota na identificação, ou seja, o “significado” em sentido estrito e diferente de “sentido”. O primeiro corresponde à unidade linguística, à completude sígnica e o segundo, o significado, está num nível passível de decomposição e recorte. A frase permite isto. Ponzio (*idem*) afirma que

uma frase repetida é sempre a mesma frase; um enunciado repetido não é o mesmo enunciado. Em outros termos, não pode ser repetido ou o que se repete, ao se repetir uma enunciação, é a frase e não o enunciado. Cada vez que a enunciação se repete, o enunciado requer uma compreensão responsiva diferente. Para identificá-la, a enunciação requer um conhecimento (competência linguística) que é *mathesis universalis*¹. Para entendê-la de forma responsiva, como enunciado, a enunciação requer um saber (competência comunicativa) que é *mathesis singulares*², um novo conhecimento para cada novo enunciado. (p. 95)

A enunciação responde e solicita uma resposta, por estar articulada à cadeia de comunicação. Esta resposta, além de verbal, é imbuída de comportamentos, bem como solicita comportamentos que não são somente verbais, que podem ser entendidos como signos que tanto a interpretam como são por ela interpretados. À imbricação desses signos que constituem a enunciação, Ponzio denomina “textos” e afirma ser possível distinguir texto verbal, exclusivamente composto por enunciações, de texto simultaneamente verbal e não-verbal, no qual intervêm comportamentos legíveis, como signos e interpretantes não-verbais. *Fora do texto a enunciação perde seu sentido e se converte em frase isolada ou conjunto de frases* (*Idem*). Assim, a textualidade diferencia o enunciado da frase, segundo Bakhtin.

Estas considerações todas vão servir para observarmos que um texto que parece dizer uma coisa, na minha leitura responsiva, diante dos elementos extraverbais, revela um tema diferente do seu tópico entendido em termos estritos. Vamos já a um breve exemplo:

¹ *Mathesis universalis* é, segundo Descartes, uma ciência geral capaz de explicar tudo o que diz respeito à quantidade e à ordem, independentemente dos objetos a estudar. Fonte: Wikipedia - consultada em novembro de 2009.

² *Mathesis singularis* ciência do próprio objeto, no caso, do próprio enunciado.

A velhinha e o terremoto na Paulista

No fundo, parece que as pessoas preferem o imobilismo a novas surpresas frustradas. Lembro bem, no final do governo Figueiredo, um boato de terremoto na avenida Paulista. A televisão foi entrevistar o povo e filmou uma senhora já bastante idosa. Quando o repórter lhe informou que o terremoto havia sido alarme falso, sua reação foi de profundo desapontamento. Nem me lembro de suas palavras, mas era algo do tipo: "Mas não acontece nada de novo neste país".

Hoje em dia, as pessoas não querem saber de terremotos, do falso novo, das promessas de campanha. É o ceticismo em marcha. A partir de 1º de janeiro, é possível que voltem as esperanças, com a opinião pública começando a contagem regressiva para 2009 ou, quem sabe, ao menos torcendo por um terremoto na avenida Paulista.(sic) (Fonte: FSP, Dinheiro, 19/07/2006)

A priori pensamos que, pelo título, o texto tem como tema a velhinha e o terremoto. Em seguida, vemos que o tópico frasal nos induz a achar que o tema é a preferência das pessoas pelo imobilismo e não pelas surpresas frustradas. Mas, se perguntarmos sobre o que fala este texto, podemos ter como tema:

- Uma pessoa, ainda que idosa, quer novidade;
- Antigamente as pessoas gostavam de surpresas, mas hoje são céticas por terem sido vítimas recorrentes do falso novo e de promessas de campanha (o que não significa que prefiram o imobilismo);
- O começo de um novo ano renova a esperança de que algo diferente vai acontecer;
- e muitos outros temas possíveis,

isto é, distintas possibilidades de compreensão ativa, dependentes da bagagem histórica de cada sujeito, sendo o limite desta compreensão um dado conjunto de sentidos possíveis neste contexto [não podemos dizer que o tema é o preço do abacaxi na feira de frutas].

Como se nota, a maior característica do que diz Bakhtin é seu reconhecimento de que tudo está em movimento, com finalização (o enunciado é dito em sua integralidade), mas com acabamento provisório, sem fechamento (esgotamento das possibilidades de sentido), o que é bastante criticado pelos apegados ao positivismo cartesiano. Mas também, pelo contrário, muitos se sentem desafiados e seduzidos por uma busca que não tem endereço certo: onde, quando, como e se vamos chegar da maneira que intentamos. Esta incompletude, este inacabamento me parece ser instigante para constantes pesquisas. Acredito que deva ser o que move a roda do querer saber. Entretanto, mesmo tendo a clareza do “sem-fim” que

circunda a linguagem, dispus-me a encontrar caminhos lingüístico-discursivos que pudessem desvelar, ainda que em parte, o boato; e que me permitisse ver o homem e o mundo.

Também resvalo em outros teóricos no decorrer desta dissertação. Penso que as pesquisas e estudos têm sempre seu valor e podem ser mixados, desde que não sejam contraditórios. No próximo item apresento de maneira mais formal a contribuição de Michel Foucault com sua reflexão sobre a Vontade de Verdade, deixando claro que outras contribuições aparecerão pontuadas em cada um dos demais capítulos.

1.2.2 De outros teóricos

Estes são muitos. Dos ilustres aos mais desconhecidos. Dos livre-docentes aos teóricos da *Wikipedia*. Todos relevantes. Por que não o seriam? Entretanto, reservei este espaço a uma teoria de um grande filósofo, que sorveu e cuspiu sumos da Tragédia Grega, do Socratismo-Platonismo e de Nietzsche, seu inspirador ainda mais próximo, temporalmente. Falo de Michel Foucault, do qual roubo o dito sobre a Vontade de Verdade. Penso que tanto o filósofo francês quanto Bakhtin se envolveram com o desvelamento do jogo de valores que se expressam no discurso. Foucault observa este jogo na relação de poder, também institucional como ao discorrer sobre a categoria da Vontade de Verdade. Bakhtin observa como esta relação de valores se dá na vida, ao nos constituirmos na interação, ao respondermos aos enunciados, ao agirmos de forma humana. Por isso, creio que ambos podem contribuir na reflexão sobre o dizer boateiro, com algumas ressalvas que registro agora.

Quando mobilizo dois teóricos de peso como Michel Foucault¹ e Mikhail Bakhtin, sinto o peso do desafio de lidar com filósofos de tamanha complexidade e vanguardismo na maneira de questionarem o mundo, o humano do mundo. O que ainda me fascina é o fato de formularem suas questões tomando por material bruto a linguagem. Acredito que se a compreendemos, compreendemos o mundo; se compreendemos o mundo, compreendemos o homem; logo, se compreendemos a linguagem, compreendemos o homem que somos; ou talvez seja isso minha vontade de verdade, afinal querer compreender a

¹ Importante filósofo francês cujos trabalhos eram voltados para questões do saber, do poder e da disciplina, mas tendo o homem como foco. Publicou várias obras e, hoje em dia, publicam transcrições dos cursos que ele ministrou no Collège de France.

complexidade humana pode ser presunção, reducionismo e falsa impressão de que há fechamentos.

Antes de iniciar minhas reflexões, acho necessário fazer um destaque da concepção deste homem no mundo, nas visadas foucaultiana e bakhtiniana, que exibem diferenças, embora eu reconheça que esta questão tem sido, atualmente, objeto de tentativas de integração da parte de alguns estudiosos, de algumas correntes, da análise do discurso de linha francesa.

Foucault é inegavelmente um pensador que manteve como filtro das suas observações as relações de poder. A capacidade que teve de pulverizar em micro-poderes o que era visto como único, centralizado e personificado no/pelo âmbito oficial é mesmo possível só para quem consegue ver os fatos fora do simplismo e previsibilidade pertinentes às pessoas que são comuns, coisa que este filósofo não foi. Foucault inseriu irrevogavelmente a certeza da presença do poder em cada núcleo de interação. Entretanto, quando instala este poder, assujeita a ele os sujeitos, no meu modo de lê-lo. Um momento marcante das leituras que fiz foi quando pude observar em *O sujeito e o poder* a seguinte afirmação de Foucault:

Há dois significados para a palavra 'sujeito': sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou auto-conhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a. (FOUCAULT, 1995: 235)

A afirmação supracitada e ainda a sustentação de que um indivíduo dominado não tem poder, como, por ele exemplificado, um escravo, poderiam fazer pensar que Foucault não considera a possibilidade da resistência ao jugo, como foi o caso dos quilombos. Não obstante, ele está mostrando que tanto o estar sujeito a alguém como o ser sujeito, no sentido de ater-se a uma identidade fixa, são formas de subjugação. Na verdade, ele sugere em outros momentos de seu trabalho formas de resistência ao poder e tentativas de sua superação.

Outra observação que me parece pertinente é a de que a categoria de Vontade de Verdade, por ele desenvolvida, foi pensada com base em suas reflexões sobre a vontade de saber sobre o sexo. Em *História sobre a sexualidade*, volume 1, Foucault observou como o ocidente, a partir do séc. XVI produziu discursos contínuos sobre sexo, na tentativa de formular verdades e mentiras, para expô-lo, ocultá-lo ou mesmo excluí-lo. Segundo o filósofo, “a pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o

que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra” (p. 24) por meio da confissão. No histórico construído por ele, podemos observar que a vontade de saber sexo extrapolou o domínio religioso, passando também ao jurídico, educacional, psicanalítico, médico e outras áreas em que a construção das verdades comumente se “apropria” da modalidade de confissão. Penso que isto é mais uma prova de que uma reflexão feita sobre um determinado *corpus* não se aplica somente a este, obrigatoriamente. Caso fosse assim, o que seriam da analogia, da associação, da transferência de conhecimento que fazemos sobre as coisas? Por que não poderíamos suspeitar que o boato também se potencializa por se configurar por uma face oculta e secreta, semelhante à vontade de saber sobre o sexo, que foi potencializada pela produção do sexo como “segredo”? Jogo de poder para Foucault e ideologia para Bakhtin. Aliás, embora eu não tenha ainda uma resposta segura, penso que a Vontade de Verdade foucaultiana muito se assemelha à vontade de discurso ou projeto de dizer de Bakhtin: Se para Foucault os sujeitos são sempre inscritos em relações de poder, para Bakhtin o sujeito não existe sem linguagem e esta é sempre ideológica. Porém, insisto, quando faço esse exercício de aproximação dos dois pensadores, penso que esbarro no fato de que o sujeito concebido nas teorias desses dois teóricos é diferente.

O sujeito na visada bakhtiniana é um sujeito sempre empoderado, não assujeitado, ainda que aja relacionalmente e, portanto, também do ponto de vista do Outro, o que envolve relações de poder, embora esse não seja o foco de Bakhtin. É um sujeito que se constitui nas relações de interação com o Outro, isto é, na alteridade; que se faz e se refaz a todo instante; um sujeito incompleto, inacabado e que, diante de um diferente Eu, torna-se um Outro e também o constitui. Este sujeito bakhtiniano me seduz, porque me parece capaz da rebeldia, da transformação, do renascimento que é sempre um momento de energia e de movimento. É um sujeito que se constitui na diferença de si, na desigualdade, na exotopia que o dota de um excedente de visão; na memória de passado e de futuro; na dialogia que rouba e oferta dizeres; na responsividade realizada com a contrapalavra.

Mas tanto para Bakhtin como para Foucault, o sujeito não é o sujeito cartesiano autotransparente, senhor de si, nem o agente independente de concepções kantianas. Foucault e Bakhtin recusam assim a idéia do sujeito como origem e base do conhecimento, residindo a diferença no fato de Foucault insistir nas relações de poder tal como afetam, o que é para ele a falsa autonomia do sujeito ocidental. Falsa por envolver justamente uma submissão não só a estruturas de poder como a uma identidade unificada. Foucault busca propor uma filosofia de libertação do sujeito ocidental principalmente de seu assujeitamento a uma identidade hetero-

atribuída e fixa; Bakhtin não se dedica a essa tarefa, mas, tal como Foucault, recusa um sujeito autárquico. Como afirma Sobral (2008), para Bakhtin

as relações entre sujeitos não submetem os sujeitos, singulares, ao coletivo de sujeitos, despersonalizando-os, e ao mesmo tempo não atribui a cada sujeito a possibilidade de se sobrepor ao coletivo, tornando-se autárquico”. Foucault via um perigo de despersonalização do sujeito, e lutava contra isso, mas recusava a autarquia a ele atribuída pelos poderes para fins de sujeição.¹

Esclareço ainda que lanço mão da categoria de Vontade de Verdade com relação ao discurso. Explico melhor: Um locutor tem sempre um projeto de dizer que busca convencer seu interlocutor a ter alguma reação, ainda que seja a inércia. Este dizer se faz de um desejo de verdade para que seja eficaz. Vem disso o que julgo semelhante nos dois pensadores: Quero dizer, e de tal forma que tenha crédito, seja verdade para que gere o efeito desejado. Onde entra o boato nisto? Vou tentar mostrar que o boato é um “recurso” utilizado para tal projeto de dizer, para convencer o ouvinte a agir de uma determinada forma, a forma desejada pelo locutor, e não outra. Aliás, penso que poderíamos chamar a isto também de “estratégia de poder”.

Passemos a verificar as origens da teoria da Vontade de Verdade de Michel Foucault. Afinal, se acredito na dialogia, isto é, na ressignificação de vozes outras, devo buscar as palavras e contrapalavras que constituíram a teorização do grande filósofo francês. Destaco que apenas faço um panorama, uma pequena ilustração, do que “pode ter sido” o caminho de construção da categoria da Vontade de Verdade.

1.2.2.1 Da Tragédia Grega a Foucault: tecendo a “Vontade de Verdade”

Opto por compilar contribuições de Meireles² (2004), pelo fato de ele apresentar uma leitura da visão de Nietzsche sobre a Tragédia Grega e sobre a filosofia

¹ Parte do que digo aqui envolve uma comunicação pessoal do Prof. Dr. Adail Sobral.

² Ildenilson Meireles - Doutor em filosofia pela Universidade Federal de São Carlos e Professor do Departamento de filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.; *e-mail*: imbarbosa@ig.com.br

socrático-platônica. Justifico esta minha escolha por duas razões: (1) por ter sido Nietzsche uma das fontes em que bebi Foucault, proposto como ponto de chegada da formulação do conceito com que aqui pretendo trabalhar; (2) bem como por intentar uma abordagem meramente panorâmica do que, suponho, tenha originado, “dialogicamente”, o conceito de Vontade de Verdade, como já afirmei.

Meireles (2004) afirma que para Nietzsche os trágicos tinham a visão de que a vida não se esgotava num ponto desejável em que os homens se realizariam definitivamente, mas tinham, isto sim, uma visada realista. Não se percebia nos homens da época trágica a necessidade de formação de uma consciência da ação – cálculo de causa, objetivo e sentido da ação - ou de uma autoconsciência, como única possibilidade de felicidade, visto que o mundo real, efetivo não era interpretado como sendo meio, mas fim em si mesmo. A vida, com todas as suas dimensões, era experienciada no “aqui” e não exigia, por parte do homem, uma via que levasse para “fora”, para um “além”. Toda a experiência trágica do mundo já era uma interpretação trágica do mundo. A vontade que se exercia no homem nobre da tragédia, uma vontade que afirmava e criava os meios de sua expansão, era o que permitia o seu sentimento de poder criador e de superação das situações difíceis, sem que fosse necessário inventar um outro mundo perfeito e feliz. A vontade de poder do homem trágico era um tipo de vontade que criava valores a partir das condições de efetividade, sem que dependessem de um mundo idealizado, um “além” para existirem.

Opondo-se a esta visão da Tragédia Grega, Sócrates e Platão negaram este realismo e apresentaram a formação de um tipo de homem cujos anseios e expectativas, frente à existência, se realizariam no plano metafísico. Para a realização de tais anseios e expectativas, isto é, para buscar a felicidade, a condição era uma forma de moral. A ação passou a ser colocada como meio de realização de algo que está muito além da própria ação.

Para Sócrates o que devia estar claro para esse tipo de homem era que a condição de sua felicidade, sua plena realização, se condicionava ao tipo de prática que assumia, como forma de voltar sua existência para aquela finalidade. Não era a ação pela ação, mas a finalidade fora da ação que colocava o indivíduo no caminho de busca da verdade. Exigia-se um objetivo claro não somente da ação, mas dos fins da vida. A vida se tornou meio de reconhecimento de um outro tipo de vida, superior, e cuja experiência só podia ser possível via contemplação. Parece que essa exigência de objetivo colocava as intenções morais como modo de preparação para a realização plena do indivíduo numa outra esfera que a da efetividade. Era preciso sair de uma situação de ignorância ou desconhecimento do sentido das ações praticadas, para estar na condição daquele que sabia

dar as razões de si mesmo, sob pena de jamais estar apto à verdadeira vida feliz. Uma das condições de realização do homem era o *conhece-te a ti mesmo*, que possibilitava o autocontrole ou discernimento daquilo que podia levar o homem à verdade e afastá-lo do erro. Assim, ele interiorizava os conceitos transformando-os em sua meta, ou seja, a consciência que tinha de si mesmo como homem bom, virtuoso e feliz fazia dele merecedor da verdade e do bem.

Desta maneira, com a possibilidade de ser feliz deslocada para outro plano, o ideal de verdade do socratismo apareceu camuflado por uma busca “desinteressada” da verdade, já ensejando uma vontade incondicional de verdade, que colocava o homem na direção de um ideal de perfeição e preparava o advento de novas condições de realização desse tipo de vontade. As considerações que o homem formado pela tradição socrático-platônica tinha sobre o mundo material e sobre os seus próprios sentidos, e que se repetiram posteriormente na moral cristã, eram sempre considerações que tendiam a desvalorizar a dimensão plural da existência em função de algo que se considerava melhor e de valor inestimável: a sua Vontade de Verdade. Essa perspectiva enraizou-se no que se formou no homem ocidental e que o permitiu considerar como natural: uma vontade incondicional de verdade.

A vontade de verdade, que ainda nos fará correr não poucos riscos, a célebre veracidade que até agora todos os filósofos reverenciaram: que questões essa vontade de verdade já não nos colocou! Estranhas, graves, discutíveis questões! (Nietzsche)

Como afirma Marques (2005), Platão via o mundo em que vivemos como aparência ou uma cópia do mundo real que é inteligível. Afirmava que nesse mundo real estavam as essências e o ser humano chegaria até lá por meio do pensamento dialético, que julgava ser um procedimento que valorizava a oposição de valores, partindo sempre de algo que seria dividido em duas partes contrárias. Segundo a autora, Platão pensava que, ao dividir as coisas, era importante que se conhecesse o que era verdadeiro e o que era falso, pois nessa divisão sempre um dos termos era aparência e ilusão e o outro verdadeiro ou essência. Aliás, Sócrates também buscava a oposição dos valores, como verdade x opinião e essência x aparência.

É importante que se note que, da proposta dos trágicos de experimentação e de uma vida que tem um fim em si mesma, observamos pelo socratismo-platonismo a defesa do auto-conhecimento e da contemplação de uma outra vida, isto é, a vida de hoje é meio para a vida em um “além”. Esta é também a visão do cristianismo. A mesma busca pelo aperfeiçoamento humano para ser digno de uma pós-vida terrena. É o moralismo cristão.

Da mesma forma, é preciso destacar que estas considerações supra-compiladas foi a minha leitura de uma leitura de obras de Nietzsche (*Além do Bem e do Mal, Crepúsculo dos ídolos, A gaia ciência, Genealogia da moral, O anticristo, Obras incompletas, Sämtliche Werke*) feita por Meireles. Lembro ao leitor este “detalhe” por acreditar que o sentido não está nas palavras, mas na interação que temos com elas, com toda a bagagem sócio-histórica de cada interlocutor (enunciador/leitor, no caso) e com toda a Vontade de Verdade de cada um.

Para minimizar a possibilidade de equívocos grosseiros, pinço as contrapalavras atribuídas à Nietzsche, apresentadas por Lima (2007). Penso que são mais informações sobre o pensamento nietzscheano para a compreensão ativa do leitor.

Lima (2007:64) afirma que em *A gaia ciência* o filósofo não propôs uma adesão ao pensamento científico predominante, mas uma ciência inspirada no aprendizado artístico: olhar a ciência com a ótica do artista e a arte com a ótica da vida. A arte teria a tarefa de ensinar como se tornar artista e superar as visões preestabelecidas sobre o mundo. Lima cita do filósofo:

Essa vontade de verdade, de ‘verdade a todo custo’, esse desvario adolescente no amor à verdade – nos aborrece: para isso somos demasiadamente experimentados, sérios, alegres, escaldados, profundos... Já não cremos que a verdade continue verdade, quando se lhe tira o véu... (*Gaia Ciência*, Prólogo, §4 apud LIMA, 2007)¹.

Lima ainda diz que negando a busca da verdade da metafísica, Nietzsche propôs considerar verdadeira a realidade transmitida pela aparência e que, desse modo, ele *superou a teoria do consolo metafísico e consolidou a idéia de que a perspectiva artística facilitava a maneira de enxergar que o mundo se reduzia a representações sem fundamentos, apreciando-o, e se livrando da crença num mundo além da ‘superfície’ na qual se vivia.*

¹ Para a conferência do leitor, a pesquisadora referenciada trabalhou sobre a seguinte edição: NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Tradução de Paulo César de Souza. [GC]

Segundo Lima, há uma volta aos gregos quando o filósofo afirma que eles eram adoradores da aparência e a ilustra ao citar: *Esses gregos eram superficiais – por profundidade!* (GC, Prólogo, §4). A autora explica que *ser superficial ‘por profundidade’ significa perceber que a realidade se constitui de representações de fenômenos, mas não possui uma verdade além dessa aparência*. Ainda afirma que Nietzsche negava a vontade de verdade *inscrita nos sistemas filosóficos*, que se ligavam aos preconceitos morais, e que embasavam verdades que definiam a realidade como *face distorcida de uma essência* nunca conhecida; mantendo os homens sob a forma de rebanho. Para Nietzsche, segundo Lima, o homem é um espírito livre, que supera as limitações ao infringir os preceitos metafísicos: a moral e a finalidade da existência. Ele vê o mundo sem acreditar em verdades e certezas, pois o que há, realmente, é ilusório e sem sentido. Não existem neutralidade e objetividade no conhecimento alcançado, pois a vontade de apreender a verdade “a todo custo,” por intermédio do conhecimento filosófico e científico, transforma a busca pretensamente objetiva e desinteressada em devoção a dogmas e doutrinas, em religião. As verdades eternas são invenções humanas, uma vez que a “origem de tudo” é desconhecida. A autora cita de Nietzsche: *O mundo tornou-se novamente ‘infinito’ para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele encerre infinitas interpretações* (GC, §374). Portanto, diz ela, os valores, as necessidades e as certezas são as infinitas interpretações e perspectivas desenvolvidas para compreender a existência. O mundo infinito descrito por Nietzsche, produzido pela ação humana, além de encerrar infinitas possibilidades, traz a idéia de que a vida nasce do acaso, conclui Lima.

De uma maneira bastante clara, podemos resgatar em breves tópicos afirmações feitas por Marques (2005), a partir do seu estudo sobre a arte da argumentação e persuasão no texto *Os Preconceitos dos Filósofos*¹, escrito por Nietzsche:

- Tanto Sócrates quanto Platão partiram da oposição para chegar à verdade, sendo uma forma de visão metafísica, que revela um espírito absoluto de ver as coisas. Nietzsche propôs uma ruptura com essa visão e acreditou que as coisas opostas possuem igualdade quanto a sua essência.

¹ Texto extraído de: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Para Além de Bem e Mal in: Obras Incompletas. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

- A crítica nietzscheana à metafísica teve um sentido ontológico e um sentido moral: o combate à teoria das idéias socrático-platônicas foi, ao mesmo tempo, uma luta acirrada contra o cristianismo.
- É importante ressaltar que os valores que construíram a opção filosófica de Nietzsche foram constituídos pelo Experimentalismo. O Experimentalismo está presente em vários de seus textos. No texto analisado essa característica fica bem evidente, quando ele questiona a gênese dos valores dicotômicos, colocando o leitor numa posição de experimentação, fazendo com que reflita e descubra dentro da essência individual e própria das coisas as respostas que precisa. Nietzsche, ao contrário dos metafísicos, lançou mão de posições baseadas na razão ou argumentação que enclausuravam o pensamento, para trabalhar com vivências, pois, acreditava que não devemos deixar de lado as experiências feitas com nós mesmos.

Não é difícil perceber as diferenças que levaram Nietzsche a denominar o cristianismo de “religião da *décadence*”. Ele se recusava a admitir a submissão do homem aos dogmas do cristianismo, por isso falava em *moral de rebanho*. Negava o cristianismo como religião e como ideologia. Defendia a realização plena do homem e o dizia capaz disso, capaz de definir seus próprios valores, experienciar. Isto o coloca mais próximo à concepção de homem da Tragédia Grega.

Michel Foucault, que segundo Scarlett Marton¹ era leitor de Nietzsche, em dezembro de 1970, em uma aula inaugural no Collège de France, substituindo Jean Hyppolite na disciplina "História dos sistemas de pensamento", expôs *A ordem do discurso* (2006). Tinha por hipótese que *em todas as sociedades a produção de discursos é regulada, selecionada, organizada e redistribuída conjugando poderes e perigos*, e apontou como procedimentos *exteriores* de controle e delimitação do discurso, além da interdição, da separação/rejeição, a Vontade de Verdade. E sobre esta diz:

Se nos situarmos no nível de uma proposição, no interior de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta. Mas se no situarmos em outra escala, se levantarmos a questão de saber qual foi, qual é constantemente, através de

¹ MARTON, Scarlett. Foucault leitor de Nietzsche. In: RIBEIRO, Renato Janine. *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 36-46.

nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se. (2006, p.14)

Foucault ainda diz que os procedimentos de exclusão *se exercem de certo modo do exterior e concernem, sem dúvida, à parte do discurso que põe em jogo o poder e o desejo* (p. 21). A Vontade de Verdade (como vontade de saber) se apóia em instituições e práticas pedagógicas, no sistema de livros, laboratórios e, sobretudo, na forma em que o saber é aplicado em uma sociedade: valorização, distribuição e atribuição. Essa Vontade de Verdade exerce sobre os discursos *uma espécie de pressão e um poder de coerção* que se manifesta:

- Na maneira como a literatura ocidental teve que buscar apoio, durante séculos, no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também – em suma, no discurso verdadeiro;
- na maneira como as práticas econômicas, codificadas como preceitos ou receitas, eventualmente como moral, procuraram, desde o século XVI, fundamentar-se, racionalizar-se e justificar-se a partir de uma teoria das riquezas e da produção;
- na maneira como um conjunto tão prescritivo quanto o sistema penal procurou seus suportes ou sua justificação, primeiro, é certo, em uma teoria do direito, depois, a partir do século XIX, em um saber sociológico, psicológico, médico, psiquiátrico: como se a própria palavra da lei não pudesse mais ser autorizada, em nossa sociedade, senão por um discurso de verdade (p. 18-19).

A Vontade de Verdade assujeita os outros dois sistemas de exclusão, isto é, a palavra proibida e a segregação da loucura, que buscam se legitimar na Vontade de Verdade. Foucault sublinha a Vontade de Verdade *como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa Vontade de Verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura* (p. 20).

Ainda é importante ressaltar que segundo Fairclough (2001)¹, Foucault desloca verdade/conhecimento para verdade/poder e interroga os jogos de verdade. Estes são relações por meio das quais o ser humano se constitui historicamente como experiência. Para Fairclough, o filósofo francês ocupa-se das

‘condições de possibilidade’ do discurso (Robin, 1973:83), sobre as ‘regras de formação’, que definem possíveis ‘objetos’, ‘modalidades enunciativas’, ‘sujeitos’, ‘conceitos’ e ‘estratégias’ de um tipo particular de discurso. (...) A ênfase de Foucault é sobre os domínios de conhecimento que são constituídos por tais regras. (p.63)

Para Foucault não se descobre o que é verdadeiro, mas as regras segundo as quais aquilo que um sujeito diz a respeito de um certo objeto decorre da questão do verdadeiro e do falso. É nisto que me apego para deslocar o conceito de Vontade de Verdade do ninho da vontade de saber, do discurso científico, para qualquer discurso. Qualquer falante quer que seu discurso, seu projeto de dizer seja creditado e o constrói de forma a convencer seu interlocutor desta veracidade, para obter a eficácia do seu discurso, da sua intenção com o dito. Além disso, qualquer discurso tem estrutura específica, tem regras “relativamente estáveis”, ou seja, compõe um gênero. Ao interlocutor cabe atentar-se para as regras das quais decorrem a verdade ou a falsidade do que ouviu. Isto é o que o que interessa, aliás, *Se você parar pra pensar na verdade, não há*, já disse Renato Russo.²

Destaco que Bakhtin e Foucault, até mesmo Nietzsche, empenham-se por um sujeito livre. Uma liberdade que é sempre desejada, mas eventualmente reconhecida como negada, em maior ou menor grau por cada um dos pensadores, quando disso se ocupam, mas nunca um sujeito autárquico que vale mais que o coletivo, que o social.

Creio que o boato serve ao projeto de dizer como um recurso e disso deduzo que está também a serviço da Vontade de Verdade. Por ser fundamentalmente invasivo, o boato se faz presente em qualquer campo discursivo e vamos observar esta característica nos próximos capítulos.

¹ Norman Fairclough é professor emérito de lingüística na Universidade de Lancaster. È um dos fundadores da Análise Crítica do Discurso. Esta não se interessa somente pelo texto em si, mas pelas questões sociais que incluem maneiras de representar a realidade, de manifestar as identidades e as relações de poder no mundo contemporâneo, isto é, a interação do texto com as estruturas sociais.

² Renato Russo, Cantor e compositor brasileiro, Referência à música Pais e Filhos. Composição: (letra: Renato Russo – Música: Dado Villa-Lobos/Renato Russo/Marcelo Bonfá)

Reforço a afirmação já feita de que outros teóricos serão mobilizados no transcorrer dos capítulos, para que, por questão de preferência, não se distanciem ou fiquem muito deslocados das análises, visto que são mais pontuais.

Ainda temos a apresentar o que tomei como *dados* para refletir sobre esta prática linguageira que é o boato.

1.3 A constituição dos dados a partir do jeito de olhar

Acho necessário esclarecer que, como penso linguagem como algo se dando em movimento discursivo, numa interação dialógica e sócio-interacionista, não posso ter como expectativa uma compreensão completa, pronta e acabada do boato, mas uma compreensão do que está posto em recortes de tempo-textual feitos na linha do discurso. Estes fui compilando e lançando mão, na medida em que surgiam e me suscitavam reflexões, algo a ser observado com mais detalhamento.

Busquei estes recortes na internet na expectativa de que fosse possível resgatar o boato como ocorre na oralidade, com marcas linguísticas como “Me disseram que...”, fato que não ocorreu, mas que me valeu para observá-lo na linguagem escrita. Outra fonte foi o Jornal Folha de S. Paulo, tanto impresso, quanto na modalidade *online* de onde pude extrair a maioria dos boatos que apresento e das formas de emprego deste termo.

Vale destacar questões relativas às obras teóricas sobre boato. Quando iniciei a pesquisa, tive acesso somente à obra de Gaiarza, *Tratado Geral sobre a fofoca (1978)*, à obra de Kapferer (1993), *Boatos: o mais antigo mídia do mundo*, felizmente localizado na biblioteca da UNICAMP e de Orquiza (2000), *Fato ou Boato: você decide*. Apenas estas obras encontradas foram escritas antes de 2000 e depois deste ano, as publicações não foram tão significativas também. No ano de 2008 foi publicada a obra de Ramon-Cortés, *Vírus: o perigo dos boatos nas empresas*, e em 2009 o livro de DiFonso. Não foi fácil, da mesma forma, localizar trabalhos de mestrado e doutorado sobre boato. Julgo que seja esta uma informação relevante para que se perceba que, apesar de o boato ser uma prática linguístico-discursiva muito antiga e presente em várias, senão em todas, as culturas, pouco há de registro de pesquisa sobre ele, especialmente no nosso país.

Também é fato que, a maioria das publicações tratam o boato no mundo das organizações de trabalho, inclusive tese de pós-graduação [mercado financeiro], e os campos

mais explorados são o psicológico e o das comunicações. Mas, o boato encontra-se presente em todas as práticas sociais (esferas da comunicação social) e pode ser objeto de qualquer domínio disciplinar que lida com estas esferas. Espero contribuir, ao final desta pesquisa, para o domínio linguístico-discursivo.

Apresentados os principais fundamentos teóricos e o que tomei para análise, passo ao Capítulo 2 em que me ocupo de narrar o que encontrei teoricamente sobre boato, ao qual metaforicamente chamo de “camaleão”. Na verdade exponho as contribuições de vários teóricos e as discuto, num exercício de compreensão responsiva, mantendo, obviamente, meu respeito por todos eles. Socializo com o leitor a seleção das informações que colhi e que julguei relevantes para esta dissertação.

CAPÍTULO 2 O ENCONTRO COM O “CAMALEÃO”

Como explicar a inexistência de trabalhos sobre o assunto [boato]? Um motivo primordial diz respeito à dificuldade da tarefa. É mais fácil se trabalhar com a imprensa, o rádio ou a televisão, porque suas mensagens são conservadas (...) Só lhe resta [ao pesquisador] realizar entrevistas para tentar captar a “lembrança” do boato, destinado ao esquecimento, à racionalização e à distorção. (...) O pesquisador não estuda o boato, mas a lembrança/traços que ele deixou entre as pessoas. O objeto mesmo não é passível de observação. (KAPFERER, 1993:5)

2.1 Os primeiros ditos encontrados

Assim que minha curiosidade foi aguçada pelos acontecimentos dos Jogos do Pan-Rio, pesquisei na internet o que havia sobre boato. Confesso que achei interessante observar as abordagens de diferentes áreas do conhecimento, sobretudo as relativas à sociologia. Neste capítulo, minha intenção é justamente mostrar que o boato perpassa uma significativa variedade de campos de estudo, embora, no Brasil, encontremos pouco material publicado. Não julgo relevante tratar de forma mais profunda cada uma das áreas, mas somente demonstrar que o “camaleão” é invasivo e intrigante, por isso é uma rápida passagem pelo material que inicialmente encontrei. Limito as observações mais acuidadas ao campo linguístico-discursivo, mote desta dissertação.

Destaco ainda que conhecer o locutor facilita a construção de sentido para o interlocutor, afinal é parte do auditório. Por isso, procuro colocar notas de rodapé sobre cada autor citado, destinadas especialmente aos possíveis leitores que não fazem parte da área de estudo da linguística. Vamos então, às contribuições que pensei serem interessantes.

A abordagem psicológica costuma atrelar o boato aos sentimentos do desejo, esperança, projeção, enfim a fatores emocionais. Monique Augras¹, estudiosa da área em articulação com a cultura, vê esta atividade humana ocorrendo no meio social, porém regada pelo sumo da inconsciência:

A difusão do boato expressa as tendências inconscientes de um grupo, desde que este grupo se encontre numa situação de insegurança, de tensão

¹ Psicóloga francesa, radicada no Brasil desde 1961, começou sua pesquisa na área de psico-diagnóstico, migrando para a psicologia da cultura na qual se fixou. É professora titular da PUC-Rio.

emocional, de incerteza no tocante às informações. Quanto maiores forem as tensões, em particular quando a própria sobrevivência do grupo estiver em jogo, mais facilmente aparecerão boatos e mais difícil será desfazê-los, porque serão fundamentalmente arraigados em motivos inconscientes. (Augras, 1970:82)

Peter Burke¹, importante historiador, afirma que dois temas recorrentes vêm sobrevivendo pelo menos desde a Idade Média (se não muito antes) até os nossos dias²:

- A história de que alguém está envenenando os suprimentos de água. Originalmente eram os poços e, mais recentemente, a água encanada de Los Angeles, Tel Aviv e outros locais;
- O boato quanto ao rapto, abuso e assassinato de crianças. Na Era medieval, segundo ele, estas ações eram atribuídas frequentemente aos judeus e às bruxas, Sec XVI e XVII. (apud: Centro de Mídia Independente/São Paulo www.folha.UOL.com.br/fsp)

Há uma boa presença de franceses, estudiosos da área das Ciências sociais, antropólogos e, sobretudo, sociólogos que estudam o denominado *rumor*, que não difere do que chamamos de boato e de tantas outras designações, como tratarei mais à frente. Destaco neste momento Morin e Renard somente como ilustração do que encontrei nas primeiras investidas que fiz para compreender boato.

O francês Edgar Morin³, filósofo, sociólogo e epistemologista, investigou o chamado “boato de Orléans”, ocorrido na década de sessenta. Tratava-se de um dito de que em uma loja de departamentos, sintomaticamente de propriedade de judeus, mulheres brancas desapareciam dos provadores que ficavam no subsolo. Dopadas, raptadas e sequencialmente entregues a uma rede especializada, tornavam-se mercadorias de tráfico humano. Morin, dirigindo-se à cidade de Orléans com sua equipe de trabalho, verificou tratar-se de boato, e, propôs afirmativas sobre esta prática social, das quais destaco:

¹ Historiador inglês, reconhecido como grande especialista em Idade Moderna européia. Desenvolveu no Brasil o projeto de pesquisa *Duas crises de consciência histórica*, como professor visitante do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo- IEA-USP

² Eni Orlandi (2008:132) faz referência a um boato presente na constituição da história do Brasil, num texto do frade capuchinho Martin de Nantes, em 1706.

³ Pseudônimo de Edgar Nahoum, resistente francês, um dos principais pensadores do séc XX e XXI; epistemólogo da complexidade. Autor de mais de 30 obras.

- O boato resulta de um incidente dramático;
- As pessoas mais isoladas da comunidade são as melhores “condutoras” de boatos;
- Os temas mais comuns são: assassinatos, seqüestros, fome, doença;
- Os acontecimentos geralmente são atribuídos aos maçons, feiticeiras, judeus, católicos, comunistas, muçulmanos e mulheres vingativas. (Edgar Morin, apud: Folha online)

O também sociólogo francês Jean-Bruno Renard¹ (2007) afirma que não existe meio social sem boato e que cada grupo social possui seu próprio repertório. Segundo ele, a adesão a eles não se dá por falta de instrução ou irracionalidade, mas ao fato de que estas narrativas confortam as opiniões e as atitudes. Renard propõe como definição de boato:

Um enunciado ou uma narrativa breve, de criação anônima, que apresenta múltiplas variantes, de conteúdo surpreendente, contada como sendo verdadeira e recente em um meio social que exprime, simbolicamente, medos e aspirações. (p.98)

Minha intenção até aqui foi tentar reconstruir, panorâmica e cartograficamente as primeiras curiosidades, sensações e os primeiros resultados de busca sobre boato. Ao chegar até aqui, percebi, sobretudo, que o boato se faz presente em grupos sociais e que vários campos do conhecimento já o detectaram como um fenômeno que mantém contato com a área, isto é, trata-se de um acontecimento que têm relação com a antropologia, a psicologia, a sociologia, a comunicação, a história e outros.

Creio que agora posso começar a registrar as observações feitas com mais subsídios teóricos e maior acuidade sobre este objeto verdadeiramente **camaleônico**.

¹ Pesquisa, sobretudo, cultura popular: ru mores, lendas urbanas, crenças e fantasias.

2.1.1. Contrapalavrando sobre as definições do camaleão

Kapferer(2003)¹, um estudioso francês que se dedicou ao assunto, aliás dos mais citados no Brasil, confere aos americanos Allport e Postman o título de pioneiros nas pesquisas sobre boato, em decorrência dos efeitos desta prática linguageira durante a Segunda Guerra Mundial. Em sua obra *Boato: o mais antigo mídia do mundo*, este sociólogo apresenta três definições de boato, elaboradas por Allport e Postman, por Knapp e por Peterson e Gist, respectivamente:

Boato é uma proposição ligada aos acontecimentos diários, destinada a ser aumentada, transmitida de pessoa a pessoa, habitualmente através da técnica do ouvir-dizer, sem que existam dados concretos capazes de testemunhar sua exatidão. (Extraído da obra *An analysis of rumor*. Inverno de 1946-47)

Boato é uma declaração destinada a ser aumentada com base na realidade e divulgada sem verificação oficial. (Extraído da obra *A psychology of rumor*, de 1944)

Boato é um resumo ou explicação não verificados, que circula entre pessoas e faz referência a um objeto, a um acontecimento ou a uma questão de interesse público.
(Extraído da obra *Rumor and public opinion*, de 1951)

Kapferer acrescenta que estes autores apresentam inúmeros exemplos de *falsos boatos* e defende a existência de boatos verdadeiros, como *os que antecipam a queda de um ministro* (p.6), por exemplo. Entretanto, tenho uma visão diferenciada. Vejamos um exemplo atual, extraído de uma matéria jornalística que divulgava novidades na sexta edição do livro *Folha de São Paulo: primeira página*, como a narração do episódio abaixo, transcorrido numa sala de redação do jornal:

"Temos alguma pista nova desse caso?", continua o secretário.

"Por enquanto não", diz Cruz.

(Reunião das 17h): Circulam boatos de que uma "bomba", prometida pelo advogado José Roberto Batochio, poderia desestabilizar o ministro Márcio Thomaz Bastos.

"Isso tudo ainda é boato?", pergunta Vaguinaldo Marinheiro, secretário-interino de redação.

¹ Jean-Noël Kapferer atualmente se dedica a área de marketing, sobretudo, gestão de marcas.

"É boato", responde Cruz.

(Às 19h15) Vaguinaldo atende um telefonema de Brasília. A notícia é que o Ministério Público pedirá a quebra do sigilo telefônico de Palocci e de assessores de Thomaz Bastos.

(Às 19h30), sai a primeira manchete: "Pedida quebra de sigilo de Palocci."

(Às 22h15), (...) Nova revelação: o ex-ministro havia sido indiciado pela suspeita de quebra de sigilo bancário. Vaguinaldo liga para Brasília. Repõe o telefone no gancho e avisa aos redatores:

"A manchete vai mudar. Será 'Palocci depõe na PF e é indiciado'".

O título anterior vira uma chamada menor, abaixo.

A nova capa está pronta.

(FSP 08/04/2006. Caderno Ilustrada)

Percebemos que tanto pelo desenrolar dos fatos entre às 17:00h e às 22:15h, quanto pelos anos que se seguiram, que o Ministro Marcio Thomaz Bastos não "caiu". Mas, escolhi esta passagem não somente para contrapor a afirmação de Kapferer referente à natureza do exemplo dado para boato verdadeiro. Quero ir além.

Observemos que nas três definições de boato já citadas, o ponto comum e invariável é relativo à verificação do fato "boatado", expressada como: (a) *sem que existam dados concretos capazes de testemunhar sua exatidão*; (b) *sem verificação oficial* e (c) *não verificados*, respectivamente. Esta é a questão, para mim. Isto é o que constitui a essência do boato, ou seja, a **impossibilidade de verificação**, porque, **se verificado e confirmado como verdadeiro, passa a categoria de "fato real"**[termo criado por mim]; **se verificado e confirmado como falso, passa a categoria de "não-fato real"**. [idem]¹. Parece-me que a confusão se dá ao dizer, equivocadamente, que um boato pode ser verdadeiro ou falso; ao invés de se dizer que uma informação pode ser tanto verídica quanto falsa, apesar de nem sempre sabermos com exatidão em que categoria colocá-la. Para mim, o boato se constitui de uma afirmação feita sobre uma dada informação e tendo por objetivo **aparente** (in)formar, ainda que seja de maneira "errônea", isto é, uma afirmação sobre algo, dada como informação efetiva. Porém, esta afirmação não é verificada e/ou é inverificável, isto é, **uma afirmação que não se confirma e nem se nega**. Se esta afirmação não é verificável e ela constitui o boato, não há como dizer que um boato seja verdadeiro ou que seja falso. **O boato é boato**. Isto não significa dizer que seu conteúdo não pareça ser uma informação factível, verossímil. Aliás, sem esta verossimilhança nenhuma pessoa o repassaria. Ninguém quer ser considerado um enunciador maluco. Porém, **a verificação implode o boato. Ele deixa de existir, muda**

¹ Uso estes termos para evitar as palavras "verdade e mentira" que me parecem imbuídas de um maniqueísmo que induz a outras concepções graves, como por exemplo, a de um sentido único do texto.

de categoria, ou de gênero, melhor dizendo. Passa de boato a fato real ou a não-fato real. [Mais à frente, abordarei a questão da circulação, também importante para a credibilidade do boato.]

Agora, vamos refletir juntos: Um boato recorrente é o de que indivíduos portadores de AIDS estão injetando o próprio sangue contaminado de vírus HIV em usuários de metrô, na hora de *rush*. Costumam, inclusive, variar detalhes [fato comum no boato] como o uso de seringa de insulina que implica objeto menor, com agulha pequena e quase indolor ou seringa normal. No boca-a-boca, a estação onde ocorreram crimes desta natureza muda de cidade e de país. Por ser inexecutável a verificação desta informação em **todas** as regiões, e, ainda, por sabermos que muitas vezes a fonte de contaminação de soropositivos é desconhecida [portanto pode ser mesmo por inoculação de sangue contaminado], não há como desqualificar este boato. Não há como transformá-lo em informação falsa, ainda que mundialmente emitam-se notas de que nunca houve um caso sequer registrado nas delegacias policiais, ou hospitais etc. A verossimilhança somada à impossibilidade de verificação efetiva mantém este dito na ordem do boato. Muitos duvidam, mas não ousam excluir completamente a “potência de fato-real” desta afirmação. Provavelmente esta história se manterá como um boato recorrente, até que a cura da AIDS extinga o risco proveniente deste crime e que **todos** tenham a informação de que existe esta cura; porque aqueles que não tiverem este conhecimento continuarão repassando este boato, afinal é verossímil. Este raciocínio nos faz concluir que **um mesmo dito pode ser boato para uns e fato real ou não-fato real para outros. O que faz a diferença então é mesmo a verificação da informação, que é diferente da veracidade da informação: a veracidade se apóia na base material do universo real** – existem aidéticos, isto é pessoas que possuem no sangue o vírus HIV desenvolvido, existem seringas, metrôs, usuários de metrôs, *rush*; porém não é possível sabermos se existem ou não pessoas aidéticas contaminando com o próprio sangue, por meio de seringas, os usuários de metrô na hora do *rush*. Eis o boato. **Seria isto o que o diferencia do conceito “comum” de verdade e de mentira? Seria esta a resposta a uma das perguntas relatadas no Capítulo 1, no item 1.1?**

Em tempo, quero resgatar as afirmações supracitadas de Peter Burke, Morin, Allport e Postman, bem como de Peterson e Gist, de Renard e finalmente de Augras, articulando-as com este boato. Observem que o exemplo de boato recorrente, o de envenenamento dos suprimentos de água, dado por Burke, mantém certa semelhança com a contaminação indiscriminada de pessoas por sangue contaminado. Ambos mantêm como pressupostos o medo, e mais, o medo da morte. Também, as ações “boatadas” eram atribuídas

a pessoas que podemos chamar de *ameaçadoras*, portanto, *marginais* como: *bruxas, judeus, maçons, muçulmanos, mulheres vingativas*. Infelizmente, não podemos negar que nossa sociedade contemporânea tem dificuldades de interagir com os chamados soropositivos, excluindo-os.

Já nas contribuições de Morin vimos que um dos temas mais comuns do boato é a doença, certamente como a AIDS hoje, um dos *incidentes mais dramáticos* e ameaçadores do final do séc XX. De Allport e Postman destaco a *ligação com acontecimentos diários*, como o uso de metrô e a permanente ameaça de contaminação pelo HIV; de Peterson e Gist *a referência a uma questão de interesse público*, isto é, milhares de pessoas usuárias de metrô estão expostas à contaminação desta forma criminosa; a ameaça é geral.

Articulando com a definição de boato dada por Jean Renard, este boato é *uma narrativa breve, de criação anônima, conteúdo surpreendente, contada como verdadeira e recente, que exprime, simbolicamente, medos*. Finalmente, Augras nos brinda com a afirmação de que *quando a própria sobrevivência do grupo estiver em jogo, mais facilmente aparecerão boatos e mais difícil será desfazê-los*; lembremo-nos de que a AIDS mata!

Reconheçamos que estes estudiosos foram bons observadores. Mas há outros ainda que também estudaram o boato. Pude conhecer seus trabalhos durante a pesquisa. Vejamos outras contribuições e com elas dialogo.

2.2. Outros ditos sobre o “camaleão”

2.2.1. Nascimento e mutações do “camaleão”

Já foi dito anteriormente como epígrafe (Cap. 1, item 1.1), que o boato é uma constante nas relações sociais. DiFonzo¹ (2009:10) explica sua prática por duas características da natureza humana: (1) As pessoas são “entidades sociais e relacionais” e (2) têm “profundo anseio por compreender o mundo.” Juntando estas duas características, resulta o que o autor chama de *racionalização compartilhada* e o boato é a sua *atividade por excelência*, isto é, diante de incertezas, buscamos compreender o mundo coletivamente.

¹ Nicholas DiFonzo é professor de Psicologia do Rochester Institute of Technology. Estuda boato no ambiente de trabalho.

Kapferer (2003) também afirma que quando não temos uma explicação oficial, lançamos mão de cogitá-la por meio do boato, para satisfazer nossa insegurança. Sinceramente, não consigo fechar tanto o foco de explicação para a ocorrência deste fenômeno. Questiono se realmente sejam estas as únicas razões, ou ainda as mais recorrentes dentre todas elas. Creio, como demonstro no capítulo seguinte, que um boato pode ser fruto de um projeto de dizer que não se embasa somente na falta de explicação. Penso que pode ser um **recurso**, uma estratégia **para outros dizeres, outras Vontades de Verdade, de uma maneira mais indireta ou camuflada**. Ora, se percebemos que um boato pode servir para alterar opiniões, para deflagrar preconceitos, para definir o que consumimos, para projetar-nos como sabichões bem “informados”, para refutar ou aproximar pessoas das nossas relações e para ter tantas outras serventias, acho difícil pensar o boato somente a partir do medo e da falta de explicação para as coisas do mundo, apesar de reconhecer que **talvez** possam ser usuais estas razões. Ainda assim, várias coisas escapam destes motivos. Para mim, o boato é mesmo um “camaleão” que serve **de forma escamoteada** aos mais variados projetos de dizer (enunciados/textos), fazendo-se presente nas diversas atividades humanas de interação social. Digo escamoteada por ele **servir a outro dizer, por trazer um dizer que não está dito**, por isso, **um recurso, uma estratégia, um argumento, um implícito**.

Aliás, retomo em tempo o que disse Jean-Bruno Renard (2007), isto é, *que não existe meio social sem boato e que cada grupo social possui seu próprio repertório*. Também o que disse Bakhtin (2006b: 261): a) *Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem*; b) *O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados, orais e escritos, concretos e únicos*; c) *Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e pelo estilo - seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional*; d) *tema, estilo e forma composicional se ligam “ao todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação*; e) *cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros discursivos*. Ora, se há “meio social”, neste há “atividade humana que usa a linguagem em forma de enunciados relativamente estáveis” (*próprio repertório de boatos*), **boato seria um gênero discursivo? Um gênero que hibridiza outros gêneros? Seria esta mais uma resposta afirmativa a um dos questionamentos iniciais?** Continuemos refletindo porque ainda não estou tão certa disso.

Caminhando um pouco mais com os ditos encontrados, Allport e Postman afirmam que os boatos “encolhem” (apud DiFonzo,2009: 6), fato percebido a partir de uma

pesquisa realizada com uma metodologia que lembra a brincadeira do telefone sem fio. Isto equivale dizer que a mensagem vai sendo alterada e reduzida. Talvez seja com base nesta pesquisa que estudiosos da área de comunicação chegam a afirmar que o boato se origina nas primeiras trocas de comunicação entre os indivíduos, que sofre mudanças e que se estabiliza na sexta ou sétima transmissão (Kapferer, 1993: 6). Creio que esta seja uma afirmação matemática demais para o universo discursivo-interativo. Entretanto, vejo lógica quanto ao fato de que os pormenores do boato são poucos, embora, às vezes, de teores exagerados, adaptados ao presente e apresentados de acordo com a realidade das pessoas, isto é, seu modo de ver o mundo. Penso que, quanto mais detalhes existem num boato, maiores são as chances de checarmos cada ponto dito; talvez seja a razão de serem estruturados como narrativa breve. Quanto mais “peças” estiverem disponíveis, mais eficiente será a nossa capacidade de verificação; além do que, um boato sem qualquer efeito atual, não interessa a ninguém.

Corroborando com a afirmação feita pelos dois estudiosos pioneiros, Allport e Postman, Ramon-Cortés (2008)¹ diz que as informações da história boatada sofrem pequenas *manipulações que lhe dão força*. Em sua obra, ele articula, o tempo todo, dois episódios: a instalação, disseminação e erradicação de uma epidemia virótica nas Ilhas Virgens Americanas e os problemas que um amigo enfrenta na sua empresa, na verdade frutos de boatos. Os dois eventos são tratados como vírus e as ações são analógicas. Daí, o que afirma o autor:

Quando começa a circular, o rumor vai mudando. É o mesmo que acontece com alguns vírus, normalmente a mutação implica aumento da virulência, de poder destrutivo. O rumor, que passa de boca em boca, é modificado com a finalidade de ter mais sentido e interesse para os novos destinatários. Detalhes externos são excluídos e outros exagerados para que a mensagem adquira um significado determinado. São pequenas perversões que fazem com que a mensagem chegue a ser mais impactante. E, de rebote, aumente a sua virulência e se torne mais “contagiosa.” (grifo do autor, p. 62)

Vale destacar que quem conhece e pensa no “destinatário” é o próprio enunciador. Esta afirmação de Ramon-Cortés vem ao encontro do que afirmei acima, sobre boato a serviço de um projeto de dizer, isto é, a **manipulação ou pequena “perversão”** é

¹ Licenciou-se (1987) em Ciências Económicas e Empresariais em ESADE (uma das 10 melhores escolas de negócios da Europa). Depois de uma breve experiência no campo do Marketing, escolheu a publicidade como profissão, na qual continua a trabalhar. Nos últimos anos dedicou-se ao estudo da comunicação pessoal. Fonte: <http://mhij.pt/autor/ferran-ramon-cortes/>

feita pela mudança de estratégia no projeto de dizer do novo enunciador, um novo recurso ou um recurso mais otimizado servindo a uma intenção, a um desejo de dizer e provocar uma reação, uma resposta **presumidamente** desejada também. Esta ação, no meu entendimento, não visa “dar força ao boato”, mas ao que se quer obter como resposta dada ao que ele está servindo, ao projeto de dizer do locutor.

Cabe aqui uma nova indagação que agora me ocorre: É fácil notar que o boato circula em vários suportes [jornais, revistas, e-mails, rádios, conversas pessoais e vários outros], que atende a vários projetos de dizer [o que significa vários enunciadores, vários destinatários, vários temas]. Ora, estas são questões que determinam a variação dos gêneros discursivos [se muda o suporte e/ou a forma e/ou o tema e/ou o estilo e/ou o auditório e/ou o sentido de acordo com as relações asseguradas pela interação, muda-se o gênero]. Porém, o boato continua “boatando” tranquilamente diante das mudanças. **Por dedução poderíamos afirmar que o boato é um gênero mutante? Transversal por correr em quase todas as raias do discurso?** Mas, por outro lado, se todo gênero é “relativamente” estável, sua natureza também instável não o torna “sempre” mutante? Da mesma forma, se os gêneros circulam em diferentes esferas da comunicação humana, ser “transversal” não seria uma característica constitutiva? **Difícil ainda saber se boato é gênero discursivo.**

Julgo relevante observar aqui, que os mais recentes estudos sobre o boato têm uma ligação quase que direta com o mundo do trabalho. Ouso inferir que isto se dá pelo fato de os prejuízos serem diretamente vinculados ao capital monetário. Uma empresa que enfrenta problemas decorrentes de frequentes boatos, seguramente terá queda na qualidade das condições de trabalho (produção). Num mundo em que se pensa sob a ótica capitalista, competitivo, cercado por uma rede de relacionamento inclusive cibernético, há que se preocupar com ameaças como o boato, porque ele se alastra. Vejamos:

2.2.2 A rede, a rapidez e o rastro do “camaleão”

O boato se alastra e o faz com rapidez. Esta celeridade nos impressiona quando pensamos que o mundo é grande demais e que há gente demais nele. Por outro lado, certamente já nos surpreendemos ao perceber o que geralmente expressamos com um clichê: Como o mundo é pequeno!

Não há quem fale por falar, não há quem fale coisas implausíveis, bem como não há quem fale para ninguém. Ainda que falemos para nós mesmos, este é nosso Outro. Isto equivale dizer que sempre temos um interlocutor, sempre dizemos coisas “razoáveis” [do ponto de vista de serem advindas da razão] e sempre temos um projeto de dizer. Se passo às pessoas que compõem minha lista de contatos [pequeno contingente de pessoas diante do universo humano] uma informação **não-confirmada** mas aceitável, verossímil, relevante, necessária, interessante etc. e peço a cada uma que a repasse aos seus próprios contatos, não posso pressupor que somente os mesmos nomes obterão delas tal informação, afinal, a chance de que as listas sejam **exatamente iguais** é praticamente inexistente. Se pensarmos que, em virtude da importância da dita informação isto se repetirá em seqüência, conseguimos perceber a rede pela qual se alastra o boato. Por outro lado sabemos também que não repassamos as mesmas informações a todas as pessoas indistintamente. Por várias razões, privamos alguns contatos de sabê-las.

Uma pesquisa feita pelo sociólogo Theodore Caplow (apud DiFonzo, 2009:106) concluiu que os boatos militares tendiam a ser transmitidos dentro de grupos estabelecidos, em vez de serem transmitidos de um grupo a outro [oficiais entre oficiais, soldados entre soldados]. Embora possamos pensar de maneira bem forte na questão das relações de poder e hierarquia no meio militar, reconhecemos que frequentemente a estrutura das redes de comunicação, reflexas das redes sociais, estimula ou bloqueia o fluxo do boato. Esta mesma razão, isto é, esta diminuição do tamanho da rede, sendo que cada membro se ocupa de um número plausível de contatos, que serão ampliados por cada um dos destinatários é o que pode explicar a celeridade do boato. Na terminologia das redes sociais, indivíduos que têm contato com um grande número de pessoas são denominados “eixo”. Portanto, da mesma forma que existem pessoas que não repassam boatos [no sentido de informação não verificada, (sem juízo de valor)], há aquelas que contribuem de maneira incisiva para sua propagação.

Kapferer (2003:17) chama a atenção para o fato de que o boato corre por ter um valor. Considerado como informação não-oficial, a *ruptura de um segredo*, ele circula *fora dos canais habituais dos grandes mídias*, por isso é raro, ou seja, poucas pessoas o acessam de imediato, poucas pessoas detêm este saber, e *este é seu valor*. Logo, divulgar o boato é colher os frutos do seu valor; e como informação não é, digamos, “um bem durável,” é preciso que se repasse logo, daí a rapidez do boato. Diz o autor:

A rapidez do boato se explica logicamente pelo empobrecimento inevitável do valor de uma informação. Esse mesmo procedimento explica outras facetas do boato. Por exemplo, o boato refere-se quase sempre a um acontecimento recente. Mesmo quando se trata de boatos repetidos, ouvidos lá e cá, há mais de dez anos, o relator se apresenta sempre como detentor de um *scoop*, de uma informação de primeira mão. Essa reatualização permanente é um traço estrutural dos boatos. Ela é necessária e lógica: driblando o tempo, recolocando o cronômetro em zero, cada um reinventa o valor do boato.

Penso de forma distinta deste autor: enquanto ele afirma que o boato, por ser uma informação não-oficial, um segredo, circula fora dos canais das grandes mídias, entendo que a mídia é um ótimo canal de difusão dos boatos, bastante utilizado, sobretudo nos dias atuais com o advento da internet, sem falar nos jornais e revistas impressos, onde lemos **como fato-real** informações não confirmadas e nem negadas, às quais atribuímos credibilidade, como veremos abaixo, bem como na análise feita no capítulo 3. A mídia não só divulga, mas **cria** boatos e o faz em virtude do seu projeto de dizer. Não é difícil pensarmos na credibilidade dada a uma informação **não confirmada** [um boato] repassada de boca-em-boca e no boato repassado pela mídia. Podemos afirmar pela nossa experiência sócio-cultural que o que é dito pelas instituições é facilmente visto como verdade, a que chamo de fato-real e o dito dos pares comuns é mais facilmente dubitável.

Também ao contrário do que diz o autor, que poucos detêm este “saber raro, origem do seu valor,” creio que **o valor do boato, que justifica sua recorrência, se dá pela eficácia do poder de argumentação, de convencimento, de mobilização do seu conhecedor**. Ele só mobiliza se convencer; e estratégia de convencimento é constitutivo de um projeto de dizer, ainda que o objetivo da utilização do boato não seja explícito e que o desejo deste projeto seja manter o interlocutor inerte. Só há transmissão de uma informação boateira se cremos nela e se sua divulgação beneficia o que objetivamos com o nosso dizer, se ela assegura nossos interesses (valores, crenças, desejos etc.). Se a julgarmos sem verossimilhança com a realidade, contrária àquilo que almejamos, esvaziamos o boato não o disseminando [a mais eficiente arma para eliminá-lo].

Destas considerações posso concluir que diante dos medos, das necessidades de compreensão do mundo e, especialmente, de um falante ter um projeto de dizer, o boato é criado e usado como um **recurso**, até mesmo atualizado e recorrente por seu valor de convencimento e mobilização. **Será que é assim que o boato me constitui como um sujeito falante? Será que é isto (ser um recurso eficaz) que o faz vingar, bem como ressurgir? Esta é mais uma resposta a uma pergunta inicial?**

Outra observação que me parece interessante é sobre o registro escrito do boato. Desde que iniciei a pesquisa, busquei o que chamo de boato *in natura* especialmente em revistas e jornais. Queria ver suas marcas, como percebemos na oralidade, tais como: “você sabia que...” ou “me disseram que...” e outras expressões semelhantes. Mas nada. Nem mesmo em livros sobre boato. Aliás, nestes, as várias pesquisas citadas deixam claro que os boatos foram “plantados” para que, durante anos, os pesquisadores pudessem acompanhar seu comportamento quanto à motivação, duração, velocidade, redes etc. Em nenhuma obra aparece como o boato foi oralizado, como foi dito literalmente [se é que existe o literal]. Não existem nas fontes pesquisadas dados sobre o tom do boato, a entonação dada a determinados termos. Nada. Em todos os suportes, só encontrei **referência** a boatos e isto me intrigou. Enfim, observei que o “boato” ocorre **na linguagem escrita** somente de duas formas¹:

- Como referência a uma notícia, **muito frequentemente**, rotulada como falsa, que prefiro chamar de não-fato:
 - Há ainda o forte boato de que um dos personagens centrais morrerá (...) os mais curiosos podem ler os "spoilers" (estraga-prazeres), que estão publicados no pé desta página; [informação verificável]
 - Um boato de que as delegacias (...) Apesar da denúncia, os ataques não se confirmaram. [informação falsa]
 - Boato sobre falso vírus sulfnbk ressuscita [informação falsa]
 - Até porque corre o boato de um tal alemão que pretendia empresariá-los no boxe profissional na Alemanha [posteriormente a informação foi desmentida]
 - Circula, há cerca de dois meses, um e-mail dizendo que (...) o boato é falso [informação falsa]
 - Outro boato que correu... era o de que a Telefônica (...) Especialistas ouvidos pela Folha consideram difícil essa hipótese [informação não confirmada e nem desmentida pela pesquisadora]
 - Espalharam que você estaria grávida. É verdade? “Imagina! É boato” [informação falsa]
 - Não adianta boato, disse-me-disse, intriga; não adianta dizer que o PMDB vai brigar. O PMDB não vai brigar nada! [informação falsa]

¹ No Anexo 1 podem ser encontrados os textos completos dos exemplos citados aqui, bem como suas fontes.

- Como notícia, isto é, sem referência, como fato-real:
 - Boato do mês: mais juros e inflação - Juro sobe na praça mundial; desmonta-se o cenário de queda forte na economia dos EUA; Bolsas se ajustam; [informação não confirmada e nem desmentida pela pesquisadora]
 - “Saldo do boato. Balanço do Bamerindus admite saques”: “A imagem do Bamerindus, o quarto maior banco do país, está sendo arranhada ... boatos espalhados pelos ... [informação não confirmada e nem desmentida pela pesquisadora]

Chamo atenção para o fato de as ocorrências da primeira forma serem mais numerosas para compilação, embora não possamos descartar que no mundo real recebemos muitas informações na linguagem escrita que não devem passar de blefes [e quiçá de boatos?]. Mas gostaria ainda de reforçar que, na minha concepção, nenhuma das duas modalidades acima descritas contempla o que me parece ser o boato de fato. Julgo que em todas as ocorrências há condições de checagem da informação e, portanto, são cabíveis de enquadramento em fato ou não-fato, como já me posicionei anteriormente, no subitem 2. 2.1. Entretanto, não se pode negar que **mesmo quando uma informação pode ser checada, mas não o é, ela pode operar como boato.**

Diante destas reflexões e constatações me permito suspeitar de que mais um dos questionamentos iniciais parece ter uma resposta: **O boato é uma atividade lingüístico-discursiva apreendida *in natura*, sobretudo, no universo oral. Na linguagem escrita apreendemos o “rastro do camaleão,” ou como referência ou como notícia.**

2.2.3 O que nos faz crer no “camaleão”

Não é difícil reconhecermos que o medo é um sentimento presente e constante na espécie humana. Este assunto foi e continua sendo amplamente pensado e estudado em vários vieses. Embora eu mantenha do positivismo apenas “escorregões” dos quais ainda não me dei conta, gosto de uma frase de Augusto Comte que diz: *Saber para prever; prever para prover*. O prover é saciar-se, livrar-se da carência, e acredito que a maior delas se traduz em ações que nos livrem da ameaça da morte. Daí nossa necessidade de saber, o que para muitos estudiosos é o principal berço dos boatos: quando não temos respostas oficiais ou quando as

desconhecemos criamos boatos. Particularmente, pensando linguístico-discursivamente, prefiro afirmar que um dos projetos de dizer, de vontade de dizer é querer saber. E, quando é este o nosso projeto, perguntamos fazendo, geralmente, suposições de respostas. Para isto criamos supostos fatos verossímeis, plausíveis que podem ser boatos ou informações não confirmáveis/confirmadas (como abordamos anteriormente), que correm, se alastram e tranquilizam nossa sede de saber. Precisamos compreender para não nos sentirmos ameaçados; precisamos nos manter na área de conforto, de domínio das forças da natureza, da sociedade e de nós mesmos. Estar informado é uma forma de dominar nosso medo, nossas inquietações.

Kapferer chama a atenção para o fato de que transferimos a outrem a tarefa de certificação das informações. Acho isto interessante por se tratar do fato de que nos sentimos enganados, com certa frequência, a respeito de notícias que recebemos, especialmente por via jornalística e, mais ainda, quando estas se apresentam na forma escrita. Comumente nossa cultura vê a escrita como algo verdadeiro, quase inquestionável. O que se encontra em livros é verdadeiro, a menos que venha com o carimbo de “ficção”. Não se pode dizer, contudo, que este valor seja atribuído somente à escrita. Na oralidade também o fenômeno se dá, embora menos; talvez por contarmos com outros recursos como entonação firme ou tremulante, olhar firme ou pisca-pisca, possibilidade de questionamentos diretos e prontamente respondidos, enfim com “sinais” que corroboram na percepção de que a informação seja verídica ou suspeita. De qualquer maneira, há um grande esforço em formar os chamados “leitores críticos”; em desenvolver habilidades de analistas de discursos que desvelem, ao menos, parte da opacidade da linguagem.

Ao lermos os jornais, pressupomos que seus colunistas se incumbiram de verificar os fatos. Se por um lado, no nosso cotidiano, não temos condições de buscar informações de tudo, bem como de verificar todas as informações que chegam até nós ou que ativamente buscamos, delegamos estas tarefas a outrem, para que busquem explicações e certificações. Realmente não poderíamos nos ocupar disto, presumimos que ela foi cumprida e cremos. Entretanto, não cremos em toda e qualquer informação. **Temos critérios para crer e penso que talvez eles devam se basear em pelo menos dois pilares: o da verossimilhança, isto é, da plausividade, e o da confiança na fonte da informação. No caso do boato esta fonte tem a ver com autoria.**

Vale destacar que para Bakhtin não existe enunciado/texto que venha do nada ou que seja um primeiro dito. Há sempre um autor que ressignifica dialogicamente as vozes sociais. Ser autor é posicionar-se axiologicamente diante da variedade destas vozes - o que

Bakhtin chama de heteroglossia dialogizada - escolhendo uma delas, articulando os dizeres diversos a sua maneira, com sua consciência linguística plurivocal, deixando no texto marcas destas vozes de forma explícita ou implícita e respondendo-as. Faraco (2006), explanando sobre a filosofia bakhtiniana da linguagem explica que

como a consciência linguística é plurivocal e sua atividade verbal depende, a cada vez, de um posicionamento frente à heterogeneidade, **o autor do texto não se confunde com a pessoa física que o enuncia**, mas é entendido como uma função interna do texto, como o elemento ordenador da totalidade de sentido do texto. (grifo meu)

Miotello (2009) ¹ refletindo e verbalizando seu entendimento sobre autor e autoria no boato, afirma que

Quando pensamos em contos, narrativas, provérbios... temos esta mesma característica: não tem um autor declarado. É o resultado de um trabalho lento, acumulativo, que mobiliza grande parte daquele grupo social, que envolve interesses específicos. Por exemplo o dos pais [o filho que bate nos pais quando enterrado sua mão fica de fora], o da religião [quem dá aos pobres empresta a Deus], o dos comerciantes [de grão em grão a galinha enche o papo]... E assim por diante.

Há diferença de sentido atribuído às expressões autor e autoria. Autor tem responsabilidade sobre seu dizer, inclusive jurídica. Já **autoria diz respeito a autores difusos, inomináveis. O boato se vale da autoria, para não responsabilizar ninguém pelo dito não verificado.** [Mais uma resposta dada?] Daí percebermos, na oralidade especialmente, marcas como “me disseram...” “estão dizendo por aí que...” e tantas outras. Na linguagem escrita o mais comum é “o boato de que...”. Portanto, pensar em autor no boato seria insano, mesmo porque o dito seria verificado, como se faz geralmente com a chamada fofoca de boca miúda.

Orlandi², que ao pesquisar silêncio observou o boato, diz:

¹ Em sessão de orientação

² Eni Orlandi é doutora em Linguística com ênfase em Teoria e Análise Lingüística, atuando principalmente nos seguintes temas: análise de discurso, linguística, epistemologia da linguagem e jornalismo científico. Professora colaboradora do IEL- UNICAMP-Universidade Estadual de Campinas.

Não há um responsável pelo dizer, mas uma figura autor imaginada que joga no seu lugar, lugar presumido de sua responsabilidade. Sem um autor, ainda que fantasma, o boato não funciona. Há sempre um suposto responsável uma cadeia de “autores” que não se definem positivamente. O autor se mantém no anonimato e é substituído/simulado por um encadeamento de citações, de menções: é sempre um outro que disse. (2008:145)

O boato é uma prática linguageira, mas, quando ouvimos uma informação, de início não sabemos se se trata de boato; aliás, com frequência, nem depois de algum tempo, caso não seja verificada. Embora tenhamos observado como ele parece na linguagem escrita e a esta reflexão reservamos o sub-ítem acima 2.2.2 a que chamamos de “rastros”, podemos constatar a afirmação de Orlandi nos seguintes resgates¹:

a) Rio: após boato, polícia reforça a segurança em DPs - De acordo com a polícia, o primeiro informe teria ocorrido na região de Bonsucesso. Bandidos ocupando três carros foram vistos passando na porta da delegacia empunhando fuzis e metralhadoras. Eles também teriam sido vistos passando por outras ruas da localidade. Inspetores e investigadores ficaram de prontidão, mas não houve ataques a nenhum dos prédios ameaçados pelos criminosos. (Fonte: O Dia online – consultada em 24/10/2008)

b) O vice-presidente atribuiu as acusações de uso da máquina a "especulações" e busca de polêmica pela imprensa. "Há um ditado que diz: em tempo de guerra, o boato come terra. Em eleição há de tudo." (Fonte: FSP 13/09/2006, Brasil)

c) O tiroteio começou pouco antes da votação do impeachment do governador, Muniz Falcão. Um repórter do jornal "Correio da Manhã" também ficou ferido. O Exército ocupou a cidade e um contingente protege o hospital onde deputados foram internados, pois havia o boato de que corriam perigo. O prédio da Assembléia foi fechado. (Fonte: FSP 14/09/2007, Cotidiano)

d) Circula, há cerca de dois meses, um e-mail dizendo que o site www.dominiopublico.gov.br irá sair do ar por falta de acessos. O boato é falso, mas ajudou o crescimento do portal. (Fonte: FSP 24/08/2006, Ilustrada)

Como podemos notar, *região de Bonsucesso, especulações, o boato e um e-mail* não identificam quem disse o que foi dito em cada um dos exemplos. Não há um responsável pelo dizer, o que não significa que não haja autoria. Mas indo um pouco além, podemos observar que *a polícia, o vice-presidente, o exército, a própria circulação por dois*

¹ No Anexo 1 podem ser encontrados os textos completos dos exemplos citados aqui, bem como suas fontes.

*meses*¹ avalizam que alguma coisa foi mesmo dita e que, no mínimo, parece ser verdade. É também interessante perceber os tempos verbais: *teria ocorrido*, isto é, não se afirma que ocorreu; *havia o boato*, mas não existe mais.

Nossas interações com o OUTRO, entendendo por OUTRO tudo o que não sou EU, são regidas também pela confiança. Um leitor habitual da revista *Carta Capital* não atribui o mesmo crédito a um dito que apareça na revista *Veja*. Da mesma forma, não há quem acredite em alguma informação quando dada por uma pessoa desconhecida, como o faz quando dita por um amigo. O boato se vale disso. **Embora não se saiba quem é o responsável [como um autor o é], quando/se lhe damos crédito é porque ele chega até nós por pessoas, entidades, grupos, autoria na qual confiamos.** Basta refletirmos sobre os e-mails que recebemos, para confirmarmos isto:

Urgentíssimo...

Quem não tem tv por assinatura , por favor, repasse assim mesmo, pois poderá ajudar a abrir os olhos de alguém. ASSALTO PROGRAMADO TV ASSINATURA e MSN A criatividade dos nossos marginais chega às alturas. Agora, principalmente em SP e RJ, PARANA (Curitiba e RMC) estão enviando pelo correio, uma carta com papel timbrado da NET, TVA, SKY, Directv ou outro qualquer canal de TV por assinatura. Na carta, que por sinal é muito bem elaborada, onde diz que estão modernizando a sua tecnologia e que será necessária a substituição de equipamento dentro da casa do assinante, eles colocam um número de telefone (de um comparsa) para o agendamento. Se a pessoa (assinante) não conhece o golpe e não telefona para o verdadeiro número da operadora de TV, para confirmar se isto procede mesmo, os marginais praticam o assalto em sua residência com hora marcada e com você abrindo a porta e servindo um cafezinho. Viram onde chegou a ousadia dos bandidos? (sic) (Fonte: E-mail recebido em 18/09/2008)

Todos nós recebemos vários e-mails como este e, apesar de no primeiro momento questionarmos a veracidade da informação, repassamos o e-mail _ que pode ser apenas um *hoax*², para que outras pessoas possam se prevenir e agir com eficiência diante do risco iminente.

¹ Pesquisa desenvolvida por DiFonzo mostra que ouvir um boato repetidas vezes aumenta o nível de credibilidade por se supor que se ele sobreviveu é provável que seja verdadeiro, bem como por se sentir familiarizado com o que ele afirma.

² Termo utilizado para designar histórias falsas recebidas por e-mail.

Segundo DiFonzo¹ (2009:141), psicólogos sociais identificaram dois componentes importantes na credibilidade da fonte:

- A capacidade da pessoa (fonte), que pode ser asseverada pela credencial funcional e/ou profissional e, também, pela experiência da mesma;
- A sensação de que a fonte só tem motivos para ajudar o ouvinte-leitor em vista do bem-estar deste e de que ela não guarda propósitos ocultos.

Geralmente este tipo de e-mail nos chega por alguém da nossa lista de contato, donde presumimos que a fonte seja fidedigna, que seu dito seja relevante e que seja importante atender ao pedido de repasse da mensagem; mas com a ressalva de que selecionamos para quem encaminhá-la. Por exemplo, se sabemos que um amigo não é cliente de canal fechado, fica excluído da relação de destinatários. Penso que esta seleção seja feita também na prática oral: a alguns repassamos a informação, a outros não, por uma variedade de motivos. Assim é que nos transformamos facilmente em “apóstolos” ou, no máximo, em “receptor passivo”, ou ainda, quem sabe em “resistentes”, segundo a ordenação de papéis possíveis, proposta por Kapferer (2003: 87), que parafraseio:

- a) Instigador – diante de um determinado fato, percebe uma ameaça pairando, às vezes unicamente sobre si mesmo, outras sobre o grupo; então faz cogitações;
- b) Intérprete – responde às cogitações do “instigador” propondo explicações lógicas e verossímeis, convincentes;
- c) Líder da opinião – diante das cogitações e das explicações, seu parecer é o que torna o grupo disponível ao boato;
- d) Apóstolos – os que se identificam totalmente com o boato e o repassam.

Como divulgadores do boato no grupo, Kapferer os subdivide em:

- a) Recuperador – pessoa que não acredita no boato, mas não o deixa acabar. Os boatos políticos encontram muitos recuperadores.
- b) Oportunista – recupera o boato como pretexto para outros dizeres;

¹ Nicholas DiFonzo é professor de Psicologia do Rochester Institute of Technology. Publicou vários artigos sobre boato.

- c) Galanteador – não acredita no boato, mas o usa para “agitar” o grupo;
- d) Receptor passivo – declara-se incrédulo, mas tem dúvida e por isso não impede que o boato circule;
- e) Resistente – é o opositor ao boato e protagonista do anti-boato.

É interessante observar que diante da mesma informação, na função de retransmissores do boato, respondemos de formas diferentes de acordo com nossas intenções, sejam estas explícitas ou silenciadas. Leon Festinger¹, citado por DiFonzo (2009:115), provou que diante de um determinado boato 67% das pessoas envolvidas diretamente com a afirmação retransmitiram o boato, que foi ouvido por 62% dos que tinham iminência de serem atingidos pelo que havia sido afirmado, número bem superior aos 28% dos que ouviram, mas que não tinham como serem afetados. Isto também confirma o que afirmaram Allport e Postman, isto é, que a probabilidade de um boato se espalhar é diretamente proporcional ao grau de incerteza da situação e de relevância do assunto. DiFonzo (2009: 38) chama a esta fórmula de *lei do boato*.

Kapferer (2003:10) traduz em uma fórmula simples a argumentação do sociólogo americano T. Shibutani sobre a gênese do boato: $B = \text{Importância} \times \text{Ambigüidade}$, ou seja, **o boato existe a partir de um acontecimento ambíguo e importante, numa relação de multiplicação, visto que, se não houver ambigüidade ou se a importância for nula, não haverá boato**. Percebemos que apesar de um abordar a difusão do boato e o outro a gênese, ambos acionam as mesmas categorias e as entrelaçam. Vale destacar que um boato que não se propaga, deixa de existir. **Seria isto o que faz também um boato vingar e outro não?** Suspeito que sim. Mas o que o faz não ser propagado são apenas as razões apontadas acima? Não se pode pensar que bastam incerteza e relevância. Há que se ter uma rede de comunicação, há que se ter sujeitos. Mas também não basta ter um meio de comunicação constituída de sujeitos. **Há que se ter sujeitos com projetos de dizer que se valham do boato, só assim a rede se instala e ele é disseminado.**

Concluo com uma citação de Bakhtin

Na realidade, o ato de fala ou, exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do

¹ Psicólogo, PHD orientado por Kurt Lewin, pai da psicologia social. É autor da Teoria da Dissonância Cognitiva e da Comparação Social.

termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. *A enunciação é de natureza social.* (grifo do autor) (Bakhtin, 2006a:113)

O boato nasce das vozes sociais, por elas é ressignificado e a elas compõe novamente.

Feitas as considerações teóricas, visto as possíveis razões do nascimento do boato, do ato de repassá-lo, da sua rede e agilidade, do rastro que deixa na linguagem escrita e de nele crer, passo ao capítulo seguinte observando o “camaleão” como um projeto de dizer, uma Vontade de Verdade.

É um capítulo mais de análise de dados e, para isto, selecionei três textos que abordaram o boato de deserção em massa dos atletas cubanos, fato que desencadeou minha curiosidade, como já expressei anteriormente. A partir deles, busco fazer uma análise inicialmente individual, isto é, de cada um no nível mais tradicionalmente chamado de linguístico [digo tradicionalmente por ser mais no nível de recursos da língua, embora eu não acredite em análise sem a história em que mergulha o texto, e nem sem o diálogo com outras vozes, do passado bem como com as do futuro que ele suscita].

Antes porém, uma rápida observação sobre este capítulo que finda: Tenho procurado manter esta pesquisa restrita a considerações do universo linguístico-discursivo. Confesso que é uma árdua missão tendo em vista que o aparato psicológico dos estudos do boato é muito mais extenso e intenso, além do que penso o homem e este obviamente constituído de sentimentos, ambições, desejos e medos, mas tudo isto regado à força social das suas interações, e não como frutos da sua consciência individual ou do seu subconsciente segundo a visão freudiana. O homem é o que é pelas interações que mantém com o OUTRO e estas relações são mediadas pela linguagem, a heteroglossia dialógica. Portanto, não creio que estaria falando de outra coisa que não fosse a linguagem se abordasse aspectos psicológicos do homem. Não é isto. Busco apenas um recorte mais incisivo e, por isso, pontuo aspectos mais próximos da interação linguístico-discursiva, em detrimento dos demais vieses.

Vejamos o Capítulo 3.

CAPÍTULO 3 O “CAMALEÃO” EM PROJETOS DE DIZER, A VONTADE DE VERDADE

Acreditar em nossa própria mentira é o primeiro passo para o estabelecimento de uma nova verdade.
(Carlos Drummond de Andrade)

Já pôde ser percebido mediante os exemplos apresentados, que vários são os temas dos boatos e seus fins para cada projeto de dizer. Destaco que tomo para análise mais cuidada, o que podemos chamar de boato político. Isto significa dizer que também no universo das relações políticas o boato é tomado como recurso argumentativo no projeto de dizer e provoca respostas políticas ao discurso do qual está a serviço. Não é difícil reconhecer que se um boato corrobora com nossos valores, a ele daremos crédito mais facilmente. O contrário também é verdadeiro: Quanto menos reforça nossas crenças, menos cremos nele. Da mesma forma sabemos que a arte da política é a arte da estratégia para convencer efetiva e discretamente o destinatário do dizer. É preciso também se sobressair, destacar-se como único e melhor. Aliás, Paulo Kramer¹ diz:

Afinal, em que manual de culinária eleitoral é possível encontrar a dose exata de simpatia e ousadia numa campanha? Nunca se sabe, porque toda eleição é diferente da anterior e da que está por vir. A rigor, há apenas duas regras básicas para se ganhar uma eleição. A primeira é válida para qualquer dos turnos: vence quem oferece melhor visão de futuro. A outra se aplica sob medida para a disputa em segundo turno: **ganha quem joga mais lama no outro** e consegue se enlamear menos. (grifo da pesquisadora) (Fonte: A arte da política. Congresso em foco <http://congressoemfoco.ig.com.br/DetArticulas.aspx?articulista=299&colunista=8>)

O boato se presta muito bem a esta finalidade. Poderemos observar nos recortes feitos, os três textos selecionados, que ele serviu a dizeres políticos sobre Cuba e o que advem dessa abordagem, como o socialismo, a ditadura, a democracia etc.

¹ Professor de Ciência Política da Universidade de Brasília (UnB) e analista da Kramer & Ornelas – Consultoria.

Suponho que a “vontade de discurso” de Bakhtin (e/ou=) a “Vontade de Verdade” de Foucault sejam exacerbadas pelo/no boato [entendido como informação não verificada]. Delas podem decorrer: (a) a crença na veracidade da informação boateira; (b) a busca por qualificá-la como não-fato-real [comumente chamada de informação falsa] (c) a simples atitude de não questionar e apenas repassá-lo, para o bom serviço do projeto de dizer ou, finalmente, (d) omitir o boato [fato que extingue sua existência] por não ser conveniente ao projeto de dizer ou à Vontade de Verdade. Aliás, como diz Bakhtin quando fala tanto da literatura como da linguagem: se não lido, morre o autor, morre o livro; se não circulado, morre o sentido, morre o enunciado, morre a palavra. **Da mesma forma, se não circular, morre o boato.**

Feitas as compilações da origem e construção do conceito de Vontade de Verdade de Foucault no item 1.2.2.1 do Capítulo 1, passo ao registro de três matérias veiculadas sobre o boato de deserção em massa dos atletas cubanos durante os Jogos Pan-Americanos de 2007, com a intenção de verificar a Vontade de Verdade de cada um dos seus autores, fato que, a meu ver, controlou os discursos e diferenciou o repasse do boato, embora tenham se baseado no mesmo episódio.

Minha compreensão do comportamento da mídia brasileira diante do episódio do Pan-Rio é o que orienta os recortes e as considerações que faço. Inicialmente analiso o texto 1 que circulou no site *UOL*. Dele pinço vocábulos, tempos verbais etc.[elementos lingüísticos estrito senso], que vistos sob as lentes de tudo o que trago na minha “mochila sócio-histórica”, meus valores, me permitiu dar sentido ao texto e compreender as relações axiológicas presentes na sua elaboração. Repito a dose, individualmente, com os textos 2 e 3 e, encerrando este terceiro capítulo, busco um diálogo simultâneo com os três textos selecionados, identificando neles diferentes projetos de dizer, Vontades de Verdade distintas, resultantes do diálogo que os três suscitaram em mim e para o qual não há acabamento.

Antes porém, apresento um panorama sobre o contexto amplo, especialmente de natureza política, em que eclodiu o boato de deserção dos atletas de Cuba. Digo o que me parece significar o país caribenho no contexto das Américas, especialmente, da América do Sul, por onde também faço um sobrevôo político por cada um dos países que a compõem.

Com o mesmo objetivo, exponho uma breve consideração sobre os suportes em que foram postadas as três matérias. Faço isto por julgar serem estes dados importantes para uma boa leitura do que busco expressar, como bem diz Voloshinov (1930: 9)¹:

Quase todas as palavras de nossa língua têm inúmeras significações em função do sentido do enunciado por inteiro; sentido que depende, ao mesmo tempo, das circunstâncias imediatas que suscitaram o enunciado, e das causas sociais mediatas que estão na origem do ato de comunicação verbal considerado.

3.1 Os contextos dos textos

3.1.1 Sobre a República de CUBA

País da América Central, inicialmente explorado como colônia espanhola, que, após quatro séculos e diante da extinção das riquezas naturais, isto é, metais preciosos, passou a ter como matriz econômica a monocultura de cana de açúcar, tendo os Estados Unidos como o maior consumidor da produção açucareira.

Cuba tornou-se um *protetorado americano*- depois que contou com os EUA na guerra contra a Espanha - de 1898 a 1933, quando a ditadura de Geraldo Machado foi derrubada pelo golpe militar de Fulgêncio Batista que, dizem, tinha tendência socialista, contrariando a ingerência estadunidense. Sob a presidência de Batista, em 1958, a Ilha era a 8ª economia latino-americana, mas o país mais pobre do Caribe em renda per capita, com enorme desequilíbrio entre as áreas rural e urbana. O governo de Batista foi marcado por corrupção e pela indústria da prostituição.

Em 1959, o estudante de Direito, Fidel Alejandro Castro Ruz, com a ajuda de um médico argentino que conhecera no México, Ernesto Guevara, o Che, liderou a Revolução Cubana contra Batista. Fidel mobilizou cem mil jovens que, em apenas um ano, reduziram drasticamente o analfabetismo que girava em torno de 40%. Fez a reforma agrária, desapropriando terras de propriedade de americanos, indenizando-os de acordo com o valor

¹ A tradução de *Estrutura do enunciado* feita por Ana Vaz não possui data, por isso faço referência a 1930, ano em que foi escrito por Voloshinov

declarado por eles no Imposto de Renda do ano anterior - muito abaixo do valor de mercado - fato que fez os Estados Unidos treinarem ex-militares de Batista para invadirem Cuba e derrubar Fidel; o que não conseguiram.

Ao cortarem o consumo do açúcar, os EUA forçaram Fidel, que não era comunista, a se aproximar da União Soviética. Em plena guerra fria, os americanos temiam que Cuba servisse de base de mísseis soviéticos e, por isso, impuseram o embargo naval à Ilha, o que impedia os cargueiros russos de chegar a Cuba. Para se ter uma idéia do impacto, durante a primeira metade do séc XX três quartos da importação cubana vinha dos EUA. Em 1962 caiu para 4% e finalmente zero. Os americanos conseguiram, no mesmo ano, que Cuba fosse expulsa da organização dos Estados Americanos – OEA, sob a justificativa de incompatibilidade entre os objetivos da organização e a tendência socialista do governo cubano. Também, por Cuba apoiar grupos que visavam revoluções socialistas, muitos países latino-americanos romperam com o governo de Fidel, que proclamou as convicções marxista-leninistas, reafirmando o caráter socialista da Revolução cubana. A partir disto, muitos acordos de cooperação foram assinados entre Cuba e a União Soviética, que se comprometeu a adquirir o açúcar por durante, pelo menos, cinco anos e ceder um crédito de cem milhões de dólares. Em 1973 Cuba se viu obrigada a renegociar a enorme dívida contraída com a União Soviética, que se comprometera a adquirir oitenta por cento da produção cubana de açúcar e a subsidiar petróleo, aço e outros recursos estratégicos.

Com o fim da União Soviética, em 1990, o isolamento de Cuba se acentuou e suas importações e exportações caíram drasticamente. Internamente alimentos, combustível e outros bens de consumo essenciais escassearam, provocando descontentamento na população. Isso originou a fuga de milhares de cubanos em embarcações precárias, com o objetivo de alcançar a Flórida. Em 1996, os Estados Unidos tentaram forçar que aliados europeus participassem do boicote comercial a Cuba. E mesmo com o fim da União Soviética, o embargo que fora estendido ao campo econômico, em 1962, dura até os dias atuais por parte dos EUA, mas em nome do *desrespeito aos direitos humanos* pela ditadura castrista. Entretanto, apesar de

- em 1961 mais de 700.000 cubanos terem aprendido a ler e a escrever e, nos anos seguintes, o analfabetismo ter sido erradicado, bem como o número de estudantes universitários ter triplicado;
- a assistência médica ter passado a ser gratuita, reduzindo a mortalidade infantil, e todo médico recém formado ter sido obrigado a trabalhar dois anos na zona rural;

- terem sido criadas cooperativas e estabelecimentos agropecuários estatais no lugar de latifúndios;
- a lei de reforma urbana ter tornado possível a muitas famílias possuírem casa própria, pagando ao Estado mensalidades modestas por um período de cinco a vinte anos;
- a corrupção, o jogo e a prostituição, comuns antes da Revolução, terem sido alvos de campanha de erradicação, com o emprego de severas ações policiais que procuraram impedir, entre outras coisas, o desenvolvimento de um mercado negro voltado à obtenção de produtos escassos, decorrentes das medidas econômicas impostas;
- grandes investimentos públicos terem eliminado o alto índice de desemprego;
- a Igreja Católica, apesar de inicialmente ter enfrentado o Estado contra a estatização da educação, desde 1965 ter passado a ser parceira em muitos projetos sociais, mantendo boas relações com o governo;
- o governo ter estimulado a difusão cultural nas províncias, com ênfase no caráter nacionalista das manifestações culturais, quando antes as manifestações eram realizadas somente pela elite e centralizadas em Havana;
- a publicação literária ter sido concentrada no Instituto do Livro, sendo que a maioria das dezenas de milhões de obras publicadas por ano tratava de assuntos técnico-científicos (nas últimas décadas, escritores jovens têm produzido obras de grande qualidade literária, comprometidas politicamente, como também dos cárceres e exílios têm nascido boas produções);

Cuba é visto como um país “castrado” pelos Castro, e que não respeita os direitos humanos, sobretudo pelos fatos de, infelizmente, a imprensa estar mantida nas mãos do Estado e de existir uma política de dificultar a saída dos Cubanos para outros países.

Em julho de 2006, Raúl Castro assumiu o cargo de presidente do Conselho de Estado durante a transferência temporária de poder em virtude da enfermidade de seu irmão, Fidel Castro, cargo que assumiu com plenos poderes em fevereiro de 2008. Como primeiro vice-presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros, segundo secretário do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba (PCC) e ministro das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), Raúl Castro, de 75 anos, é o sucessor legal do líder da Revolução. A Constituição cubana estabelece que o primeiro vice-presidente assumirá as funções do presidente em caso de ausência, doença ou morte. Embora tenha a reputação de homem duro e ortodoxo, Raúl

Castro é considerado o responsável por algumas das mais importantes iniciativas de reforma do país: a transformação das forças rebeldes num exército moderno, as Forças Armadas Revolucionárias. Em 1994, em pleno período especial, foi o artífice da abertura dos mercados livres camponeses para garantir alimentos à população¹.

Entre acertos socialmente importantes e mudanças salutaras, como a oxigenação obtida com a alternância do poder (não do sistema), parece significativo que em todo o continente americano Cuba tenha se mantido, desde 1959, como o único país cujo regime político seja o socialismo. É um estranho no ninho.

Os países da América do Sul, entretanto, vêm apresentando mudanças políticas importantes, com tendência a regimes democráticos um pouco mais voltados à redução das desigualdades sociais. Este movimento começou a germinar na década de 80, como reação ao momento mais duro das ditaduras (década de 70) nos países sul americanos. Mas, enquanto a Revolução cubana, armada, tomou por orientação imediata o socialismo, no restante da América Latina observa-se que as mudanças se dão em duas etapas: (a) pela via da chamada revolução democrática-nacional – crescimento econômico associado à democratização social e política - como um caminho gradual para uma segunda etapa, (b) uma revolução socialista. Como afirma o jornalista, escritor, doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Emiliano José:

Estamos vivendo uma revolução democrática em praticamente todo o Continente. E isso deve ser celebrado. Sob essa revolução não desaparece a luta de classes, não desaparecem os conflitos. Só que essa luta, ainda bem, se dá hoje num cenário democrático. (Revista Carta Capital- 7/10/2008)

Penso que uma seleção de recortes sobre cada um dos países da América do Sul contribua para o entendimento: do que rodeia o Brasil, politicamente falando; do que significa Cuba no cenário; democracia; socialismo etc, fatos necessários para a compreensão dos “não-ditos” presentes nos textos que apresento e analiso.

¹ Fontes: Portal EmDiv:uma janela de Minas para o mundo – www.emdiv.com.br consultado em 20 de setembro de 2008; http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Cuba – consultado em 20 de setembro de 2008; http://pt.wikipedia.org/wiki/Ra%C3%BA1_Castro – consultado em 01 de julho de 2009; <http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2006/08/01/ult1808u71006.jhtm> - consultado em 01 de julho de 2009.

3.1.2 Um sobrevôo sobre a América do Sul: novos ares

Nota-se que no final da década de noventa e, sobretudo, início da atual, os países da América do Sul têm relegado as cadeiras de oposição aos liberais e conservadores: No **Chile**, em 2006, Michelle Bachelet, vítima de tortura da ditadura de Pinochet, foi eleita por maioria absoluta numa coalizão de centro-esquerda. Apesar da crise econômica desencadeada no final do ano de 2008, a “mãe do Chile”, como é chamada, detém 74% de aprovação popular ao seu modo de governar. Segundo o jornalista Vitor Hugo Soares¹, *corre de boca em boca [seria boato?] que no belo país andino de altos níveis político, educacional e cultural, mas de costumes e hábitos machistas e conservadores*, quando Bachelet foi convocada a assumir a pasta da Defesa no governo socialista de Eduardo Frei, ela disse em sua primeira reunião com os altos comandos militares: *Sou socialista, agnóstica, separada e mulher mas trabalharemos juntos*. E afirma o jornalista: *Desde então nunca mais o Chile foi o mesmo e Bachelet chegou à presidência..*

Observemos a mudança no sentido mais amplo possível: da ditadura para democracia, de uma mulher no governo de um país conservador, de uma aprovação popular sobre a forma de condução das ações, dentre outras. Mas nem tudo corre como as águas do rio. Às vezes são como ondas que vão e vêm. Foi o que ocorreu no Chile, na última eleição, cujo segundo turno se deu nos primeiros dias de 2010. Apesar de Bachelet ter alcançado 80% de aprovação popular, não conseguiu fazer seu sucessor: Eduardo Frei perdeu por 3,2% dos votos para o empresário magnata Sebastián Piñera, *acionista majoritário da companhia aérea LAN, proprietário do popular clube Colo-Colo e dono do canal Chilevisión, entre outras propriedades, e chamado por alguns de 'Berlusconi chileno', em alusão ao primeiro-ministro italiano*². Piñera quebra vinte anos de governo de centro-esquerda e devolve à direita o poder que ela não tinha há cinquenta anos. Um retrocesso, seguramente.

No **Peru**, o candidato social-democrata Alan García é o atual presidente, após vencer, em 2006, o nacionalista Ollanta Humala. García já havia sido presidente, 16 anos antes de sua reeleição, e o seu primeiro mandato terminou em meio à crise econômica e à violência rebelde. Humala, acusado de tentativa de golpe contra o governo Fugimori, ganhou em 14 Departamentos do sul andino e da selva peruana, as áreas mais pobres e menos

¹ Fonte: <http://bahiaempauta.com.br/2009/08/michele-bachelet-forca-com-jeito-de-mulher/> - consultado em 01 de julho de 2009

² Fonte: <http://www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5i5XgjrHJvOWVKBBk3bcoJi37ITA>

povoadas do Peru; enquanto García ganhou nos mais populosos, especialmente Lima. Porém, o partido de Humala obteve 45 cadeiras no Congresso, contra 36 do Apra, partido de García.¹ De qualquer forma, tanto García como Humala obtiveram os maiores índices de rejeição dentre todos os candidatos. Segundo intelectuais ligados às universidades peruanas, foi a eleição do *menos ruim, embora tenha sido difícil saber qual era o pior*, como afirmou Carlos Aquino, da Universidade de São Marco.² Em 2008 o Peru teve a maior taxa de crescimento do PIB dentre todos os países da América do Sul.³

No **Uruguai**, em 2004, Tabaré Vázquez, depois de três tentativas, tornou-se o primeiro presidente de esquerda do país e o quinto da América Latina⁴. Com eleições realizadas em outubro de 2009, o candidato à presidência pela Frente Ampla foi o senador José Mujica, ex-guerrilheiro tupamaro. O principal adversário da chapa governista no pleito foi o ex-mandatário Luis Lacalle, do opositor Partido Nacional. Mujica [com posse marcada para 01/03/2010] vai liderar o segundo governo da Frente Ampla, que chegou ao poder com a eleição de Tabaré Vázquez, após 167 anos de alternância entre os Partidos Blanco e Colorado. No item Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), por exemplo, o Uruguai escala 0,859, acima do Brasil que atinge 0,807, e renda per capita de US\$ 10.700, também acima da do Brasil, US\$ 8.294. A expectativa de vida no Uruguai é de 76,4 anos, no Brasil 72,4 e a taxa de alfabetização é apreciável: 96,8%, vale ressaltar, apenas 3,2% de analfabetos⁵.

A vitória de Fernando Lugo, eleito presidente do **Paraguai** em 2008, quebrou uma hegemonia de 61 anos do Partido Colorado, do presidente Nicanor Duarte, incluindo os 35 anos da ditadura de Alfredo Stroessner. Lugo, ex-bispo da Igreja Católica, é partidário da Teologia da Libertação, admirador de Leonardo Boff e de Dom Helder Câmara, além de simpatizante dos governos de Hugo Chávez (Venezuela), Evo Morales (Bolívia) e de Rafael Correa (Equador). Prometeu que sob seu governo o Paraguai não será lembrado por corrupção e pobreza, mas por honestidade; que fará uma reforma agrária respeitando a Constituição, e que renegociará com o Brasil o valor “irrisório” pago pela energia de Itaipu, fato já concretizado em julho de 2009. Lugo tem enfrentado processos de reconhecimento de paternidade, disso decorrendo certo descrédito popular, mas mantém-se no governo.

¹ Fonte:UOL - <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u96660.shtml> - consultado em 01 de julho de 2009

² Fonte: UOL- <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u53762.shtml> - consultado em 01 de julho de 2009

³ Fonte: CEPAL – ONU- Comissão Econômica para América Latina e Caribe - <http://www.eclac.org/brasil/> - Consultado em 01 de julho de 2009

⁴ Fonte: BBC News - <http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/4309253.stm>- consultado em 02 de julho de 2009

⁵ Fonte: <http://br.geocities.com/sousaraujo/idh.htm> - consultado em 07 de agosto de 2009

Na **Argentina**, desde a década de 80, período de transição entre a ditadura militar e a democracia, quando o então presidente Alfonsín levou a julgamento torturadores, seqüestradores e os muitos que fizeram desaparecer milhares de pessoas nos chamados “anos de chumbo”, a democracia se firma. A crise da conversibilidade do peso argentino em dólar ajudou, significativamente, a *minar a popularidade dos governos neoliberais e a legitimidade de suas políticas*¹, já iniciada pela crise do México em 1994. Atualmente, Cristina Kirchner, sucessora do marido Néstor, quis aumentar as retenções sobre as exportações de soja, apesar dos fortes protestos dos trabalhadores rurais. A classe média uniu-se às manifestações, bem como as grandes empresas de comunicação do país, agravando o conflito pelo anúncio da reforma da lei de radiodifusão, que limitaria o poder de mercado do maior deles, o grupo Clarín.² Diante deste cenário, em meados de março, a presidente antecipou para junho as eleições legislativas marcadas para outubro, mas seu partido perdeu a maioria das cadeiras.

Sempre acompanhado por mais de cem seguranças, entre eles policias fortemente armados e, por precaução, com posse ocorrida em recinto fechado, o ex-estudante de Direito de Harvard, Alvaro Uribe, foi eleito, em 2002, presidente da **Colômbia**, substituindo o conservador Pastrana. Em campanha prometeu duplicar o número de efetivos das Forças Armadas para combater a guerrilha esquerdista [seu pai foi morto pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – FARC] (para as quais a política utilizada é a de intensificar o conflito militar), e os paramilitares de ultradireita, embora frequentemente seja acusado de manter, com estes, vínculos estreitos, segundo seus opositores³. Em 2005, aproveitando os grandes índices de popularidade de seu governo, conseguiu obter decisão favorável à mudança na Constituição, que lhe permitiu disputar a reeleição em 2006. Em 2008, o exército Colombiano invadiu o território do Equador para atacar um acampamento das FARC. Nessa ação, foram mortos vários guerrilheiros e Uribe acusou o presidente equatoriano Rafael Correa e o venezuelano Hugo Chávez de terem ligações com as FARC, o que gerou uma grande crise diplomática. Segundo Antonio Luiz Monteiro⁴:

Álvaro Uribe é malvisto pelos democratas dos EUA, que rejeitam o livre-comércio com a Colômbia, graças ao histórico de violência contra sindicalistas e ativistas sociais no seu governo, e apostou demais nos republicanos, a ponto de ajustar o cronograma da operação de resgate a Ingrid Betancourt [refém das FARC na época] para criar uma notícia

¹ Fonte: Carta Capital 31/12/2008 Artigo de Antonio Luiz Monteiro Coelho da Costa

² Fonte: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,4439256,00.html>- consultado em 01 de julho 2009

³ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81lvaro_Uribe#Presid.C3.AAncia_da_Col.C3.B4mbia consultado em 02 de julho de 2009

⁴ Engenheiro de produção com pós-graduação em economia, bacharel em filosofia e um dos editores da revista Carta Capital

favorável ao candidato John McCain na única viagem ao exterior de sua campanha. (Revista Carta Capital 31/12/2008)

Desde o ano passado, 2009, Uribe está negociando um acordo para que os Estados Unidos, agora sob a gestão de Barak Obama, tenham bases militares na Colômbia para a luta contra o narcotráfico e o terrorismo. Uribe esteve no Peru, Bolívia, Chile, Argentina e Paraguai para explicar o acordo, depois que os presidentes Lula e a chilena Michelle Bachelet pediram maiores esclarecimentos. Tanto a Colômbia como os Estados Unidos negam que isso implique uma ameaça para os vizinhos e afirmam que os únicos que devem se sentir ameaçados são os traficantes de drogas e os terroristas, mas isto gera resistência na região, em especial no Equador, na Venezuela e na Bolívia. Sem dúvida, dentre os países sul-americanos é o mais próximo do governo estadunidense.

Rafael Correa está mais consolidado no **Equador**. Em abril de 2009 conseguiu sua reeleição. Esta última, porém, tem gosto especial: ganha mais quatro anos para tentar aplicar seu projeto político, agora sustentado por maioria na Assembléia Nacional e por uma nova Constituição, que dá base institucional às mudanças propostas por ele. Correa prometeu aprofundar a “revolução cidadã” e voltou a se definir como um socialista do século XXI e a atacar o sistema capitalista. Acredita-se, porém, que enfrentará dificuldades econômicas e, em médio prazo, poderá se ver desafiado pelas elites locais, como já o foram Chávez e Morales. O presidente declarou que um dos grandes objetivos de seu mandato é ajudar a construir uma integração efetiva que reduza a dependência financeira e energética dos países latino-americanos.

Em 2005, Evo Morales venceu as eleições com maioria absoluta, tornando-se o primeiro presidente de origem indígena a governar, não só na **Bolívia**. Líder do movimento esquerdista boliviano *cocalero*, uma federação de agricultores que tem por tradição o cultivo de coca para atender um costume milenar da nação que é mascar folhas de coca, Evo notabilizou-se ao resistir aos esforços desenvolvidos pelo governo dos Estados Unidos na substituição do cultivo de coca por bananas originárias do Brasil, na província de Chapare. *A coca é um patrimônio cultural dos povos andinos e parte inseparável da cultura boliviana e sua proibição não pode ser feita através de uma simples regulação estabelecida por uma convenção externa*¹, afirmou o presidente.

¹ Fonte: http://pt.Wikipedia.org/wiki/Evo_Morales consultado em 01 de julho 2009

Em 2006, Evo Morales pôs em marcha sua medida de governo que mais repercutiu internacionalmente: O decreto que determinou que as empresas petrolíferas operantes no país fossem obrigadas a entregar à YPF (estatal boliviana) toda a produção. Estabeleceu, além disso, que 82% da renda obtida com os recursos iriam para o Estado, enquanto as transnacionais ficariam com 18%. Antes, ocorria o inverso.

Evo Morales enfrenta grande resistência da chamada “meia lua”, regiões de Tarija, Santa Cruz e Beni, além de Pando¹, centro econômico do país. Mas, para Evo e o povo boliviano, não há mais dúvida: o pacto é a nova Constituição, aprovada em fevereiro de 2009, incluindo aquilo que mais incomoda a oligarquia racista e separatista: o fim dos latifúndios e a autonomia indígena em todo o país.²

Morales foi reeleito em dezembro de 2009 e, no seu discurso de posse do segundo mandato como presidente da Bolívia, criticou o governo dos Estados Unidos por tentar proibir as relações do seu país com Cuba, Venezuela e Iran, dizendo: *Que os Estados Unidos não venham dizer-nos com que países devemos ou não relacionar-nos*, advertiu Evo Morales na Assembléia Legislativa Plurinacional da Paz, antigo Congresso Nacional, após dizer que pretende, no entanto, manter também boas relações com o governo de Barack Obama³.

Na **Venezuela**, Hugo Chávez foi eleito em 1999, pondo fim a quatro décadas de domínio dos chamados partidos tradicionais - *Acción Democrática* (AD) e *Comité de Organización Política Electoral Independiente* (COPEI). Chávez, tenente-coronel do exército, que trocou a vida militar pela política, conseguiu projeção nacional após a tentativa frustrada de golpe ao governo de Andrés Bóris, do cumprimento de dois anos de prisão e da anistia dada pelo presidente Rafael Caldera.

Eleito com grande margem de diferença, Chávez deu início imediatamente a chamada "revolução pacífica", que começou pela criação de uma nova Constituição⁴, em que o país passou a ser chamado de *República Bolivariana da Venezuela*. Nas eleições para a Constituinte os apoiadores de Chávez - a coligação Pólo Patriótico - conquistaram 120 dos 131 lugares. Elaborada, foi submetida a um plebiscito e aprovada por mais de 70% dos votos

¹Fonte: <http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/especiais/bolivia/governo-evo-morales-reforma-ou-transformacao-da-bolivia> - consultado em 01 de julho 2009

²Revista Carta Capital de 30/01/2009

³Fonte: <http://aeiou.visao.pt/bolivia-presidente-evo-morales-critica-eua-no-discurso-de-tomada-de-posse>

⁴Fonte: BBC Brasil - www.bbc.co.uk/portuguese/static/especial/venezuela/historia.shtml - consultada em 02 de julho de 2009

venezuelanos.¹ Os poderes do presidente foram alargados e o Senado extinto pela nova Constituição.

Em 2002, Chávez enfrentou duas grandes greves - numa delas foram paralisados os poços de petróleo - e uma tentativa de golpe de estado, protagonizada por Pedro Carmona, que dissolveu a Assembléia, os poderes judiciais e atribuiu a si próprio poderes extraordinários. Carmona anunciou novas eleições no período de um ano e isto levantou os apoiadores de Chávez para um contra-golpe, que engrossaram as fileiras com o vice-presidente e os soldados fiéis ao presidente eleito. Chávez foi libertado da prisão na ilha de La Orclúla e regressou a Caracas sob a aclamação dos venezuelanos, reassumindo seu posto. O governo venezuelano alegou, meses depois do golpe, que os EUA apoiaram o golpe de estado, tendo em vista que nos dias do golpe os radares do país detectaram a presença de navios e aviões militares americanos em território da Venezuela, fato confirmado seis anos depois pela ONG americana National Security Archive.²

Em 2004, provocado por uma coligação de partidos de direita e de esquerda contrários a Chávez, ocorreu um referendo cujo resultado foi favorável à permanência de Chávez na presidência até ao fim do mandato, que ocorreria nos próximos dois anos e meio. Foi reeleito, governou onze áreas do país por decreto-lei, durante dezoito meses, em decorrência de boicote legislativo e propôs emenda constitucional que foi recusada pelo povo em plebiscito. No ano seguinte, 2008, a Assembléia Nacional Venezuelana propôs uma emenda à Constituição que permite a reeleição presidencial indefinida de Hugo Chávez, tal como este tinha pedido.

Crítico ferrenho das relações exteriores dos EUA, do neoliberalismo e da globalização, Chávez conta com a admiração de governos que comungam com sua ideologia, bem como com outros não-simpáticos, especialmente os EUA na gestão Bush, que afirmava que Chávez era uma ameaça à democracia.

Ele tem investido contra a mídia, sobretudo televisiva, que julga estar a serviço da desestabilização do governo, tendo fechado o maior canal de televisão do país. O *Grupo de Diários da América*, consórcio dos 11 principais diários dos principais países latino-americanos - incluindo *O Globo*, se uniu com o propósito de “definir o perfil do chavismo na região”, publicado em um caderno especial para demonstrar que *a influência do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, na América Latina vai muito além da ideologia e do discurso a*

¹ Fonte: BANDEIRA, apud Wikipédia- http://pt.Wikipedia.org/wiki/Hugo_Ch%C3%A1vez- Consultado em 02 de julho de 2009

² Fonte: http://pt.Wikipedia.org/wiki/Hugo_Ch%C3%A1vez- Consultado em 02 de julho de 2009

favor de uma 'revolução bolivariana' e contrário ao 'imperialismo americano'. Disse o jornal O Globo¹:

O esforço revela que Chávez investe pesado com lucros petrolíferos para aumentar sua influência. Os alvos não são apenas países cujos líderes têm ideologia próxima à sua - Equador, Bolívia, Cuba -, mas também nações menos simpáticas à sua "revolução bolivariana", como México, Peru, Colômbia e Costa Rica.

O jornal "El Nuevo Dia", da Costa Rica, informa que Chavez tem grande influência no Caribe através do programa Petrocaribe, que fornece descontos em petróleo e derivados a 14 países. Já o "El Mercurio", do Chile, afirma que os chavistas se reúnem em 30 organizações políticas que conseguiram 7,4% dos votos nas últimas eleições nacionais. "El Universal", do México, informa que Chávez opera em território mexicano através de um programa social multimilionário e missões de solidariedade junto a influentes integrantes da esquerda mexicana. "La Nación", de Buenos Aires, informa que Hugo Chávez conta com uma estrutura própria no país capaz de mobilizar 30 mil militantes em eventos de seu interesse. (Jornal *O Globo* 19/05/2007)

Penso que o que disse Tariq Ali², clareia o que quero destacar por ser relevante para nossa análise. Segundo ele, da América do Sul está emergindo “uma alternativa social-democrata ao capitalismo neoliberal”. Influenciados por Fidel Castro - e agora Raúl, os chamados piratas do continente são: Hugo Chávez, Evo Morales e o presidente do Equador, Rafael Correa. E ainda disse Ali:

Quem encara estes líderes sul-americanos como piratas é Tio Sam, porque desafiam as certezas da nova ordem e desconsideram os sinais proibidos por Washington.

(...) A vitória de Evo Morales em 2005 marca uma nova fase na história turbulenta da Bolívia. Morales, homem seguro de si, explicou calmamente que as condições na Bolívia eram inaceitáveis para a maioria dos cidadãos, e previu que algo tinha de ser mudado e seria... era a elite que seria forçada a realizar concessões maciças, ou ser removida por uma revolução popular. (...) Dois anos após, vencidas as eleições, Morales foi a Cuba para falar com Castro. Na volta, parou em Caracas. A partir de então, aqueles três governos estavam unidos e tinham como norte uma Federação Bolivariana. (...) para os americanos a decepção não poderia ser maior. O *Financial Times* publicou a seguinte manchete: 'Evo Morales se curva diante do chavismo'. (...) Morales, Chávez, Castro e Correa não são nacionalistas, conforme a

¹ *O Globo* é o jornal impresso, órgão das organizações Globo que também mantém o site *globo.com* responsável pelo Texto 2 que será analisado. Esta citação foi extraída da Fonte:

<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2007/05/19/295826393.asp> - consultado em 02 de julho de 2009

² Editor da *New Left Review* e autor da obra *Piratas do caribe: eixo da esperança*.

onda que varreu o mundo há dois séculos, mas pensam ‘em termos de continente’. (Revista Carta Capital 19/05/2008)

Embora Tariq Ali não inclua Lula na sua relação de piratas, o presidente do **Brasil**, eleito em 2002 e reeleito em 2006 também alterou a política do país. Lula fundou o Partido dos Trabalhadores no final da década de 70 e em 1990, junto com Fidel Castro, foi um dos fundadores e organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe.

As eleições presidenciais de 1984 foram feitas por um Colégio Eleitoral de forma indireta. Lula e o PT abstiveram-se de participar desta eleição, depois de longa caminhada pelas “Diretas Já”. Neste processo foi indicado o governador de Minas, Tancredo Neves, que faleceu antes de sua posse, assumindo seu vice José Sarney. Eleito Deputado Federal por São Paulo, em 1986, com a maior votação da Câmara Federal, disputou a presidência em 1989, concorrendo com Fernando Collor que o acusou de desejar seqüestrar ativos financeiros de particulares (o que a equipe econômica do futuro governo Collor fez após sua eleição).

Segundo Bernardo Kucinski ¹, inumeráveis articulistas da grande imprensa pronunciaram-se de forma indecorosa sobre Lula: o comentarista Paulo Francis [*Rede Globo*] o chamou de "ralé", "besta quadrada" e disse que se ele chegasse ao poder, o país viraria uma "grande bosta". Além disso, uma antiga namorada de Lula, com a qual ele teve uma filha, surgiu durante a propaganda eleitoral de Collor no segundo turno das eleições, para acusar seu ex-namorado de "racista" e de ter lhe proposto abortar a filha que tiveram. Como se não bastasse, às vésperas da eleição, a *Rede Globo* promoveu um debate final entre ambos os candidatos e, no dia seguinte, levou ao ar, no Jornal Nacional, uma versão editada do programa. O diretor do Gallup Carlos Eduardo Matheus, entre outros, sustentou que a edição foi favorável a Collor e teria influenciado o eleitorado (fato este admitido mais tarde por várias memórias de participantes do evento, mostrado no documentário *Beyond Citizen Kane*)². Ainda afirma Kucinski que a eleição comportou ainda a alegada manipulação política do seqüestro do empresário do setor de supermercados Abilio Diniz que, ao ser libertado de seu cativeiro no dia da eleição, apareceu vestindo uma camisa do PT.

¹ Bernardo Kucinski, jornalista e professor da Universidade de São Paulo, é colaborador da Carta Maior e autor, entre outros, de “A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro” (1996) e “As Cartas Ácidas da campanha de Lula de 1998” (2000).

² Fonte: Wikipédia - http://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_In%C3%A1cio_Lula_da_Silva - consultado em 30 de junho de 2009

Em 1994 Lula também perdeu a eleição para Fernando Henrique Cardoso. O nordestino, torneiro mecânico e sindicalista só conseguiu chegar à presidência na quarta tentativa, em 2002, sucedendo FHC, presidente já reeleito que administrou o país sob a batuta do neoliberalismo e forte influência do governo americano. Pela primeira vez este cargo foi ocupado por alguém advindo da classe trabalhadora, mas que teve que apresentar um discurso moderado, prometendo ortodoxia econômica, respeito aos contratos e reconhecimento da dívida externa do país, para conquistar a confiança de parte da classe média e do empresariado.

No seu discurso de posse, Lula afirmou: *E eu, que durante tantas vezes fui acusado de não ter um diploma superior, ganho o meu primeiro diploma, o diploma de Presidente da República do meu país.* Em 2006, foi reeleito com mais de 60% dos votos válidos e deixou clara, após a eleição, sua intenção de fazer um governo de coalizão, ampliando assim sua fraca base aliada. Isto o fez cooptar partidos mais a direita como PP, PTB, PP, PSB, PL e PMDB. Após dois anos de governo mantendo maioria no Congresso, o que facilitava a aprovação de projetos de interesse do executivo, uma disputa interna de poder entre os partidos aliados trouxe a tona o escândalo do mensalão. Já na segunda gestão surgiu o escândalo dos cartões corporativos, isto é, o mau uso dos mesmos.

Mas, nada abala a aprovação popular do governo Lula. Com frequência, bate recordes de aprovação, estando em 69% os que consideraram o governo ótimo e bom, em maio de 2009, em plena crise econômica mundial, segundo o instituto Datafolha¹. Porém, ainda que seja um presidente popular, a imprensa brasileira, de modo geral, mantém-se fiel às elites brasileiras, ao poderio econômico dos grandes grupos empresariais; capitalistas, naturalmente.

Embora seja sempre taxado de assistencialista pelos opositores, o governo vem mantendo ações sociais importantes como: “Luz para Todos”, “Bolsa Família”, “Fome Zero”, além de ações de infraestrutura aglutinadas no PAC- Programa de Aceleração do Crescimento. Entretanto, não é difícil notar que o governo do presidente Lula é esquerdo demais para a direita e direitoso demais para a esquerda do espectro político do país. *Eu nunca fui um esquerdista*, declarou Lula, em julho de 2006 em plena campanha para reeleição.² Apesar de ter dito isto, diante dos fatos de já ter defendido o rompimento com o

¹ Fonte: Folha online -<http://www1.folha.uol.com.br/fohla/brasil/ult96u574387.shtml>- consultado em 30 de junho de 2009

²Fonte: <http://noticias.terra.com.br/eleicoes2006/interna/0,,OI1070437-EI6652,00.html> – consultado em 02 de julho de 2009

FMI, bradado pelo não-pagamento da dívida externa, de ter tido uma prática combativa à frente do sindicato dos metalúrgicos durante a ditadura, de ter articulado uma aliança de centro-esquerda para alcançar a presidência da República e, especialmente, por seu governo estar conseguindo reduzir a situação de penúria das classes menos privilegiadas, dando-lhes condições de ascender da linha da pobreza¹, penso que Lula tinha, na ocasião desta fala, outro projeto de dizer que não estava transparente.

Meu propósito com este sobrevoo foi mostrar a tendência política sul-americana das últimas décadas, em virtude de se tratar de países vizinhos ao nosso. Mas, as Américas como um todo é um continente bastante diverso. Enquanto vemos na sua composição uma potência como a norte americana, temos países paupérrimos, com índices de 45% de analfabetismo como o Haiti, o mais pobre dentre todos.

Vimos que politicamente tem-se dado uma esquerdização nas gestões dos países da A.S, como uma corrida contra o neoliberalismo que invadiu praticamente todo o continente na década de 90, e não criou empregos nem dividiu renda, ocupado demais em desviar recursos do setor produtivo para a especulação financeira. Em decorrência, no setor econômico, países emergentes, como o Brasil, ou detentores de produtos desejáveis, como o petróleo, têm buscado diminuir a dependência de suas exportações para os Estados Unidos [maior representante do neoliberalismo], bem como o volume das importações, buscando o comércio intraregional, além de novos e grandes mercados, como o asiático, e não operando por tratados de livre comércio. Não há um rompimento com a grande potência, mas não se aceita mais tão facilmente a ingerência nas questões internas.

Na A.S. o país que ainda mantém “estreiteza” nas relações com os EUA é mesmo a Colômbia, sob a capa do combate ao narcotráfico. Porém, esta “amizade deverá ser engrossada pelo presidente chileno recém eleito, Piñera, que também deverá atuar pelo isolamento de Hugo Chaves, venezuelano, e Evo Morales da Bolívia, os maiores combatentes da influência americana. Este é o preço de uma sequência de governos da esquerda chilena [No Chile, a esquerda governou por 20 anos] que não conseguiu criar, na população, antídotos

¹ Segundo pesquisa recente (2009) do IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, cerca de quatro milhões de brasileiros saíram da condição de pobreza nas regiões metropolitanas do país nos últimos sete anos e, apesar da crise mundial, o Brasil continuou a diminuir a pobreza e a desigualdade nas principais regiões metropolitanas. Na avaliação do presidente do IPEA, Marcio Pochmann, a queda deve-se ao aumento do ritmo da expansão econômica brasileira a partir de 2004, à recuperação do emprego, elevação do salário mínimo e a programas de transferência de renda, nomeadamente o Bolsa-Família, que atinge os 20 por cento mais pobres da população.

contra o neoliberalismo. Ainda com esta derrota, Emir Sader¹, ao fazer um balanço da década da América Latina afirma:

A primeira década do novo século apresenta uma nova América Latina, com a maior quantidade de governos progressistas que o continente jamais teve. Com processos de integração regional fortalecidos – do Mercosul à Alba, do Banco do Sul à Unasul, do Conselho Sulamericano de Segurança ao Parlamento do Mercosul, entre outras iniciativas. Desenvolveu-se a Operação Milagre, que já permitiu recuperar a visão a mais de 2 milhões de pessoas, que de outra maneira não teriam possibilidade de recuperar a vista. Formaram-se novas gerações de médicos pobres na melhor medicina social do mundo – a cubana – nas Escolas Latinoamericanas de Medicina. (Fonte: Blog do Emir 26/12/2009 – consultado em 29/12/2009)

No Brasil, apesar de o governo Lula reduzir imposto (IPI) e viabilizar empréstimos para fomentar a manutenção dos empregos e, conseqüentemente, do consumo, demonstrando capacidade de gestão diante da última estrondosa crise econômica americana que adoentou a economia mundial, a elite sempre reclama as perdas. Com frequência acusa o governo de paternalismo, apontando como prova os programas sociais que visam minimizar a pobreza. Entretanto, além de assegurar um pouco mais os direitos sociais, houve expansão do mercado interno popular e a diversificação do comércio exterior. De reféns do FMI no governo FHC, vemos, com Lula, um Brasil que empresta dinheiro a este fundo que tanto esmagou o crescimento econômico do país. Concordando ou não com tal atitude, é inegável a mudança.

A resistência a toda essa alteração de cenário, ou seja, a reação da elite econômico-social ecoa pelos meios de comunicação de massa, destacando-se organizações que mantêm jornais e canais televisivos. Ao mesmo tempo, quando um governo popular bloqueia esta ferramenta muito bem utilizada na formação da opinião pública [de ricos e pobres, é verdade, mas sempre a favor de quem detém o capital] a pessoa comum se vê questionando a liberdade de imprensa. Uma liberdade que, camufladamente, não é dada às minorias sociais ou mesmo à divulgação de fatos e informações de interesse da maioria, que é composta de não-ricos, as chamadas classes C e D. Isto ocorreu na Venezuela sob as críticas de inúmeros países [Chaves fechou o maior, o mais popular e o mais antigo canal de televisão

¹ Emir Sader é brasileiro, sociólogo e cientista político, graduado em filosofia (USP) mestre em Filosofia Política e doutor em Ciência Política.

do país, o RCTV] e também se desenha no horizonte argentino [Kirchner e o jornal *El Clarín*]. Sobre esta questão afirma Venício Artur de Lima¹:

Nos últimos meses, ainda mais do que nas últimas décadas, temos assistido a uma crescente intolerância dos principais grupos de mídia – Estadão, Folha, Globo e Abril – e das associações por eles controladas – ANJ, ANER e ABERT – em relação ao debate sobre as comunicações no Brasil.

(...)

Na democracia praticada pela grande mídia brasileira, no entanto, as comunicações devem ser permanentemente excluídas desse debate. Qualquer pré-projeto, projeto, estudo, carta de intenções que se encontre em alguma gaveta de um ministério que inclua ou insinue o debate sobre a mídia será, automática e irreversivelmente, rotulado de “ameaça autoritária” e/ou “ataque à liberdade de expressão”.

(...)

A rotina é sempre a mesma: um jornalista encontra um desses pré-projetos, projetos, estudos e/ou carta de intenções; o jornalão dá manchete de primeira página alertando para o mais novo ataque do governo à liberdade de expressão e/ou à liberdade de imprensa; os outros jornalões (revistas e emissoras de rádio e televisão) repercutem a matéria entrevistando as mesmas fontes de sempre – pessoas e/ou entidades. Em seguida, todos publicam editoriais e/ou artigos de “analistas” sobre “as ameaças” autoritárias. Está armado o cenário.

(...)

Na verdade, a grande mídia tem se colocado acima das leis, da Constituição e das decisões do Judiciário, apesar de se apresentar como defensora suprema das liberdades. Ao mesmo tempo, se recusa a discutir ou a negociar, boicota conferências nacionais, **distorce e omite informações, sataniza movimentos sociais, partidos, grupos e pessoas que não compartilham de seus interesses, projetos e posições**. Dessa forma, estimula a intolerância, a radicalização política e o perigoso estreitamento do debate público. Como explicar, então, a atitude cada vez mais intolerante da grande mídia? Onde encontrar hipóteses e/ou explicações para um comportamento que, tudo indica, é deliberadamente articulado? Seja qual for a explicação, a principal derrotada é a democracia, exatamente o valor que a grande mídia **simula** defender. (grifos da pesquisadora) (Fonte: Carta Maior - 25/01/2010)

É certo que esta mudança de ditadura para o processo democrático, sobretudo de gestões mais próximas do socialismo, tendo Cuba como país pioneiro em todo o continente, embate com os interesses hegemônicos da elite da qual faz parte também a grande mídia. As novas tecnologias de comunicação, celulares que gravam, fotografam e filmam, twitter, a internet cada dia mais acessível são instrumentos que conseguem, **parcamente**, quebrar o domínio da (in)formação restrita aos fortes veículos de comunicação.

¹ Graduação em Ciências Sociais/Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1969), mestrado (1974), doutorado (1979) e pós-doutorado (1988) em Communications pela University of Illinois. É também pós-doutor pela Miami University (1991). É pesquisador sênior do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política da Universidade de Brasília. Tem experiência nas áreas de Ciência Política e Comunicação atuando principalmente nos seguintes temas: mídia e política, mídia e eleições; políticas públicas, legislação e economia política de mídia.

Indubitalvelmente, a internet revolucionou a comunicação. São “N” páginas¹ que contemplam notícias, informações, negócios, romances, páginas pessoais etc, até correio eletrônico que faz, num *clic*, uma mensagem, até boateira, se espalhar exponencialmente pela lista de endereços eletrônicos. Em virtude disso, os jornais impressos, os canais de televisão, as rádios também costumam manter sites de notícias, músicas etc, e, obviamente, cada um faz uma seleção ideológica do que colocar em interação.

Acredito que este panorama político dos países da América do Sul pode dar uma dimensão sócio-histórica, delinear o contexto amplo que permite a percepção e compreensão do tratamento dado ao chamado boato de deserção em massa dos atletas cubanos. Como este boato foi “utilizado” nos projetos de dizer e/ou na Vontade de Verdade da mídia e de seus espectadores/leitores; afinal, diz Bakhtin:

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística. (2006a:126)

Mas, para que o leitor tenha o cenário ainda melhor construído, apresento a seguir uma pequena explicação sobre os suportes em que foram veiculados os textos que analiso: Todos extraídos de páginas da internet, mas que mantêm suas peculiaridades. Penso que refletirmos sobre o meio de circulação de uma informação implica em conseguirmos identificar melhor os interlocutores, a forma composicional, o estilo e o tema, dados para decifrarmos melhor o projeto de dizer, a Vontade de Verdade, obviamente segundo o nosso próprio olhar. Recorro a Bakhtin (2006a: 45) para melhor iluminar o meu intento:

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo. (...) Só esta abordagem [estudar a evolução social do signo] pode dar uma expressão concreta ao problema da mútua influência do signo e do ser; é apenas sob

¹ Em julho de 2008 o Google detectou mais de um trilhão de endereços exclusivos na internet, de acordo com o site The Inquirer. Além disso, a companhia diz ter registrado um crescimento de um bilhão de páginas por dia na web. Fonte: http://www.oficinadanet.com.br/noticias_web

esta condição que o processo de determinação causal do signo pelo ser aparece como uma verdadeira passagem do ser ao signo, como um processo de refração realmente dialético do ser no signo.

3.1.3 Sobre os suportes dos textos

O Texto 1 foi produzido e divulgado no **Portal UOL**. Este suporte eletrônico segue a tendência dos portais de notícia, carregados de informações na primeira página, com mais de 60 chamadas para matérias, contrariando a estética indicada para desenvolvimento de sites *clean*, isto é, com sacrifício do volume de informação oferecida em primeiro plano, em detrimento de uma estética mais agradável, mais limpa. A diversidade do público que acessa o portal explica isso, uma vez que, quanto mais distinto for o público alvo, mais diversos são os assuntos que eles procuram. Por isso, o Portal lança, já na página principal, notícias, política, esporte, vídeos, cultura, entretenimento, gay, comportamento, saúde, educação, jogos, bate-papo, cinema, ensaios e serviços.

As matérias encontradas no site são pensadas a partir do seu público. As chamadas trazem pautas bem elaboradas, com boas informações e fontes, contrariando uma constante em *webjornalismo*: a preocupação em resumir ao máximo o texto, colocando poucos caracteres para não espantar o internauta. Em determinados temas o site usa o *hiperlink*, chamando para matérias relacionadas ao assunto pautado. Podemos perceber também, que se dispensa texto e privilegia-se imagens em algumas seções e geralmente, neste caso, o site apresenta um álbum de fotografias. Ao abri-lo o internauta se depara com uma foto que toma quase toda a tela e um texto-legenda, de no máximo duas linhas e os *links* para os mais ávidos por uma informação mais detalhada.

O plantão de notícias, uma das últimas ferramentas criadas para os portais de notícias, foi aperfeiçoado no site *UOL*. Enquanto a maioria dos sites, como o G1 da Rede Globo, usa o plantão na página principal, poluindo ainda mais o primeiro contato do internauta com o site, o *UOL* utiliza o plantão dentro das matérias. Ao final da matéria existe um plantão de notícias atualizado em intervalos que variam entre dois e sete minutos.

A credibilidade do Portal *UOL* está entre as maiores dos sites de notícias, devido aos mais de 13 anos de tradição. Atualizado várias vezes ao dia, o *UOL* teve média mensal de 15,271 milhões de visitantes domiciliares no Brasil em 2008, segundo o Ibope. Ainda de acordo com o instituto de pesquisas, o *UOL* teve média mensal de 1,704 bilhão de

páginas vistas em domicílios no Brasil em 2008. Seu público leitor, assinantes e visitantes de diversas idades, embora em grande parte sejam adultos, são pessoas das mais diversas visões político-ideológicas e, geralmente, supõe-se, mais informadas do que a grande maioria, por serem navegadoras da internet [o portal *UOL* não tem nenhuma ligação com rede de televisão, mas há quem afirme que o Portal é vinculado ao jornal impresso Folha de S. Paulo].

O **Texto 2** foi publicado no site *globoesporte.com* que se insere no Portal *Globo.com*. A página inicial do *globoesporte.com* é carregada de notícias com a mesma estética do *globo.com*, porém as matérias estão relacionadas apenas ao esporte. O futebol se destaca, ganhando as manchetes principais que estão situadas no espaço superior da página e uma sessão para cada time, com notícias atualizadas e interatividade com o torcedor que pode enviar suas matérias e/ou sugerir pautas. Ainda assim, cada esporte tem uma coluna determinada. As matérias, em maioria, são curtas, mas oferecem *hiperlinks*. Quando a pauta exige matérias mais longas, o site utiliza subtítulos, o que permite uma leitura dinâmica atrativa para o público apressado. Este site também utiliza vídeo, trazendo matérias mais atraentes do que se fossem escritas e mostra uma seção com as cinco notícias mais lidas no dia para quem perdeu alguma atualização. Além de atualizar o plantão, que está no canto direito superior da página principal, em intervalos de três a sete minutos, o site explora bastante as imagens de esportistas famosos, chamando para matérias a respeito dos mesmos ou de seus times.

O site *globoesporte.com* recebe muitas visitas do portal *Globo.com*, por isso não existe uma precisão no número de acessos recebidos. Sua característica mais marcante é o jornalismo especializado, tendência mundial. Cada vez mais as pessoas procuram meios de comunicação especializados no assunto que mais lhes agrada.

Sendo “lincado” à Rede Globo de Televisão, principal órgão das *Organizações Globo*, a maior de toda a América Latina e a quarta maior do mundo, o site é mantido como recuperação das informações televisionadas. Vale destacar que as *Organizações Globo* têm uma “estreita afinidade” com a ideologia da elite hegemônica do Brasil e do mundo [como a maioria dos grandes órgãos de comunicação]. Seu público, com frequência, é apontado como telespectador que se satisfaz com a superficialidade das notícias transmitidas, especialmente via televisão.

O **Texto 3** foi postado em **vários sites** que possuem características semelhantes, isto é, são sites de organizações que parecem ser um tanto quanto “alternativas”, no sentido de se diferenciarem do que é mais comum, mais “consumido” pela sociedade brasileira em geral, portanto, conseqüentemente, menos lidos Citando apenas como alguns

exemplos, além do site Observatório da Imprensa do qual extraímos o texto, temos: (1) O site denominado *A CMI Brasil*, que se auto define como *uma rede de produtores e produtoras independentes de mídia, que busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade, que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente*; (2) o site *Vermelho* que é *uma página mantida e gerida pela Associação Vermelho, entidade sem fins lucrativos, em convênio com o Partido Comunista do Brasil*. Identifica-se como, (3) o site da Federação dos Bancários do Rio de Janeiro e do Espírito Santo; (4) o site *Intercom*:– *A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom - é uma associação científica, de utilidade pública, sem fins lucrativos, fundada 1977, que participa da rede nacional de sociedades científicas capitaneada pela SPBC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Está integrada às redes internacionais de ciências da comunicação como entidade associada à ALAIC - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, à IAMCR - International Association for Mass Communication Research, IFCA - International Federation of Mass Communication Associations e à Lusocom - Federação Lusófona de Ciências da Comunicação*. O texto 3 pode ser encontrado também em vários *blogs* como *Picollamércia* e *Pedrodoria*, sendo este último de um jornalista, colunista do caderno “Link” de O Estado de S. Paulo, ex-editor do caderno “Aliás”, do mesmo jornal, e que afirma que seu “Weblog fôo o primeiro blog jornalístico profissional do Brasil”¹. Creio que seja oportuna a citação de Orquiza (2000:4):

É ingênuo admitir total imparcialidade ou inexistência de jogos de interesses por parte dos emissores de informação dos principais veículos de comunicação.

Penso que o cenário até aqui construído permite dar início a apresentação e análise dos textos com o intuito de verificarmos a Vontade de Verdade e/ou o projeto de dizer de cada um deles, fato que resulta em diferentes tratamentos da notícia ou de um

¹ Estranhamente, em julho de 2009 a pesquisadora não encontrou mais o texto no blog do citado jornalista [Fato compreensível por ele ter vínculo com outros meios de comunicação que dificilmente divulgariam tal texto] (http://pedrodoria.com.br/?s=*O+GLOBO%2C+A+REVOLU%C3%87%C3%83O+CUBANA+E+O+PAN*.*%E2%80%9DAcrescentam+tais+not%C3%ADcias+que%2C+nas+cidades+), aparecendo somente a frase Not Found. Sorry, but you are looking for something that isn't here.

acontecimento como o boato de deserção em massa dos atletas cubanos no PAN de 2007. Repito que analiso cada um individualmente e depois os analiso em conjunto.

3.2 Textos e análises

3.2.1 TEXTO 1

28/07/2007

Após Boato De Deserção, Cuba Deixa O Rio Às Pressas¹

Dos Enviados Especiais Do *UOL* No Rio De Janeiro

Parte da delegação de Cuba que ainda estava no Rio de Janeiro já embarcou no aeroporto internacional do Galeão com destino ao país caribenho, antes mesmo do final da participação do país no Pan-Americano. Existiram boatos de um plano de deserção em massa e a ordem de retorno teria partido diretamente do líder cubano Raul Castro.

Ele teria ordenado aos cerca de 240 atletas da delegação que deixassem a Vila Pan-Americana ainda na noite deste sábado e retornassem à Cuba. Seis ônibus levaram os atletas ao aeroporto, onde um avião fretado, modelo Ylushin, de uma companhia aérea cubana já os esperava. A saída foi feita às pressas e, no Galeão, atletas e dirigentes tiveram problemas para encontrar bagagens nos dois caminhões que levavam as malas.

Um suposto boato, não confirmado pelo Comitê dos Jogos Pan-Americanos do Rio (Co-Rio), de uma deserção em massa dos cubanos após a cerimônia de encerramento dos Jogos, neste domingo, teria motivado a ação de Castro, irmão do líder Fidel Castro.

O único cubano que iria competir neste domingo é Norbert Gutierrez, na maratona masculina. No Galeão, disseram que ele segue na cidade carioca para a prova. No final da noite deste sábado, Cuba não compareceu ao pódio do vôlei masculino. Com o terceiro lugar vazio, brasileiros e norte-americanos receberam suas medalhas.

"Já estamos com saudade de Cuba. Temos que voltar. Não há nenhum tipo de protesto ou ameaça", declarou o jogador da seleção de vôlei do país Pavel Pimienta - a justificativa do time para a volta repentina é de que eles vão participar de uma outra competição em breve.

As medalhas, segundo representantes de delegação cubana, serão enviadas para Cuba, onde os jogadores as receberão. O time venceu a Venezuela por 3 sets a 2 na tarde de sábado, no Maracanãzinho, e ficou com o bronze.

¹ A redação está completamente preservada, *ipsis litteris* apenas sublinhados foram feitos pela pesquisadora, para facilitar a consulta dos leitores.

Espantados com o assédio da imprensa no aeroporto, alguns atletas de Cuba brincaram com a situação. "Estamos com uma ameaça de ciclone e por isso precisamos voltar logo", brincou um deles.

Durante os Jogos, dois boxeadores (o bicampeão olímpico Guillermo Rigondeaux e o campeão mundial Erislandy Lara), um jogador de handebol (Rafael D'Acosta) e um técnico de Ginástica artística (Lázaro Lamela) desertaram.

O número não é tão grande se comparado com Pans passados. A cada edição dos Jogos, parte da delegação deserta atrás do dinheiro que o profissionalismo dos países capitalistas oferece. Começou em 1971 com seis abandonos e chegou a seu ápice em Winnipeg-1999, com 13 desertores incentivados também por organizações anticomunistas baseadas em Miami (EUA).

(Fonte: <http://pan.UOL.com.br/pan/2007/ultnot/2007/07/28/ult4343u1233.jhtm> - consultado dia 28 de julho de 2007)

O texto publicado no Portal *UOL*, como constataremos a seguir, deixa transparecer certo cuidado no tratamento do assunto. Este “cuidado”, porém, às vezes escapa, [como sempre acontece; característica constitutiva da linguagem], fazendo com que, no desenrolar do texto, consigamos perceber que os fatos narrados implicam ora numa ora noutra posição de justificativa, um vai e vem de dizeres.

Ao observar que *Parte da delegação de Cuba que ainda estava no Rio de Janeiro...*, posso afirmar que o termo **ainda** faz significar: (1) que os outros atletas cubanos já tinham saído correndo também [esta segunda significação tem como reforço o título] ou mesmo (2) que outra parte já tinha deixado a cidade, como “naturalmente” acontece nos Jogos do Pan bem como nas Olimpíadas. Cumpram-se as provas e desocupa-se o alojamento, retornando às cidades de origem. Isto pode fazer supor ao leitor mais atento que tudo estava correndo normalmente, embora no título da matéria tenhamos a informação de que “Cuba deixou o Rio **às pressas**.” Ainda temos outros sinais que nos remetem a considerar que não havia a referida intempestividade dos atletas. Quando o autor diz que a delegação **embarcou** (*embarcou no aeroporto internacional do Galeão*), usa um termo comum para se referir a quem viaja normalmente, a quem entra numa embarcação, trem, avião etc¹. [nos textos 2 e 3 encontramos os termos “volta imediata”, “debandada” etc]. Da mesma forma, quando lemos que a *delegação teve por destino o país caribenho*, isto é, *o lugar aonde se dirige alguém*²,

¹ Fonte: Médio Dicionário Aurélio (1980:637)

² Idem (p.585)

estamos diante de um termo também comum do universo do traslado. Temos um tratamento diferenciado deste ato, dado pelas autoras do texto 2, especialmente, como veremos adiante.

Apesar de dizer que havia boatos, verificamos que, , nas afirmações *Existiram boatos de um plano de deserção em massa*, e ainda *Um suposto boato, não confirmado*, os termos sublinhados são expressões que permitem perceber que o autor não afirma que realmente existiu o boato, bem como possibilita ao leitor duvidar desta existência [*um* = artigo indefinido; *suposto* e *não-confirmado*]. Quero chamar a atenção para as duas construções: (1) penso que poderia afirmar que o autor ao dizer “existiram boatos de **um** plano de deserção” busca mais a indeterminação do que tenha a noção da intransitividade do verbo “existir”. (2) É possível que ele pluraliza a expressão [*Existiram boatos*] buscando o verbo na terceira pessoa do plural como se fosse para indeterminar a existência do boato, mais do que concordar sujeito e verbo. Justifico minha suposição tendo em vista que ao utilizar a palavra “boato” no singular, o autor a precede do termo “suposto”[*suposto boato*] Este pensamento é o que me autoriza dizer que tanto autor quanto leitor não têm certeza da existência do boato de deserção em massa dos atletas cubanos. Talvez seja isto que Bakhtin (2006a: 96) “também” queria dizer quando afirma que *para o locutor, a forma lingüística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente como signo sempre variável e flexível. Este é o ponto de vista do locutor*;

O uso do termo **deserção** é muito significativo. Deserção é o ato de desertar e este tem dicionarizado¹ o sentido de: (1) tornar ermo, deserto, despovoar; (2) abandonar, deixar; (3) ausentar-se, afastar-se; (4) desviar-se; (5) fugir, retirar-se; (6) passar, bandear-se; (7) deixar o serviço militar sem licença. Já para o vocábulo desertor encontrei: (1)- militar que abandona as fileiras do exército; (2) trãnsfuga; (3) fig. Aquele que abandona uma causa. Também digitei no site *Google*, usando aspas, os termos **deserção de atletas**. Confesso que não me surpreendeu o fato de que das 67 ocorrências, apenas duas não se referiam a atletas cubanos. Aliás, as tais duas ocorrências tratam de uma única chamada [*COB já teme a "deserção" de atletas dos Jogos*], para a notícia de que o *Comitê Olímpico Brasileiro já trabalha com a hipótese de algumas das principais estrelas do esporte nacional **desistirem** de ir ao Pan-Americano de São Domingos, em virtude da precariedade das instalações*, publicada em janeiro de 2003.² Desde que vi a palavra “deserção” associada a atletas [civis], na época das notícias do Pan 2007, compreendi responsivamente o uso deste signo, neste

¹ Fonte: Médio Dicionário Aurélio (1980:569)

² Fonte: <http://www.judobrasil.com.br/2002/oesp33.htm> - consultado em 09 de maio de 2008

contexto, como uma tentativa de vinculá-lo à farda de Fidel Castro, como uma prática dos atletas, apenas os cubanos, e das pessoas de Cuba, que não passam de meros soldados militares, sem liberdade, pessoas subjugadas, que vivem a expiação de um governo autoritário. Cuba sempre foi ameaça para a hegemonia latino-americana e, como há hoje um governo brasileiro, cuja base eleitoral está majoritivamente representada pela classe popular, há que se minar qualquer possibilidade de simpatia por Cuba, historicamente vanguardista do socialismo nas Américas. De preferência corroer uma possível admiração de forma escamoteada, por meio da mídia. Diante de uma nova ideologia da superestrutura, a ideologia do cotidiano da classe hegemônica deve estar atenta e acionar a quem lhe serve, como por exemplo, à mídia oficial. [Desenvolvo melhor esta idéia, ao colocar em diálogo os três textos]. O mestre russo me possibilita confirmar minhas suspeitas, quando afirma que:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriam caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (Bakhtin, 2006a: 42)

Caminhando mais um pouco pelo texto, em *teria partido de Raúl Castro, ele teria ordenado, e ainda, teria motivado a ação de Castro*, observo o emprego do **futuro do pretérito composto do indicativo**, tempo da incerteza sobre o fato informado, isto é, não se sabe se partiu de Castro, se Castro ordenou ou se Castro foi motivado a agir. Esta incerteza, a meu ver, não se apóia somente na autoria das ações de Castro, mas na condicionante da existência ou não do próprio boato do plano de deserção. Não se pode desconsiderar, também, a desresponsabilização do enunciador pelo que ele diz, enquanto organizador, maestro e ressignificador das vozes sociais

Apesar de não conseguir supor que tenha sido intenção do autor dar uma pista ao leitor, mas um novo escape, achei interessante ver no texto que *um avião fretado, modelo Ylushin, de uma companhia aérea cubana já os esperava* e que a *saída foi feita às pressas*. Sabe-se que, na realidade, de Havana ao Rio são quase oito horas de vôo, o que me faz achar

um tanto surreal a dita “pressa”. Quero dizer que no mínimo oito horas antes do embarque, o avião de Cuba deveria ter deixado aquele país e a delegação saberia que teria que embarcar depois das oito horas que a aeronave deixasse o país caribenho. Ainda que sejam, segundo o texto, cerca de 240 atletas e que isto “naturalmente”, exija uma logística complicada de malas e bagagens nos caminhões que as transportaram, oito horas não costuma ser considerado como “pressa de embarque”. Este sentimento de incompreensão diante do fatos da realidade e dos fatos anunciados no texto me sugere a retomada das palavras de Bakhtin (2006a: 48) quando, ao afirmar a dupla face do signo ideológico diz que *toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras*. Ressalto que estas são considerações advindas da minha leitura imediata, do que há de mais emergente da minha bagagem histórica, dos meus valores, isto é, outros sentidos podem ser dados ao texto, tanto advindos das minhas releituras, quanto de pessoas que possuem experiências de vida e valores diferentes dos meus.

Podemos ainda pinçar no texto possíveis explicações lógicas para o embarque dos atletas, construído como repentino naquele sábado: (1) Na voz do autor temos: *O único cubano que iria competir neste domingo é Norbert Gutierrez, na maratona masculina*; (2) e na de narrador que não se responsabiliza pelo dito: *No Galeão, disseram que ele segue na cidade carioca para a prova*. [Ora, se só havia um cubano para competir e os demais já haviam cumprido suas provas, não seria natural que estes voltassem a Cuba?]; (3) Observemos agora o que obtemos da voz direta do atleta: *Já estamos com saudade de Cuba. Temos que voltar. Não há nenhum tipo de protesto ou ameaça* [declarou o jogador da seleção de vôlei do país Pavel Pimienta]; (4) Vejamos ainda, finalmente, no discurso do narrador, que recupera, *pelo menos de forma rudimentar, a autonomia do discurso* do time. (Bakhtin, 2006a: 151): *A justificativa do time para a volta repentina é de que eles vão participar de uma outra competição em breve*.

Seleciono estas passagens para destacar um fato que julgo interessante. Ainda que tenhamos as explicações dadas pelos atletas para o retorno da delegação, na voz do autor o tempo verbal mantém a incerteza do fato, com o uso do futuro do pretérito composto do indicativo, *iria competir*, reforçada pelo uso do sujeito indeterminado da oração *disseram que ele segue na cidade carioca*; Ao contrário, as afirmações feitas pelo atleta do vôlei e, indiretamente, pelo time apresentam verbos no presente e no futuro do presente do modo indicativo: *temos que voltar, não há nenhum tipo de protesto ou ameaça, a justificativa do time para a volta repentina é a de que vão participar...*

O texto registra outra escapada [constitutiva da linguagem] do autor ao dizer que os atletas estavam *espantados com o assédio da imprensa* e que um deles *brincou* com a situação. Este detalhe parece transmitir a idéia da não-gravidade da/saída dos atletas. O espanto era com o assédio e não com um embarque intempestivo

Finalmente, fechando a matéria vemos a informação extra de que, *a cada edição dos Jogos, atletas cubanos desertam em busca do dinheiro que o profissionalismo dos países capitalistas oferece* e que *o ápice foi em Winnipeg quando 13 desertaram também incentivados por organizações anticastristas sediadas nos Estados Unidos*. Aqui, me parece mais um escorregão, talvez o maior deles, na desejada assepsia da notícia. Depois de anunciar que no Pan do Brasil desertaram 3 atletas e 1 técnico, resgatar da história 13 deserções e, ainda, vincular aquelas **também** ao anticastrismo americano, sugere a demonstração de uma posição ideológica até então mais camuflada no texto, ou ainda, agora exposta.

Diz Bakhtin (2006a:36):

Mas esse espaço semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. *A palavra é o fenômeno ideológico por excelência*. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (grifos do autor)

Penso ser pertinente concluir que o autor do texto buscou medir palavras, não demonstrar posições pessoais, ater-se a fatos, recortes etc., como se quisesse construir um texto meramente informativo e asséptico. Mas, de qualquer forma, o “cuidado com a assepsia,” a forma como é buscada, o uso dos termos, tempos verbais etc. são também atos ideológicos. Deste conflito resultou um texto de vai e vem, de medo de certezas e medo de enganos, portanto, possivelmente frustrado para a aparente intenção do autor.

Feita a análise destes indícios lingüísticos (estrito senso), reservo a análise discursiva, sobretudo da questão de projeto de dizer e Vontade de Verdade, para o momento em que refletirei sobre os três textos selecionados neste capítulo. Passo então à análise do texto 2.

3.2.2 TEXTO 2

28/07/2007 - Atualizado em 29/07/2007

Medo de deserção faz Cuba ir embora
Delegação embarca na noite deste sábado e não participa da cerimônia de encerramento¹

Carol Oliveira, Gabriele Lomba, Simone Evangelista e Alexandre Cossenza

Do GLOBOESPORTE.COM, no Rio de Janeiro

O caso das fugas de cubanos durante o Pan 2007 ganhou seu principal capítulo na noite deste sábado. Um boato de deserção em massa fez com que o presidente em exercício de Cuba, Raúl Castro, irmão de Fidel, exigisse a volta imediata da delegação para o país, e todos os atletas que ainda estavam na Vila Pan-Americana rumaram para o Terminal 2 no setor de embarque do Aeroporto Internacional Tom Jobim (antigo Galeão), rumo a Havana.

Seis ônibus e dois caminhões levaram todos os atletas, comissão técnica e bagagem da delegação. O discurso de todos parecia ensaiado, ressaltando que a viagem de volta já estava programada. No entanto, procurada pela reportagem do GLOBOESPORTE.COM, uma funcionária da Infraero revelou que o voo era fretado e estava programado para sair na noite de domingo.

Treinador de luta greco-romana, Rodolfo Terez se irritou ao ser perguntado por que toda a delegação estava deixando o Brasil antes do fim do Pan.

_Uma parte da delegação vai hoje, a outra segue amanhã. Não aconteceu nada, e se me perguntar novamente eu não vou responder.

Dayme Rizas, do time feminino de hóquei, não gostou que suas compras fossem fotografadas, mas por um breve momento, esqueceu o clima estranho que tomava conta da delegação cubana.

_ Por que você quer tirar foto logo das compras? Comprei muita coisa, mas não tudo o que eu queria, pois não tive tempo, diz ela para depois ser lacônica na hora de explicar o porquê.

_ Não sei.

O GLOBOESPORTE.COM já havia apurado a notícia durante a final masculina de vôlei entre Brasil e Estados Unidos, no Maracanãzinho. A seleção de Cuba conquistou a medalha de bronze em uma bela partida contra a equipe da Venezuela, mas o time foi embora do Maracanãzinho muito antes da premiação.

Cuba foi embora. Acabei de receber a programação. Só vai ter a premiação de ouro e prata. Mas você não ouviu isso da minha boca - diz um voluntário, que preferiu não se identificar.

Segundo informações da TV Globo, o CO-Rio foi informado cinco horas antes da partida contra a Venezuela que os jogadores não ficariam para receber as medalhas caso as conquistassem - sem saber do que estava

¹ A redação está completamente preservada, *ipsis litteris*, apenas os sublinhados foram feitos pela pesquisadora, para facilitar a consulta dos leitores.

acontecendo, a platéia que encheu o Maracanãzinho para assistir à seleção de Bernardinho, que levou o ouro, vaiou a ausência dos cubanos.

O primeiro caso de deserção cubana na edição brasileira do Pan aconteceu antes mesmo do início oficial dos Jogos. Rafael Capote da equipe de handebol, fugiu da Vila no dia 11 e foi para São Caetano do Sul, em São Paulo. O jogador, de 19 anos, alegou que no Brasil teria melhores condições para dar seqüência à sua carreira.

Depois foi a vez do técnico de ginástica artística, Lázaro Lamelas Ramírez, seguido pelos boxeadores Guilherme Rigondeaux e Erislandy Santoya. Estes últimos foram para a Alemanha, onde assinaram contrato de cinco anos com o canal local Arena TV.

(Fonte: <http://pan2007.globo.com/PAN/Noticias/0,,MUL79402-3882,00.html> – consultado em 28 de julho de 2007)

Não reconheço neste texto publicado pelo *site Globoesporte.com* nenhuma manifestação de “cuidado” a que me referi no texto anterior. Nele não se ocupam em modalizar a linguagem, ainda que os fatos não estivessem esclarecidos para ninguém. Não há preocupação com a diferença entre informar o leitor e formar a opinião do leitor. Ao contrário, nota-se que o boato de deserção foi posto a serviço de interesses ideológicos anti-cubanos e por extensão anti-socialistas, preservando os valores de uma hegemonia midiática que sempre foi aparelho da elite social.

Embora o texto se inicie com o uso do termo **fugas** e não deserção (*O caso das fugas de cubanos*), aliás termo até mais forte [fuga remete a prisioneiros], é observável que não se cogita a não-existência de um boato de deserção em massa dos atletas cubanos. Outras certezas decorrentes desta premissa são expressas no mesmo parágrafo: *Um boato de deserção em massa fez com que o presidente em exercício de Cuba, Raúl Castro, irmão de Fidel, exigisse a volta imediata da delegação para o país e todos os atletas rumaram para o terminal 2 no setor de embarque do Aeroporto Internacional Tom Jobim rumo a Havana*. É possível perceber que, diferentemente do texto anterior, o tempo verbal utilizado para entrelaçar os termos “boato” e “Raúl Castro” é o pretérito perfeito do indicativo [o boato **fez** com que Raúl Castro **exigisse**], tempo que não sugere qualquer dúvida, ao contrário: ação passada, certa e concluída. No período, a exigência que Raúl fez é subordinada ao boato, à existência do boato: Leio, a partir do que escreveram as autoras do texto, que o boato existiu; foi por causa dele que Castro agiu; agiu exigindo a volta e uma volta imediata; sem qualquer dúvida sobre os atos ou fatos. Cabe aqui também um segundo sentido: Dar como certo e acontecido o boato de deserção e a volta intempestiva por exigência do governo, pode querer sugerir ao leitor que Castro toma decisões com base em boatos; fato que descredencializa o

próprio Castro, a família Castro e o governo cubano. A reportagem funciona como apóstolo do boato.

Da mesma forma, [também contrariando o texto 1], **todos os atletas** partiram para o terminal de embarque, aliás todos **rumaram** para o terminal **rumo** a Havana. Para que o leitor não tivesse dúvida de que nenhum atleta tivesse permanecido no país, esta afirmação é repetida e ampliada pelas autoras quando dizem que *ônibus e caminhões levaram todos os atletas, comissão técnica e bagagem da delegação*. Além da afirmação de que não ficou nenhum desportista da delegação cubana no Brasil, o termo “rumaram” soa aos meus ouvidos de leitora como uma flecha, que segue com destino certo, único e veloz.

No segundo parágrafo, encontramos: *o discurso de todos parecia ensaiado*, o que significa que não houve exceção, que diziam exatamente a mesma coisa: ressaltavam *que a viagem de volta estava já programada*. Nem levemos em conta que o Texto 1 afirma que os atletas “brincavam”. A mim basta pensar nas relações cotidianas, por exemplo: se um repórter entrevistasse, numa sala de embarque, os jogadores do Cruzeiro de saída para um jogo fora do Estado de Minas Gerais e perguntasse por que estavam ali, será que todos não diriam a mesma coisa? Penso ainda que todos os leitores ou ouvintes da entrevista compreenderiam a frequência da resposta como a confirmação de veracidade da mesma, bem como perceberiam a falta de preparo do repórter por fazer sempre a mesma pergunta. Porém, diante de todo o contexto amplo e imediato, penso que neste texto da *globo.com* a intenção foi a de confirmar a falta de liberdade dos atletas, até de se expressarem, e, por extensão, a submissão do povo cubano ao “controle” do governo “ditador” dos Castro, ou de Cuba, visto que são quase sinônimos.

As autoras dispensam este comportamento natural de julgar a repetição como confirmação de veracidade, porém creditam, ou melhor, querem que o leitor acredite na afirmação de **uma funcionária** da Infraero (*procurada pela reportagem do GLOBOESPORTE.COM, uma funcionária da Infraero revelou que o vôo era fretado e estava programado para sair na noite de domingo*). Esta referida Empresa tem cerca de 28.000 profissionais, entre “orgânicos e terceirizados”¹. O artigo feminino indefinido **uma** parece ser significativo nesta afirmação. Ainda que a lei permita a ocultação da fonte, penso que outros dados que a identificassem um pouco mais, sem nominá-la, poderiam ter sido explorados; como por exemplo, o setor em que trabalha “a reveladora”; prática normal de jornalistas para assegurar o mínimo de credibilidade ao que se noticia. As autoras repetem a mesma prática ao

¹ Fonte: Infraero – www.infraero.gov.br – consultado em julho de 2009.

registrarem no quinto parágrafo do texto: *Mas você não ouviu isso da minha boca - diz um voluntário, que preferiu não se identificar*. Segundo a coordenadora de voluntários do Pan 2007, Paula Hernandez, o número de voluntários era de 15.000 pessoas.¹ Orquiza² (2000: 29) afirma que *o poder de comunicação varia de acordo com a 'aceitabilidade' da fonte emissora* e ainda questiona:

Que análise é permissível ao se defrontar com “dizeres” postos na boca de alguém, totalmente anônimo, apenas referenciado como uma alta autoridade?

(...) Será que o anônimo citado falou ou quiseram que ele falasse exatamente aquilo?

Em princípio, o jornalismo estruturado em “insinuações” perde consistência. A improcedência é gritante. Permite variações altamente conflitantes com a ética profissional e mais ainda, com a qualidade do produto adquirido pelo leitor. (grifo do autor).

Da mesma forma que fizemos o exercício de pensar nas relações cotidianas para imaginarmos uma diferente razão para as respostas repetitivas ou, como querem as autoras, “ensaiadas” dos atletas, pensemos agora em um mesmo interlocutor, várias vezes questionado com a mesma indagação: Não seria natural que ele dissesse *e se me perguntar novamente eu não vou responder*, ou ainda, **laconicamente**, *não sei*, como vemos nos terceiro e quarto parágrafos? Mas, penso que as autoras do Texto 2 buscaram evitar esta possibilidade de raciocínio do leitor ao explicitar, em seguida, *o clima estranho que tomava conta da delegação cubana mas esquecido por um breve momento* [pela atleta de hóquei que comentou que ainda queria ter comprado mais do que comprara; aliás, uma fala bem cotidiana e distencionada, principalmente entre mulheres.]

Finalmente, fechando as cortinas do palco, as autoras reforçam o projeto de dizer do texto 2, por meio de expressões como: *a platéia [brasileira] vaiou a ausência dos cubanos; o primeiro atleta a desertar alegou que no Brasil teria melhores condições para dar seqüência a sua carreira e os boxeadores foram para a Alemanha e assinaram contrato por 5 anos com a TV Arena*. Esta última (in)formação, pode dever seu equívoco à matéria intitulada *Desertores vão lutar na Alemanha*, publicada no Jornal *O Estado de São Paulo*³, na véspera do

¹ Fonte: <http://voluntariospan2007.blogspot.com/2007/03/critrio-de-seleo-de-voluntrios.html>

² José Roberto Orquiza, formado em Filosofia e Ciências Econômicas, atualmente consultor de marketing.

³ Nesta matéria o diretor do Canal de TV Ahmet Öner disse, segundo o jornal, que as promessas do boxe mundial iam lutar pela a Arena TV e que eles já estavam na Alemanha, sem que divulgasse o local. A matéria

dia em que foi postado o texto 2. Porém, tudo é melhor que ser cubano: vaia-se cubanos, no Brasil encontram-se melhores condições e na Alemanha tem-se segurança financeira com trabalho garantido por 5 anos, no mínimo.

Ao meu ver, parece bastante evidente o projeto de dizer do texto 2. Nem é preciso muita investigação, ele é explícito, descuidado. Para dizer o que se quer dizer vale tudo, até não identificar a fonte num exercício jornalístico. A credibilidade está pressuposta pela instituição que enuncia, de comum acordo com seu público alvo. Forma-se mais que informa-se, respondendo, também, à expectativa ideológica do seu público.

Do terceiro texto, faço a análise somente do 9º ao 16º parágrafos, mas o texto como um todo é objeto de discussão posterior, em conjunto com os demais.

3.2.3 TEXTO 3

07.08.2007

A revolução cubana e a cobertura da Globo¹

Por Por Ivan Pinheiro²

"Acrescentam tais notícias que, nas cidades do interior (na área de Sierra Maestra), registraram-se vários atos de sabotagem, inclusive um atentado contra uma escola rural. (Jornal O Globo, 1º de agosto de 1957, pág 9 do Segundo Caderno- sobre atividades da guerrilha em Cuba, comandada por Fidel Castro)

"-Ele (Fidel) já se aposentou. Quem manda agora é seu irmão – disse o sapateiro Eduardo Diaz. (Jornal O Globo, 2 de agosto de 2007, pág 32 do Caderno Economia - sobre especulações a respeito de divergências entre Fidel e Raul Castro)

As organizações Globo comemoram 50 anos de luta sem tréguas contra a Revolução Cubana. Que coerência! A campanha sistemática começou antes mesmo da entrada vitoriosa dos guerrilheiros em Havana, em 1º de janeiro de 1959!

São 50 anos de manipulação. Você consegue imaginar Fidel Castro, Che Guevara e Camilo Cienfuegos cometendo atentado contra uma escola rural e,

diz ainda, *ipses litteris*, “Chamados de? traidores? pelo presidente cubano Fidel Castro, Rigondeaux e Lara vão se juntar a Odlanier Solis, Yuriorkis Gamboa e Yan Barthelemy, todos cubanos (...)”. Destaco as interrogações. Fonte: http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20070727/not_imp25691,0.php

¹ Embora esteja apresentado na íntegra, o texto só será analisado do 9º ao 16º parágrafos (contados a partir da segunda citação feita pelo autor no início do texto), razão de os demais estarem transcritos em tom mais claro. A redação está preservada, *ipsis litteris*, **apenas** os sublinhados foram feitos pela pesquisadora, para facilitar a consulta dos leitores.

² Secretário Geral do Partido Comunista Brasileiro - PCB

mais tarde, entrando gloriosamente em Havana, recebidos com festa por onde passavam? Você acredita que algum repórter entrevistou o "sapateiro Eduardo Diaz", em Cuba?

Durante este tempo, Fidel já esteve para ser "derrubado" e a economia cubana "faliu" dezenas de vezes. Logo após a queda do Muro de Berlim e da União Soviética, a contagem regressiva do fim do "regime cubano" era acionada o tempo todo. O grande debate era quantos dias duraria a "ditadura de Fidel"!

Na cobertura dos Jogos Pan-Americanos não podia ser diferente. Pelo contrário, teria que ser pior. A doença de Fidel aumentou o ódio do imperialismo, ao qual *O Globo* serve, pois desmoralizou uma mentira repetida durante décadas: sem ele, o socialismo acabaria. Lembram-se das imagens no *Jornal Nacional* quando do afastamento de Fidel? Os exilados cubanos em Miami fazendo festa e os "analistas" anunciando a derradeira contagem regressiva.

Vôo da "debandada"

Foi ridícula a cobertura do Pan pela imprensa brasileira, em especial a da Rede Globo. Só o indomável Fausto Wolff teve a coragem de denunciá-la, em sua coluna no *JB*. Não era uma cobertura do Pan, como espetáculo esportivo. Era a cobertura das vitórias do Brasil no Pan! Uma competição indisfarçável com os cubanos pelo segundo lugar nas medalhas.

Quem visse a Globo durante o dia, assistia, em flashes ao vivo, no meio da programação, todas as vitórias do Brasil. À noite, quando se exibia o quadro de medalhas, muitos de nós devíamos nos perguntar como Cuba continuava na frente do Brasil, se durante o dia não ganhava nada. Só se via cubano ganhando medalha quando o confronto era contra o Brasil e nossas chances eram boas. E não ouvíamos o hino nacional cubano!

No caso dos venezuelanos, como seus esportes principais não coincidem com os do Brasil, simplesmente não os vimos ganhar medalhas. Alguém aí se lembra do uniforme venezuelano? E, no entanto, a Venezuela ganhou 69 medalhas, chegando na frente da Argentina, pela primeira vez na história dos Pans.

A cobertura histórica e "patrioteira" da Globo, no indefectível estilo Galvão Bueno e com os gritinhos de "Brasil!", empurrou a torcida brasileira para um comportamento patético contra os "inimigos". Vaiavam-se atletas estrangeiros até nos momentos em que o esportista precisava concentração, desequilibrando o mais importante dos fatores numa competição: a igualdade de condições.

Critério mais justo

(9) Mas nada se comparou à mais grosseira das manipulações da Globo no Pan: a "debandada" da equipe cubana no sábado à noite. Com duas equipes ao vivo, uma na Vila do Pan e outra no aeroporto do Galeão, a reportagem mostrava os atletas voltando para Cuba, enquanto o repórter informava ao distinto público que toda a delegação estava indo embora, por ordem do governo, porque no dia seguinte haveria uma "deserção em massa".

(10) Ali, a Globo queria ir às forras pela ousadia dos cubanos de chegarem na frente do Brasil. Aproveitando-se de um erro da delegação cubana (não ter deixado alguns atletas do vôlei para receber as medalhas de bronze) e da deserção de três atletas (numa delegação de 520) que aceitaram serem comprados como mercadoria, na esperança de ficarem ricos no exterior, a emissora mentiu descaradamente e acabou pautando toda a imprensa no dia seguinte.

(11) O desmentido saiu nas últimas páginas dos jornais de segunda-feira, em espaço reduzido. Mas o estrago estava feito. A verdade - de conhecimento prévio da ODEPA, do COI e do governo brasileiro - era outra. Como fizeram todas as delegações estrangeiras, inclusive a norte-americana, os atletas estrangeiros chegavam e saíam em função do cronograma dos jogos, na medida que algumas modalidades acabavam e outras iniciavam. O vôo da "debandada dos cubanos", no sábado à noite, era o penúltimo da volta gradual da delegação cubana, que dispunha de um único avião fretado, da Cubana de Aviación.

(12) Mas a mentira teve perna curta. No domingo de manhã, a direção da Globo soube que o vôo de sábado não era o último e que haviam ficado quase 200 membros da delegação cubana para a cerimônia de encerramento. Com todo o aparato técnico e equipes já instalados no Maracanã, a Globo resolveu suspender a transmissão, pois seria impossível esconder, ao vivo, a garbosa delegação cubana desfilando em meio às outras, cena que só pudemos assistir porque a Bandeirantes transmitiu. Aliás, só neste canal conseguimos ver os muitos maratonistas cubanos que participaram da competição no domingo de manhã: a Globo os escondeu!

(13) Quanto às deserções, exploradas de forma sensacionalista, fizeram-me lembrar os milhares de atletas brasileiros que atuam no exterior - como praticamente todos os jogadores de nossas seleções de futebol e de vôlei - e que são vendidos, alguns a peso de ouro, até à sua revelia, como mercadorias, por seus proprietários (empresas, clubes e empresários).

(14) Hoje mesmo, informa-nos a Globo, um jovem jogador gaúcho, aos 17 anos, ainda civilmente menor, foi vendido para a Itália por R\$ 56 milhões! Lembro-me também, o que é mais triste, dos milhares de brasileiros que fogem daqui para tentar entrar ilegalmente nos Estados Unidos, com risco de vida, para lavar pratos ou entregar pizzas.

(15) Como brasileiro, estou orgulhoso dos nossos atletas que ganharam medalhas, principalmente os que tiveram que lutar muito para vencer, num país capitalista, mesmo em esportes em que não é preciso ser rico, como iatismo ou hipismo. Quem de nós não encheu os olhos de lágrimas ao ver a fita de chegada da maratona ser rompida por um brasileiro de origem humilde?

(16) A primeira coisa que me veio à mente foi a certeza de que o Brasil tem tudo para ser o primeiro lugar em medalhas, inclusive olímpicas, quando tivermos aqui uma sociedade justa, democrática, fraterna, sem a exploração do homem pelo homem, como em Cuba, em que brancos, negros e mulatos, homens e mulheres, são rigorosamente iguais, em direitos e deveres.

Mas, cá entre nós, como internacionalista, estou muito orgulhoso com o primeiro lugar de Cuba neste Pan-Americano, na frente dos Estados Unidos.

Primeiro lugar? Alguém pode perguntar: mas não foi segundo? Não. O meu grande amigo Simões já fez as contas, irretorquíveis, baseadas no critério mais justo: a proporção de medalhas por cada milhão de habitantes.

Cuba, primeiro lugar disparado, ganhou neste Pan 11,25 medalhas por um milhão de habitantes. O Canadá, 4,15; a Venezuela, 2,65. E mais uma vitória

do Brasil: com 0,89, chegamos na frente dos norte-americanos, que ficaram na lanterna, com 0,79!

(Fonte: Observatório da Imprensa - Consultado em 10/08/2007 ¹
<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=445FDS003>)

Avesso ao Texto 2 em conteúdo e intenção, o texto 3 em sua forma mantém quase o mesmo descuido com a informação. Entretanto, vale destacar que se trata de um texto em que predomina a opinião, o julgamento explícito, que se serve das “informações” como argumentação. Creio que podemos afirmar que este texto é uma louvação a Cuba e uma execração das *Organizações Globo*, sobretudo da *Rede Globo de Televisão*. O leitor já pode aferir o viés em que virá o texto, a partir da identificação partidária do autor. Logo, é para o leitor que se identifica ideologicamente com o autor que ele foi escrito; ou para o leitor que é absolutamente avesso a esta linha, e para quem ele, o autor, quer arrasar aquela que deve ser a emissora favorita deste seu “adversário ideológico”.

Ao olhar o primeiro dos parágrafos especificados do Texto 3, o de número 16 (*Mas nada se comparou a mais grosseira das manipulações da Globo no Pan: a “debandada” da equipe cubana...*) considero que a delegação cubana não “embarcou” nem “rumou”, como vimos, respectivamente, nos textos 1 e 2; mas se *debandou*, na pseudo-voz do autor, isto é, ele está ironicamente dizendo de uma forma que ele atribui à *Rede Globo* e não a si mesmo, fato marcado pelo uso de aspas. Este termo, dicionarizado² como verbo, transitivo direto e intransitivo preposicionado, significa: (1) Por em fuga desordenada; (2) Pôr-se em debanda; dispersar-se; (3) Desarranjar-se, desordenar-se, confundir-se. Mas, ainda acho relevante dizer que a construção mental que o vocábulo provoca, pelo menos em mim, é

¹ *Observatório da Imprensa*, “veículo jornalístico focado na crítica da mídia, com presença regular na internet desde abril de 1996, uma iniciativa do Projor – Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo e projeto original do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)”. Ganhou uma versão televisiva.

² *Médio Dicionário Aurélio*, 1980:525

a de desordenação de um bando, talvez reforçada até mesmo por seu radical¹. No dicionário *iAulete*, estão os exemplos de (1) A polícia debandou os arruaceiros e (2) Os baderneiros criaram a confusão e debandaram (-se). Diante da força da idéia de bando e voltando ao dicionário, a palavra bando significa: (1) Grupo de pessoas ou animais, multidão; (2) As pessoas de uma facção ou partido; (3) Quadrilha de malfeitores; (4) Conjunto de famílias permanentemente associadas, que vive em determinada região, com cultura e tradições comuns (etnologia).

Ainda no dicionário, mas agora no Dicionário de usos do Português do Brasil - DUP (2002:442)² pude encontrar:

Debandada Nf ★[abstrato de ação] 1 fuga coletiva: já ia começando a debandada das mulheres damas (CAS); nesse minuto começará a debandada geral (PR).

Mantendo a tentativa de melhor compreender tal significação por *traços de união entre interlocutores*, em consulta ao *site Google* ficou claro que o vocábulo bando aparece com alta frequência em duas situações: (1) referente a grupos do universo artístico [que geralmente buscam analogias inusitadas para suas denominações] e (2) a grupos envolvidos em situação de violência, de marginalidade, [como “mulheres damas” citadas no DUP.³

Intentei neste percurso de busca confirmar minha suposição e penso que estou autorizada a pressupor que o autor do texto 3, ao dizer *debandada*, pode ter desejado tratar, com escárnio, irreverência e hiperbolicamente, o comportamento jornalístico da rede de

¹ [No momento de busca, vieram à memória dizeres de Bakhtin sobre sentido e palavras dicionarizadas; que transcrevo]: “A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos. Aqueles que ignoram o tema (que só é acessível a um ato de compreensão ativa e responsiva) e que, procurando definir o sentido de uma palavra, atingem o seu valor inferior, sempre estável e idêntico a si mesmo, é como se quisessem acender uma lâmpada depois de terem cortado a corrente. Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação”. (BAKHTIN, 2006^a: 137 - grifos do autor)

² BORBA ET ALL, 2002. *DUP: Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: editora Ática.

³ Um **bando** britânico imobilizou um adolescente de 14 anos; O **bando** assaltou vários; Foi decisiva na investigação o disfarce de um casal de policiais junto ao **bando**; Envolvido com o **bando**, um estudante de 17 anos sugeriu aos bandidos...; e um site de Street Fighter denominado “**Bando** de Putos... putos... utos... by Evil Delay. **Arrombando** desde 2000”. No universo artístico: **Bando** do Choro; Revista **Bando**; O filme **O bando**, cuja sinópsi trata de guerra de gangs; etc.

televisão *Globo*, bem como a própria emissora fez ao se referir a Cuba, na opinião dele.. Em sua própria voz foi apenas a **volta** dos atletas [*a reportagem mostrava os atletas voltando para Cuba*]. Penso ainda que ele buscou criticar as designações feitas pela emissora que, explicitamente na sua opinião, é reacionária à Cuba e ao que diga respeito a este país caribenho. É como se o vocábulo *debandada* fosse a contrapalavra que contivesse a seguinte declaração: *A delegação cubana, como um bando tão marginal quanto o de pessoas ameaçadoras, se desordenou afoitamente. Não faz parte de um grupo oficial chamado PAN-Rio. Não é isto que significa pra Rede Globo e seus telespectadores a volta da delegação a Cuba?* Creio ainda que o termo *debandada* foi também acionado em virtude da idéia de deserção **em massa**.

Continuando no 9º parágrafo, lemos *O repórter se dirigia a um distinto público*. Novamente a ironia se faz presente ao qualificar os expectadores da emissora. No Brasil, as pessoas politicamente chamadas de esquerda sempre acusam a *Rede Globo* e seus telespectadores de “direitosos”, alienados, elitistas, reacionários, etc. Note-se que o texto foi escrito pelo Secretário Geral do PCB, Partido Comunista Brasileiro.

O 10º parágrafo tem o tom de uma explosão. Embora tenha afirmado que *Ali, a Globo queria ir às forras*, mais parece que este é o próprio desejo do autor. O termo *ali* parece ter sido usado mais com força de advérbio de tempo que de lugar, ou ainda como pronome demonstrativo: *ali*, naquele exato momento [em que a *Globo* mantinha equipes no aeroporto e na Vila, na tentativa de registrar tudo e impressionar a opinião pública sobre a arbitrariedade do governo cubano]. Ao mesmo tempo, é como se o autor dissesse que ele é quem estava indo à forra naquele instante em que escrevia o próprio texto, especialmente ao dizer que a emissora mentiu descaradamente e que esta mentira pautou toda a imprensa nacional.

Também é preciso que se diga que a informação do **erro cubano** (*não ter deixado [no Brasil] alguns atletas do vôlei para receber as medalhas de bronze*) não apresenta sequer uma única fonte que dê credibilidade a esta nota; como aconteceu com a informante da *Infraero* ou o voluntário, presentes no texto 2. Por outro lado, sabiamente o autor confronta o número de *520 atletas* com a pequena representação de *3 deserções*, desqualificando assim a sugestão de que todos os atletas queriam deixar Cuba.

A informação no 11º parágrafo de que *os atletas estrangeiros chegavam e saíam em função do cronograma dos jogos, na medida que algumas modalidades acabavam e outras iniciavam* [sic], associada à nota de que *o vôo da ‘debandada dos cubanos’, no sábado à noite, era o penúltimo da volta gradual da delegação cubana, que dispunha de um único avião fretado*, remetem o leitor à idéia de que não cabiam todos os atletas de uma única vez,

por isso o vôo ser o penúltimo. Porém, para um leitor mais acuidado, carece de fonte para que seja relevante.

No 12º parágrafo, duas expressões são destacáveis: a *Globo* (1) **resolveu suspender** a transmissão, pois seria impossível esconder, ao vivo, a (2) **garbosa** delegação cubana desfilando em meio às outras. A locução **resolveu suspender** traz em seu bojo o comportamento de displicência ou de algo não programado anteriormente, improvisado. Penso que a intenção do autor tenha sido a de mostrar aos leitores que a emissora tem baixo compromisso com a real informação dos fatos, com o bom jornalismo, com a verdade dita aos telespectadores. Quanto ao vocábulo **garbosa**, penso que este foi acionado em virtude da palavra *desfilando*; mais do que no sentido de “brio”, foi no sentido de galhardia, elegância. Vale dizer ainda que a afirmação do autor é um forte argumento (televisado) contra a idéia de “retorno às pressas” e de “deserção em massa”. Ela desmente, por completo as afirmações do texto 2.

No 13º parágrafo a manobra “silenciosa” do autor é também interessante. Ao afirmar que *praticamente todos os jogadores de nossas seleções de futebol e de vôlei - que são vendidos, alguns a peso de ouro, até à sua revelia, como mercadorias, por seus proprietários (empresas, clubes e empresários)* o autor desarticula a idéia de que só os atletas cubanos não têm liberdade e autonomia. Esta idéia é fortalecida no 14º parágrafo. A similaridade entre Brasil e Cuba é reforçada, na seguinte afirmação: *milhares de brasileiros fogem daqui para tentar entrar ilegalmente nos Estados Unidos, com risco de vida, para lavar pratos ou entregar pizzas*. Interessante é que a similaridade se dá por aspectos negativos: falta de liberdade, fugas e necessidade de uma vida melhor. Para o autor, se Cuba é ruim o Brasil também é.

Ao contrário, nos 15º e 16º parágrafos e nos seguintes, o autor parece afirmar que mesmo diante disso tudo, ele tem orgulho de ser brasileiro, fato do qual se distanciou desde o início do texto, inclusive “parecendo” em certos episódios um antinacionalista [A cobertura histórica e “patrioteira” da *Globo*, no indefectível estilo Galvão Bueno e com os gritinhos de “Brasil!”, empurrou a torcida brasileira para um comportamento patético contra os “inimigos”]. Digo “parecendo” porque creio que o autor não foi anti-nacional, mas anti-ideologia nacionalista. Aliás ele se afirma internacionalista. Enfim, chegou para o autor o momento de declarar seu amor pelo Brasil, de chamar os demais brasileiros a se orgulhar como ele [*quem de nós não chorou*], mas desejando uma semelhança com Cuba, agora construída por características positivas: *...quando tivermos aqui uma sociedade justa, democrática, fraterna, sem a exploração do homem pelo homem, como em Cuba, em que*

brancos, negros e mulatos, homens e mulheres, são rigorosamente iguais, em direitos e deveres.

Diante dos três textos apresentados, não é tão desafiador perceber a diferença de abordagens que se mostra através da seleção de recortes dos fatos e de informações acrescidas, bem como da seleção do vocabulário.

Por respeito ao fato de que tanto o ouvinte de rádio, o telespectador de TV quanto o leitor de jornal ou o internauta buscam na mídia o canal com o qual melhor se identifica, ou pensa ter a mesma identidade, estes três suportes - *UOL, globo.com e Observatório da Imprensa* - apresentam as notícias de forma a manter seu público **e a constituí-lo**. Da mesma forma, este **público constitui os valores dos canais** aos quais respondem.

Em algum momento afirmei que todos nos expressamos por termos um projeto de dizer. Este projeto às vezes se faz claro para o interlocutor, outras não e assim abre precedente para várias possibilidades de sentido. Porém, este sentido é sempre construído pela fricção do dito com: a bagagem sócio-histórica dos interlocutores, as condições de comunicação, as relações com os enunciados anteriores, o espaço, o tempo, a visão que os interlocutores têm do objeto escolhido para ser dito e a visão que têm de cada um. Daí a variação na compreensão responsiva de um enunciado/texto.

Observamos que no texto 1 o autor tentou dar uma informação sem demonstrar comprometimento pessoal, isto é, sem mostrar opiniões pessoais. Como o *UOL* tem um público diversificado, ideologicamente falando, o boato serviu para que o próprio autor não ficasse comprometido com as razões de os atletas cubanos estarem indo embora de uma forma aparentemente inesperada. Ele usa o boato como escudo, mas ele próprio desqualifica esta proteção ao cuidar para que não seja denegrida a imagem de Cuba e tudo o que implica disso, como o regime socialista, a família Castro, ditadura ou não-ditadura etc. Ele até denuncia que a deserção se dá por incentivo de anticomunistas baseados em Miami. Porém, por outro lado, o autor não quer fazer apologia a Cuba, não quer, inclusive, correr o risco de ser considerado ingênuo.

Disso, sob minha ótica, suponho válida a compreensão de que o projeto de dizer do autor era noticiar o retorno dos atletas **sem definir** se era normal ou se era intempestivo. Um *suposto boato*, como ele mesmo afirma, deu-lhe esta possibilidade de não afirmar, de jogar com possibilidades, sem, contudo, deixar de mostrar suas convicções e suspeitas, como não desejava fazer. Logo, o boato serviu como recurso à Vontade de Verdade no seu projeto de dizer. Ainda que indefinições, como um boato, deixem os leitores em alerta, quando somadas às afirmações do autor, aos dados apresentados, aos discursos diretos, ao

jogo de vozes e ainda ao suporte [UOL] tido como confiável, todos mobilizados asseguram a Vontade de Verdade no projeto de dizer do autor. Não está explícito no boato que ele serve ao autor para que ele diga o que quer, sem confirmações contundentes. Por isso afirmo, como fiz anteriormente, que o boato diz sem que pareça dizer. Da mesma forma, é isto que me faz afirmar que ele é um recurso, uma estratégia de convencimento. É ele que está permitindo ao autor cogitar e não afirmar as causas da partida dos atletas, mas ao mesmo tempo, noticiá-la [embora o faça sob a luz da “pressa” como decorrência de um boato, de forma, digamos, bem discreta].

Entretanto, cabe ainda também sob minha ótica, nos limites do sentido, uma segunda possibilidade: O projeto de dizer do autor pode ser noticiar o boato e negá-lo. Se relermos o texto 1, podemos observar que seu título invoca o boato [*Após boato de deserção em massa, Cuba deixa o Rio às pressas*]. O autor, nos dois primeiros parágrafos fala da partida, de uma existência de boatos e das hipotéticas ações de Castro [fatos que mantêm a possibilidade de que os cubanos baseiam-se em boatos para agir, como no texto 2]. No terceiro parágrafo ele afirma que o *suposto boato não foi confirmado* e daí em diante, até o oitavo e último parágrafo, ele dá indícios de que a ameaça de deserção em massa, o boato [na concepção de verdade ou mentira] não é fato: O cubano que competiria no dia seguinte teria ficado no Rio, atletas disseram que não estavam protestando ou ameaçando, que teriam outra competição, que as medalhas seriam enviadas, que os atletas brincavam no aeroporto e, finalmente, o autor ofereceu dados sobre outras deserções, atrelando-as ao incentivo de organizações anticastristas dos EUA. A Vontade de Verdade do seu projeto de dizer é desmentir a informação boatada e ainda, camufladamente, denunciar ações anticastristas que têm apóio dos Estados Unidos [que aliás não sei se isto é boato ou não]. O autor liga estas ações à deserção; bem como a deserção ao boato. Logo, o boato serve como recurso para que possa dizer o que quer, isto é, que não existe a deserção em massa dos atletas cubanos e isto é mais uma artimanha de anticastristas que têm, inclusive, o apoio americano. Novamente o boato serve a um outro dizer e, como pesquisadora, cabe-me apenas tentar mostrar as caras do camaleão.

Para as autoras do segundo texto, não existe preocupação em velar suas posições pessoais. Como já disse, é um texto descuidado, ainda que aparentemente vise informar. Afirmam a existência do boato e as ações de Castro como motivadora do retorno intempestivo. Até o título fortalece essa idéia (*Medo de deserção faz Cuba ir embora*). O projeto de dizer das autoras é atirar pedras no regime cubano e a Vontade de Verdade faz o boato não só existir, como ser fato, afinal a *Rede Globo* é uma potência jornalística. Há que se

alardear a “nociva” política cubana, ampliando-se fatos e boatos, ainda que sem confirmação de autoria. O boato diz, sem dizer e serve ao projeto de dizer. Como um estopim, permite que as autoras detonem o regime cubano. Ele é o argumento para convencer o leitor de que a vida em Cuba é sem liberdade, e sem dinheiro também e que, portanto, devemos impedir que no Brasil haja algo semelhante. O que vimos no contexto amplo sobre Cuba, América Latina e indiretamente sobre os Estados Unidos, nos ajuda a compreender responsivamente também esse texto.

Finalmente, já o autor do terceiro texto, este sim, um texto de opinião, responde às informações distorcidas e veiculadas pela *Rede Globo de televisão*, na opinião do autor. Ele denuncia que a força desta Organização pautou os demais veículos e confirmou o boato [fato]. Seu projeto de dizer é o de, como militante político, estimular novas revoluções, especialmente no Brasil, a modelo de Cuba. Para isso vale também omitir dados, e até quem sabe, usar um forte argumento [televisionado] inventado, como o boato de que 200 atletas cubanos estavam presentes na cerimônia de encerramento dos jogos. [Não tive como confirmar esta informação, embora o autor cite a fonte e assim parece não se tratar de boato]. Sua *Vontade de Verdade* desmente a *Rede Globo* e o boato e desmenti-los é argumentar a favor do regime cubano, da vida dos cubanos. Novamente o boato a serviço de uma argumentação, ainda que seja pela sua negação, isto é, pela afirmação de que ele não existiu.

Estas reflexões me permitem inferir que a *Vontade de Verdade* é essencialmente ideológica, sem que se confunda ideologia com partido político, mas com visão de mundo. Posso ainda notar que a *Vontade de Verdade* dos autores fez com que seus discursos fossem delimitados por suas próprias vontades, colocando em jogo “o desejo e o poder”, como afirma Foucault. A *Vontade de Verdade* não está no fato de ter havido ou não o boato, no fato de terem planejado ou não a deserção, na inesperada ou já programada volta. Penso que a *Vontade de Verdade* dos três autores está no próprio projeto de dizer a respeito de Cuba, do julgamento de Cuba, do que para cada um Cuba significa e do desejo de arrebanhar adeptos que sustentem as suas verdades, ainda que estas não passem de **Vontade de Verdade**.

Vale estender esta reflexão para este “bicho camaleônico” que é o boato, do qual só conseguimos observar referências, isto é, não temos escrito o boato de deserção em massa; temos apenas referência a ele. Entretanto, podemos perceber que para o autor do primeiro texto pode ter havido um boato ou os atletas podem ter premeditado que desertariam massivamente. Este boato, se houve, pode ter provocado os desdobramentos seguintes a respeito do retorno da delegação. Também pode ser para ele que o boato não existiu e foi uma armação contra Cuba. Já de acordo com o segundo texto, houve o boato de deserção sim, e o que se seguiu foi consequência dele [o retorno dos atletas “exigido” por

Castro]. No terceiro texto até o uso do verbo “debandar”, mais as críticas contra a Rede Globo que é capaz de “esconder” fatos nos permitem inferir que para seu autor o “boato” não existiu, ou seja, os atletas cubanos não disseram que desertariam; **pelo menos não os atletas**, mas pelos ditos na abertura do texto (*As organizações Globo comemoram 50 anos de luta sem tréguas contra a Revolução Cubana. Que coerência! A campanha sistemática começou antes mesmo da entrada vitoriosa dos guerrilheiros em Havana, em 1º de janeiro de 1959! [...] São 50 anos de manipulação. Você consegue imaginar...*) podemos inferir que, para o autor, foi a *Rede Globo* quem disse.

Concluindo, penso não estar enganada ao afirmar que o boato serviu a todos os projetos de dizer, a todas as Vontades de Verdade, que orientaram a credibilidade/incrédibilidade no/do boato. Ele foi recurso de argumento a todos os dizeres.

Como boato se faz na linha limítrofe do fato e do não-fato, como já anteriormente exposto, a deserção em massa dos atletas cubanos no Pan do Rio de 2007 fica ao sabor da vontade de cada um de nós, delimitando nossos discursos, da mesma forma que meus recortes, análises e comentários foram limitados pela minha Vontade de Verdade e meu projeto de dizer que é, nada mais, nada menos, do que fazer você, leitor, convencer-se das minhas afirmações, dos meus valores.

Seria então, esta Vontade de Verdade o que faz com que um boato sustente tantas ações empreendidas, oficiais e oficiosas, tantos dizeres? Seria esta mais uma resposta as inquietações iniciais?

Muito sobre o boato já foi pensado até aqui. Algumas respostas foram construídas por reflexões tecidas com contrapalavras. Não nos encontramos mais tão crus a respeito desse camaleão, mas penso que ainda é interessante fechar o foco para um contexto bastante brasileiro, com relação ao uso do termo boato.

Para isso, passo ao quarto e último capítulo, que denominei de *O camaleão e outros bichos no país Verde-Amarelo*, em que observamos o termo boato e outras palavras usadas para recuperar sinonimicamente este termo, nos dizeres brasileiros.

CAPÍTULO 4 O “CAMALEÃO” E OUTROS “BICHOS” NO PAÍS VERDE-AMARELO

O boato voa, alastra-se, insinua-se, amadurece, corre. Fisicamente é um animal surpreendente, veloz e inalcançável, que não pertence a nenhuma família conhecida. (Kapferer, 1993:2)

4.1 Tentativas de diferenciar as “espécies”

Ao contrário do que ocorre em Ciências Biológicas, em que se busca delimitar diferenças entre os seres vivos, lançando-se mão da Taxonomia de Lineu,¹ que hierárquica e descendentemente vai do Reino à Espécie; é sabido que encontrar singularidades no que tange à linguagem não é tarefa tão simples, sobretudo quando a definimos como prática social, interativa e dialógica. Entretanto, muitos são os pesquisadores que buscam delimitar diferenças entre boato, rumor, fofoca e lendas urbanas.

Com todas as naturais implicações da prática de recortes, isto é, mesmo diante do fato de que a seleção obviamente sofre a influência da leitura e do projeto de dizer de quem a realiza, caso em que me incluo como pesquisadora, vejamos o que dizem a respeito:

José Ângelo Gaiarsa (1978) ao falar somente da fofoca, afirma que ela é *a informação ou o comentário tendencioso sobre um terceiro ausente; e que este tendencioso se manifesta de dois modos distintos, mas complementares: a fala – decomposta em transmissão alterada da notícia e interpretação tendenciosa dos motivos – e o acompanhamento expressivo.*

Jean-Noel Kapferer (1993) chama de *fenômenos vizinhos* ao boato: fuxico, fofoca, disse-me-disse, histórias, lenda e ouvir-dizer. Ele sugere que esta variedade lexical se torna clara, quando verificadas pelos seis critérios que definem *toda comunicação*: (1) *pela fonte*, (2) *pelo conteúdo*, (3) *pelo processo de difusão*, (4) *pelo mídia de difusão*, (5) *pelo*

¹ Carlos Lineu foi um botânico, zoólogo e médico sueco, criador da nomenclatura binominal e da classificação científica, sendo considerado 'pai da taxonomia moderna'. A Taxonomia de Lineu é extensamente usada nas ciências biológicas. Ela foi desenvolvida no séc XVIII durante a grande expansão da história natural. A taxonomia de Lineu classifica as coisas vivas em Reinos que são divididos em Filos. Filos são divididos em classes, então em ordens, famílias, gêneros e espécies e, dentro de cada um em subdivisões. (Fonte: *Wikipedia*)

objeto a que se refere e (6) pela natureza dos seus efeitos. Afirma que boato, rumor e fofoca são, etimologicamente, efeitos: sons de intensidade e duração variáveis; porém na atualidade não se referem ao efeito sonoro, mas à causa do efeito. Também não se distinguem pela fonte, mas pela amplitude do processo: o boato corre, pode-se seguir seu rastro, enquanto o rumor refere-se a um processo *desconexo, rasteiro, hesitante, insignificante, limitado localmente*. O fuxico corresponde ao conteúdo e ao objeto da comunicação: são histórias sórdidas, quase calúnias divulgadas a respeito de uma pessoa, que não engrandecem aquele que as divulga. *É um juízo subjetivo sobre o conteúdo do boato ou do rumor. É um tipo de mensagem..* O mexerico é uma definição através da fonte: *quem fala? E, como o fuxico, também é um juízo de valor, um modo de desacreditar o boato ou o rumor, imputando-lhe uma fonte desacreditada: as comadres [e os compadres, não fuxicam?].* A informação também é uma definição pela fonte, isto é, nunca questionamos qual é a fonte do mexerico. Kapferer afirma que a fofoca refere-se ao objeto do boato ou do rumor: *relata as chances e as desgraças, sejam elas pequenas ou grandes, que nos cercam.* Dirige-se às pessoas, não é perversa e é consumida pelo *prazer de digeri-la*. O ouvir-dizer é um mídia¹ e abrange conversas entre duas pessoas, discussões de grupo, confidências, disputas etc.

Jean Renard (2007) ao diferenciar fofoca, boato propriamente dito e lenda urbana, sugere um critério de *área de difusão*, isto é: atribui à fofoca uma circulação num meio restrito como o local de trabalho, o das relações familiares e finalmente o da cidade; ao boato um meio social mais alargado, representado por uma categoria de trabalhadores ou por um grupo comunitário ou um grupo nacional; e às lendas contemporâneas uma dimensão *frequentemente internacional*. Pessoalmente, penso que este critério seja frágil e que conseguimos distinguir estas três práticas lingüísticas mais por tipo de tema que por espaços geográficos de difusão. Apesar de haver uma correlação quase que direta entre tema e circulação, o próprio suporte midiático, e mais ainda o webespaço compromete esta afirmação.

Mais envolvido com pesquisas sobre lendas urbanas - e frequentemente igualando-as ao boato - Renard diz que estas são narrativas breves e simples que permitem a memorização, bem como a *focalização em um pequeno número de personagens investidos de forte carga simbólica e opostos uns aos outros*. O autor compara estas narrativas às de uma

¹ No Brasil a palavra mídia precedida de artigo masculino (**o mídia, um mídia**) se refere ao **profissional que faz mídia**, que na realidade poderia ser *media*. *Media* é um vocábulo latino que em Português significa **meios**, tendo sido importado para a nossa língua, via inglês em cuja pronúncia é *mídia*, com o significado de **meios de comunicação**. Reproduzindo a pronúncia inglesa, o termo mídia é quase sempre o usado no Brasil.

história cômica ou a de uma fábula e constata que, geralmente as lendas são concluídas de maneira *surpreendente, horrorosas ou humorísticas*, além de, frequentemente, exporem uma moral conservadora e reativarem temas simbólicos do passado, como contos, mitos etc..

Em outro artigo sobre rumores e violência (2006:23) o sociólogo francês afirma que o espaço entre a delinquência e o sentimento de insegurança é o terreno onde se desenvolve o imaginário da violência, explorado por inúmeras lendas urbanas.

Quanto à fofoca, ele reconhece que estigmatiza as pessoas e que isto se dá *em um ou em outro dos três domínios da vida cotidiana – dinheiro ou trabalho, amor ou sexo, saúde– que se encontra, por exemplo, nas resenhas dos horóscopos*. Como leitora do artigo não sei se para o autor “um ou outro” é uma expressão usada com caráter simplesmente alternativo ou excludente; sendo que no meu modo de ver, afirmar a excludência seria um equívoco.

Nicholas DiFonzo (2009: 63-82) afirma que *na verdade, a sociedade não funciona sem a fofoca*, pois ela se presta a servir como relaxamento, como prevenção, como mecanismo de união, de conhecimento, de exclusão, de agressão, difamação, de alívio e de controle de comportamento social.

Resgatei, aqui, dos dizeres do autor especialmente a abordagem feita sobre aspectos positivos da fofoca, em virtude de os negativos serem comuns às culturas, como bem dizem as *religiões e os tratados éticos*, lembrados pelo próprio autor.

Em momento de descontração, como numa viagem com colegas de trabalho, este *falatório social, comprovável, normalmente depreciativo¹, sobre assuntos particulares ou sobre quem não está presente, que surge em situações em que as pessoas estão desenvolvendo, mudando ou preservando relacionamentos ou seu status pessoal em um grupo* – assim o autor se refere à fofoca ao longo de todo o texto - pode servir para relaxar os viajantes. Ainda como uma prática relevante ou positiva, o autor cita a fofoca como prevenção contra pessoas de comportamento danoso e cita, como exemplo, uma mãe que alerta o filho sobre a inconveniente convivência com um amigo que lhe disseram ser usuário de drogas. Por outro lado, o medo de ser alvo de fofoca por um determinado comportamento pessoal, faz com que as pessoas se comportem de maneira adequada dentro dos valores sociais. Também é um alívio saber que existem pessoas piores que nós mesmos e a fofoca nos dá esse alívio, segundo o autor.

¹ Charles Walker registrou mexericos que circulavam na St. Bonaventure University classificando-os como “fofoca vexatória” ou “fofoca de adoração”, que demonstrou que a maledicência supera o louvor.

De estudos antropológicos, DiFonzo pinça uma afirmação de Robin Dunbar para abordar o aspecto de união entre amigos, como mais uma serventia da fofoca: *Não fofocamos ‘com’, mas sim ‘sobre’ nossos inimigos*. A intimidade e camaradagem ficam declaradas, a confiança no outro fica explicitada. Porém, quando a fofoca é feita com todas as pessoas isto gera a impressão de desonestidade, por ser irreal uma intimidade com todos, diz ele. Em minha opinião, o autor está correto nas afirmações que faz. A fofoca pode mesmo ter valores positivos desde que não sejamos nós mesmos “o assunto da viagem”, “o amigo do filho” da mãe prevenida, “a pessoa que deixa de fazer” o que está com vontade, o “indivíduo cujas características não existam piores” e, finalmente, não sejamos nós os “inimigos”. (risos da pesquisadora)

DiFonzo também diz que um boato tanto pode ser um rumor, quanto uma fofoca ou lenda. Ao rumor ele atribui as seguintes características: (1) Nem sempre é confirmado; (2) gira em torno de assuntos mais coletivos ou ameaças maiores; (3) resulta da tentativa de entender e controlar uma ameaça em contexto ambíguo; (4) geralmente visa simplesmente espalhar incertezas, enquanto a fofoca visa, fundamentalmente, conquistar aliados na rede social. Porém, mesmo apontando estas singularidades, o autor afirma ser difícil diferenciar rumor e fofoca, visto que *uma troca social informal pode conter elementos de ambos*, além do que, tanto um quanto a outra muitas vezes assumem formas nebulosas.

Quanto às lendas urbanas – termo que julga impróprio por elas tratarem de temas relacionados à vida moderna, e, por isso, sugere *lendas modernas ou contemporâneas* - DiFonzo diz tratarem de *episódios estranhos, engraçados ou horríveis (como Renard), que podem ter acontecido, com detalhes que podem mudar de acordo com o local e a época e que, quase sempre, contêm lição de moral*. O autor chama a atenção para o fato de esta narrativa possuir cenário, personagens, clímax e desfecho e de servirem, inclusive, para as pessoas externarem seus medos e obterem a sensação de controle e de alerta sobre perigos.

Na tentativa de diferenciar rumor e lenda urbana, afirma que o primeiro é mais sucinto, *geralmente cabe em uma linha* e não passa de um relato que pode ou não divertir. Já a lenda urbana tem começo, meio e fim e sempre diverte. Porém, o autor também reconhece que um rumor, repetido várias vezes por muito tempo, pode se transformar numa lenda urbana.

Penso que tenha ficado claro para o leitor, que buscar as singularidades é um esforço que resulta em imprecisão, além de muito suor. Confesso que não me atrai a idéia de me debruçar sobre a questão, pela prática de uso dos termos no Brasil, como exponho a seguir.

4.2 Pela escrita do país Verde Amarelo, é “bicho”

Relembrando que o boato, o “camaleão”, na linguagem escrita aparece ou como notícia ou como referência, passo a observar inclusive o uso dos termos *vizinhos*, como os chamou Kapferer; *primos de primeiro grau do boato*, como denominou DiFonzo e “espécies” diferentes do “camaleão”, como metaforicamente propus, no item anterior. Pretendo, com isto, detectar se há singularidades no uso destes fenômenos linguageiros - boato, fofoca, mexerico, lenda, etc. - a partir dos escritos que encontrei no webespaço.

Faço isso de uma maneira bastante objetiva: Pontuo o termo boato ladeado pelo vocábulo utilizado para retomar o termo boato, portanto, basta observar, na leitura das citações, as palavras negritadas.

Observemos as ocorrências:

- Boato e rumor:
 - O futuro de Kimi Räikkönen permanece uma incógnita. Enquanto a Ferrari e o empresário do piloto garantem a permanência do finlandês na escuderia, os **boatos** não param de pipocar.(...) Stefano Domenicali, chefe da Ferrari, manifestou sua irritação com os seguidos **rumores** em torno do companheiro de Felipe Massa. (Fonte: *UOL* Esporte Em São Paulo 15/07/2009 - Consultado em 15/07/2009)
 - Inúmeros desfechos têm sido ventilados para as disputas na telefonia brasileira.
(...) Um dos **rumores** que se propagavam ontem era o de que Slim estaria negociando sua entrada na Vivo (...) Outro **boato** que correu nas mesas de operação era o de que a Telefónica estaria negociando a compra da fatia que fundos de pensão e Citi possuem na Brasil Telecom. (Fonte: Folha Online, caderno Dinheiro – 05/05/2007 – consultado em setembro de 2007)
- Boato e fofoca:

- Só precisei dividir meu apartamento com um gay. Ele era o amigo brasileiro de uma amiga minha e eu o americano não-homofóbico, que acabara de mudar pro Rio, sem fiador para alugar o apartamento. Depois que meus colegas, um grupo de correspondentes estrangeiros, descobriram quem morava comigo, o **boato** se espalhou. “É coisa de boiola”. Nem ter uma namorada no Rio, abafou a **fofoca**. (Fonte: Folha Online, caderno Equilíbrio – 26/10/2006 – consultado em setembro de 2007)
- Oi carolinaparaíba - a informação que tenho pode ser classificada em **boato, fofoca** ou **qualquer semelhante**. Se vai te ajudar, então segue. Estou em 18º para analista judiciária área judiciária e três pessoas já me confirmaram que devo ser chamada com certeza. Uma delas foi uma desembargadora do TRT-PE. Outras duas são amigos muito próximos que me garantiram que serei chamada antes do que espero, uma delas garantiu que esse ano ainda, contudo ambos os amigos não puderam me dizer quem confirmou a informação, mas me disseram que poderia confiar. (Fonte: <http://concursos.correioweb.com.br/forum/viewtopic.php?p=2953771&sid=d6ec12c26d65f54e2c263ff0ad2d6d4f> – consultado julho de 2009)
- Boato, hoax, vírus¹ e lenda:
 - Pode ser que de fato o Brasil seja um país injusto que onera quem investe na educação. Mas também “pode ser” que o relato seja um “**hoax**” (**boato**) (...) “caso” tudo isso não seja mais uma das tantas **lendas urbanas** que há por aí... sigh... então eu desejo do fundo do meu coração que o Sr. Jeremia tenha mais sorte com esta questão fiscal. (Fonte: <http://nualadiefee.wordpress.com/2006/12/22/213/> - consultado em setembro de 2007)
 - Se você receber uma mensagem alertando sobre um vírus terrível contido num protetor de tela da Coca-Cola, esqueça: é apenas um **boato (hoax)**. As empresas especializadas não têm notícia desse **vírus**.

¹ Os termos *hoax* e *vírus* só são usados no universo da webcultura: histórias falsas recebidas por e-mail. No caso de *vírus* são mensagens falsas que visam, na verdade o malefício material ao hardware e/ou software do destinatário.

(Fonte:<http://info.abril.com.br/aberto/infonews/022002/05022002-10.shl> – consultado em julho de 2009)

- Eu ainda não acredito nessa história de férias no trabalho, pra mim é **boato**, **lenda urbana** que espalha na escola, coisa que o povo inventa, notícia que o Nelson Rubens aument Afinal, já trabalho há uns 5 anos e nunca me deram férias! (Fonte:<http://www.justlia.com.br/Geral/por-ai/page/2/> - consultado em julho de 2009)

- Boato e especulação:

- O vice-presidente atribuiu as acusações de uso da máquina a "**especulações**" e busca de polêmica pela imprensa. "Há um ditado que diz: em tempo de guerra, o **boato** come terra. Em eleição há de tudo." (Fonte: Folha Online, caderno Brasil – 13/09/2006 – consultado em setembro de 2007)
- Em meio a **boatos**, futuro de Räikkönen continua incerto. Segundo **especulações**, ele poderia trocar de equipe ou até mesmo disputar provas de rali. (Fonte: UOL Esporte Em São Paulo 15/07/2009 - Consultado em 15/07/2009)

- Boato e disse-me-disse:

- Não adianta boato, **disse-me-disse**, intriga; não adianta dizer que o PMDB vai brigar. O PMDB não vai brigar nada!
(Fonte: www.senado.gov.br/sf/publicacoes/diarios/pdf- consultado em julho de 2009)
- Depois de muito boato, disse-me-disse e fofoca, parece que a produção do filme do Lantena Verde finalmente saiu do limbo!
(Fonte:<http://www.interney.net/blogs/melhoresdomundo/2009> consultado em julho de 2009)

- Termos variados associados ao vocábulo “boato”:

- Uma certa indolência conspiratória é forte entre nós e nos leva a suspeitar de toda versão oficial e a tomar por retórica toda narrativa, mas seria exagero pensar que **boato, mexerico, fuxico e fofoca** sejam prerrogativas especialmente baianas. (Fonte: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1730581>)
- Se ainda estamos discutindo se haverá crise ou não, então é porque ela ainda não existe. Ninguém discute o que já existe. O que já existe é real e ninguém duvida. Agora sobre o que poderá ou não existir... aí a ansiedade, medo, boato, especulação, dúvida, **falatório** corre solto. (Fonte: Portal Exame, fórum do investidor <http://exame2.com.br/forum/viewtopic.php?p=21802&highlight=&sid=76eba4bbe91ea012b1faba7c40d>)
- Porém, a revista *Veja* adotou uma nova forma de fazer jornalismo, assim como a TV Globo encampou o "*testando hipóteses*", independentemente dessas hipóteses serem verdadeiras ou falsas, de acordo com o que escreveu um diretor da própria emissora. No *testando hipóteses* cabe qualquer **especulação, boato, fofoca ou ilação**.
(Fonte: <http://www.viomundo.com.br/visite-os-bastidores/a-cpi-dos-cartoes>)
- O que estava sendo divulgado na mídia sobre substituição de medicamentos e tentativa de desobstrução do intestino do doente por meio de sonda era **'boato, fofoca, mentira'**.
(Fonte: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/cadernos/2/3/2001>)
- Autor de "Páginas da Vida", Manoel Carlos afirma que há "pessoas que tentam desqualificar a novela, inventando **histórias** relacionadas à trama. Segundo ele, existe uma distribuição "a jornais de **cartas forjadas e e-mails fajutos**" com "falsas notícias" sobre "Páginas da Vida". "Já detectamos por aqui muitas dessas **mensagens**", afirma o escritor. (...) Onde já se viu uma coisa assim?", disse, sobre o **boato**. (Fonte: Folha Online, caderno Ilustrada, 20/01/2007)
- Especialista afirma que nomeação de cardeal desfaz **idéia** de que a eleição de Bento 16 significou "tapa na cara" da América Latina. "... a passagem do

D. Cláudio para o Vaticano tem uma dimensão clara: receber um cardeal brasileiro num cargo importante é ajudar a desfazer um **boato** que circulou muito, de que a eleição de Bento 16 significava um tapa na cara da América Latina. A ida de D. Cláudio é uma reconstrução”. (Fonte: Folha Online, caderno Brasil, 26/11/2006)

- Lembro bem, no final do governo Figueiredo, um **boato** de terremoto na Avenida Paulista. A televisão foi entrevistar o povo e filmou uma senhora já bastante idosa. Quando o repórter lhe informou que o terremoto havia sido **alarme falso**, sua reação foi de profundo desapontamento. (Fonte: Folha Online, Luiz Nassif, caderno Dinheiro – 19/07/2006)
- “Nunca conversei com prefeitos ou com empreiteiras a respeito de emendas” [ao orçamento], disse ontem o Senador Leomar Quintanilha. Ele nega envolvimento com “qualquer ato ilícito” e diz que “as acusações se baseiam no **rumor, no boato, no burburinho, na má-fé**”.

(Fonte: Ministério Público Federal - <http://www.prto.mpf.gov.br>)

- Tititi, trote, truque, blefe, furada, arapuca, zunzunzum e muitas outras palavras são empregadas e resignificadas para servir como retomada do termo boato e seus “vizinhos”.

Para se ter uma idéia do volume de ocorrências destes vocábulos, o site de busca *Google* apresenta 354 mil endereços nos quais se encontra a palavra fofoca (e só acessando cada um deles poderíamos verificar a frequência em que o termo aparece em cada um destes sites). Este volume ainda é decorrente do uso do filtro “páginas do Brasil.” Sem filtro, as ocorrências sobem para 677 mil endereços e para o termo no plural (fofocas) este número vai a 952 mil.

Na verdade não me surpreende o volume, visto que compartilho com Bakhtin a idéia de que a linguagem é interativa e dialógica. Com quantos Outros interagimos, de quantos Outros roubamos as palavras e a quantos Outros deixamos que as roubem de nós? Disso decorrem inúmeras formas e estratégias de discurso:

No processo de elaboração e compreensão de textos, opera-se com informações de alto grau de complexidade. Por parte do produtor, há a capacidade de introduzir, de maneira quase imediata, informações novas; por parte do leitor/ouvinte, há a capacidade de apreender [confrontar com suas expectativas, crenças, opiniões] e responder a essas informações também rapidamente. Pode-se dizer, portanto, que essa comunicação [melhor entendida como *interação*] se dá “on-line”¹. (Penna:2006:22)

Dentre todos os exemplos, vejamos a ocorrência que aparentemente traz o termo “mais distante” do vocábulo boato, Trata-se da palavra “idéia”:

Especialista afirma que nomeação de cardeal desfaz idéia de que a eleição de Bento 16 significou "tapa na cara" da América Latina. “... a passagem do D. Cláudio para o Vaticano tem uma dimensão clara: receber um cardeal brasileiro num cargo importante é ajudar a desfazer um boato que circulou muito, de que a eleição de Bento 16 significava um tapa na cara da América Latina. A ida de D. Cláudio é uma reconstrução”. (Fonte: Folha Online, caderno Brasil, 26/11/2006).

De um projeto de dizer e ser compreendido, de um lado, e de compreender responsivamente de outro os interlocutores usam de mecanismos complexos e, saborosamente, instáveis. Digo do sabor da resignificação, do novo, do inusitado, do momentâneo. Tanto autor, como destinatário serão outros depois do enunciado, acionarão outros mecanismos, dirão de outra forma, ouvirão de outra forma e o próprio enunciado será outro. Esta vivacidade da língua atíça o gosto de responder produzindo e de responder recebendo o texto.

Pensando em alguns destes mecanismos, constatamos que o vocábulo *idéia* encapsula toda a oração *a eleição de Bento 16 significou "tapa na cara" da América Latina*. Verificamos ainda que o vocábulo *idéia* remete às concepções de: *invenção, criação, imaginação, quimera, sonho, maneira particular de ver as coisas...* e que este vínculo, neste enunciado, propicia a retomada do vocábulo pela palavra *boato*. Haveria muitos outros processos a serem apontados, mas, talvez, o que é mais extraordinário seja o fato de que são partilhados, acionados pelos interlocutores, engenhosa e socialmente roubados, atritados, banhados no lago dos signos e resignificados. Jogados na corrente dos discursos, mostram-se generosamente construídos para próximos dizeres de outrem que beba na mesma fonte

¹ Para a autora, responder significa combinar as informações; construir delas uma representação mental e em decorrência disso, submetê-las a contra-palavras.

lingüística, que pertença ao mesmo grupo lingüístico e que novamente os traveste em novas interações sociais mediadas pela linguagem.

Acredito que esta “vivacidade” da linguagem é o que faz sobrar suas pontas - umas mais curtas outras mais longas - de fora da caixa em que buscamos acomodá-la.

Se olharmos a seguinte ocorrência:

FOLHA - Há algum tempo, sites na internet espalharam que você estaria grávida. É verdade?

GISELE - Supergrávida (ri, levanta a blusa e dá palmadas na barriga). Imagina! É boato. O dia em que eu ficar grávida, todo mundo vai ver. É claro que quero ter uma família no futuro. Mas não nesse momento. Tudo tem a sua hora e, agora, eu estou... feliz da vida. (grifo meu)

e contrastarmos com afirmações feitas por estudiosos citados anteriormente sobre o termo *fofoca*, como faz Kapferer ao afirmar que a ela *relata as chances e as desgraças, sejam elas pequenas ou grandes, que nos cercam*, e que se dirige às pessoas, que não é perversa e é consumida pelo *prazer de digeri-la*; teríamos que afirmar que Gisele deveria ter usado o termo **fofoca** e não **boato**, como o fez. Ou ainda, se observarmos Renard que atribui à *fofoca uma circulação como o local de trabalho, o das relações familiares e finalmente o da cidade; ao boato um meio social mais alargado, representado por uma categoria de trabalhadores ou por um grupo comunitário ou um grupo nacional; e às lendas contemporâneas uma dimensão ‘frequentemente internacional’*, teríamos que dizer que Gisele Bundchen deveria ter dito **lenda urbana**, já que qualquer fato que lhe diga respeito tem difusão internacional.

Finalmente, também diríamos, da imagem abaixo, que o vocábulo *boato* foi empregado equivocadamente no lugar de *fofoca*:



Só nos cabe perceber, enfim, que a linguagem não aceita camisa de força. Não adianta chamarmos de “vizinhos” ou “primos”. Como o “camaleão”, também circulam outros “bichos” no país Verde-amarelo, sem que as suas “espécies” sejam eficientemente definidas.

EM CONCLUSÃO

O trajeto de uma premissa a uma conclusão é percorrido sem falhas, irrepreensivelmente, porque eu mesmo não existo neste trajeto. Mas como e onde se deveria incluir esse processo do meu pensamento, que é internamente puro e irrepreensível, e totalmente justificado de ponta a ponta? Na psicologia da consciência? Ou talvez na história de uma ciência correspondente? Ou no meu orçamento material – como pago de acordo ao número de linhas que o constituem? Ou talvez na ordem cronológica do meu dia, como minha ocupação das cinco às seis? Ou nas minhas obrigações como um cientista ou um professor? Mas todos esses contextos e possibilidades de dar sentido estão por si mesmos flutuando num espaço peculiarmente sem ar, e não estão enraizados em nada, nem em alguma coisa unitária, nem em alguma coisa única. (BAKHTIN, 1993, p. 38)

Esta não é uma parte de conclusão, mas “em” conclusão. Minha expectativa ao tomar o boato como objeto de estudo foi, tanto responder às minhas indagações diante do corrido no PAN/Rio, como contribuir com os estudos linguístico-discursivos para melhor compreender a linguagem, o mundo e o homem. As indagações iniciais foram:

- a) Como se dá esta atividade linguageira sob o prisma linguístico-discursivo?
- b) Como esse dito me constitui enquanto sujeito falante?
- c) O que faz com que um boato vingue e outro seja imediatamente esvaziado, isto é, que não pegue?
- d) Qual é a sua materialidade?
- e) O que o diferencia de uma verdade? O que o diferencia de uma mentira?
- f) O que faz com que um boato sustente tantas ações empreendidas, oficiais e oficiosas, tantos dizeres?
- g) Como penso autoria diante do boato?
- h) Como ele se constitui?
- i) O que dizer desse gênero discursivo? Ele é um gênero primário? É híbrido? Mas... ele é um gênero?
- j) Ele é só oral ou escrito também? Como é sua circulação? Qual é o seu gatilho?

Procurei responder a cada uma destas questões durante a elaboração dessa pesquisa, não com respostas acabadas, mas, com novas perguntas. Penso que esta inquietude e inacabamento é o que motiva a continuidade das reflexões, a abertura para novos dados e, sobretudo, a não crer que um pesquisador possui uma palavra final, mas que ele é um mutante que se move pela sua curiosidade, que se constitui na/da linguagem alheia e que não tem nas mãos “a” verdade, mas uma das possíveis verdades.

Também já afirmei anteriormente que bebo na fonte bakhtiniana e por isso considero que a cada momento de interação nos constituímos sujeitos, portanto diferentes e com visões diferentes, daí minha dificuldade em considerar alguma coisa concluída.

No momento, estou convencida de que o boato é mesmo um camaleão. Que quando o agarramos para verificá-lo, verificar sua informação e não a veracidade dela, ele implode, muda de categoria – ou para fato real ou para não-fato real, deixa de existir o boato. Ele só se mantém boato para quem não o examina.

Ele hibridiza os gêneros discursivos, como um deles. Quem sabe podemos chamá-lo de gênero mutante? Ele pode ser também considerado transversal, por correr em todas as raias do discurso, para acalmar os medos humanos, a necessidade de compreender o mundo, de dominá-lo e para projetos de dizer, onde atua como recurso de argumentação, como Vontade de Verdade que convence e assegura a eficácia desse projeto, sustentando dizere e ações, tanto oficiais, quanto oficiosas. Mas, como bom camaleão, ele se traveste. Parece dizer uma coisa, mas está implicitamente propiciando outro dito e, quando ele é eficiente nesta tarefa, costuma irromper novamente os discursos, como se, adormecido, acordasse, constituindo sujeitos falantes-ouvintes. Tem valor esse camaleão. Isto pode ser a causa de ele vingar, sua relevância e sua ambigüidade, que mobilizam rapidamente uma rede de comunicação, que o dissemina. Caso contrário ele morre. O ato de não divulgar o camaleão é a arma letal contra ele.

Na linguagem oral ele se mostra, elegante, usando adornos de *você sabia que...* ou *de me contaram que...*, *estão dizendo por aí que...*, são vários e ele nunca diz quem é que está dizendo. Não responsabiliza ninguém como autor do dito. Mas, na linguagem escrita ele só se mostra como referência, do tipo *o boato de que...* ou ainda como notícia, como se fosse fato-real. E ainda, muita gente acredita no camaleão, mas tem critérios para isso: se ele for levado por uma fonte confiável e se possuir verossimilhança, parecer que ele de fato é verdadeiro.

O camaleão é mesmo esquisito. Às vezes anda junto com a fofoca, outras com o mexerico, o disse-me-disse, o rumor, até com a lenda. Não se sabe se eles são seus vizinhos

ou primos, mas no país Verde-Amarelo, que alguns chamam de Brasil, ninguém liga para isso. Andam juntos como bichos e pronto. Mas que o camaleão dá o que falar, isso dá!

Desde o início me propus investigar o camaleão sob as lentes do pensamento bakhtiniano e reafirmo que, se alguma coisa falhou, foi o olho e não as lentes.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **Ato versus objetivação e outras oposições fundamentais no pensamento bakhtiniano**. Trabalho apresentado no XI Conferência Internacional sobre Bakhtin. Curitiba, julho de 2003.

_____. **Um certo silêncio e uma certa voz**: duas ocorrências de alteridade no texto de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Proceedings XI Bakhtin Conference.

ARÁN, Olga P. (2006). **Nuevo diccionario de la teoria de Mijaíl Bajtín**. Córdoba: Ferreyra Editor.

AUGRAS, Monique. (1970). **Opinião pública**: teoria e processo. Petrópolis: Vozes.

BAKHTIN, M. (2006a). **Marxismo e filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico; tradução de Michel Lahud e Yara Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec.

_____. (2006b). **Estética da criação verbal**; tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1993) . **Para uma filosofia do ato**. Tradução exclusivamente para uso didático e acadêmico de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. Texto completo da edição americana **Toward a philosophy of the act** (Austin: University of Texas Press. Translation and notes by Vadim Liapunov. Edited by Michael Holquist & Vadim Liapunov).

_____.(1976) **Discurso na vida e discurso na arte**. Tradução exclusivamente para uso didático e acadêmico de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. Texto completo da edição inglesa **Discourse in life and discourse in art: concerning sociological poetics** (New York: Academic Press. Translation and notes by I. R. Titunik).

BARROS, D. L. P. (1997) **Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso**. in: *Bakhtin, Dialogismo e construção do sentido*. Beth Brait (org.) Campinas, São Paulo: UNICAMP, p.27-35.

- _____. & FIORIN, J.L.(1994). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade:** em torno de Mikhail Bakhtin. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, (Ensaio de Cultura)
- BRAIT, B. (2005) **Bakhtin: conceitos-chave.** Beth Brait (org). São Paulo: Contexto.
- _____. (2006) **Bakhtin: outros conceitos-chave.** Beth Brait (org). São Paulo: Contexto.
- _____. (2008) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido.** Beth Brait (org). 2 ed. Ver, Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- _____. (2009) **Bakhtin, dialogismo e polifonia.** Beth Brait (org). São Paulo: Contexto.
- BRANDÃO, H.H.N.(2001). **Da língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo.** In: *Estudos Enunciativos no Brasil, Histórias e Perspectivas.* Beth Brait (org.). Campinas, São Paulo: Pontes: Fapesp.
- CALEGARI, Washington. **Uma demolição Nietzscheana.** In www.eca.usp.
- CARDOSO, Marison S. (1996). **Na dúvida, ligue-se na rádio peão.** In *Transinformação* V8, n2, pág 15 a 32. Maio/ agosto.
- CARIBÉ, Yury G. (2007) **Comunicação boca-a-boca:** processo de transmissão e recepção. Dissertação de mestrado, PUC- SP.
- COURTINE, Jean Jacques. (1999) **O discurso inatingível:** marxismo e lingüística; tradução de Heloisa Monteiro Rosário in *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, nº 6, p.5-18, abril-junho.
- DEJAVIT, Fábria A. (2002) **O jornalismo de celebridade e a propagação do boato:** uma questão ética; trabalho apresentado no XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador.
- DIAS, L. F. (2005) **Significação e Forma Lingüística na Visão de Bakhtin.** In: *Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido.* Beth Brait (org.)

DIFONZO, Nicholas. (2009). **O poder dos boatos**: como os rumores se espalham, ditam comportamentos, podem ser administrados e porque acreditamos neles; tradução Alessandra Mussi. Rio de Janeiro: Elsevier.

DUCROT, O. (1987) **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes

FAIRCLOUGH, Norman. (2001). **Discurso e Mudança Social**; tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

FARACO, C.A. (2006). **O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do Círculo de Bakhtin**. Conferência no 1º Encontro Internacional do Interacionismo Sociodiscursivo. 5 de junho.

FOUCAULT, M. (2006). **A ordem do discurso**; tradução de Laura Fraga. 14 ed. São Paulo: Edições Loyola.

_____. (1995). **O sujeito e o poder**. In: P. Rabinow, & H. Dreyfus (Eds.), *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica* (pp. 231-249). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____. (1997). **Resumo dos cursos do Collège de France 1970-1982**. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.

GAIARSA, José A. (1978). **Tratado Geral sobre a fofoca**: uma análise da desconfiança humana. 5 ed. São Paulo: Sumus.

GALLO, Solange L. (2001). **Autoria**: questão enunciativa ou discursiva? In *Revista Linguagem em (Dis)curso*, volume 1, número 2, jan./jun.

GERALDI, J.W. (2003). **A diferença identífica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética**. In: Solange Jobim, Maria T. Freitas e Sônia Kramer (Orgs.). *Ciências Humanas e Pesquisa - Leituras de Mikhail Bakhtin*. 1 ed. São Paulo: Cortez, v. 1, p. 39-56.

GREGOLIN, M.R. (2003). **O acontecimento discursivo na mídia**: metáfora de uma breve história do tempo. In: Maria do Rosário Gregolin (org). Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos, SP: Claraluz. 135p.

IASBECK, Luiz C. () **Espaços comunicativos do imaginário**: fofocas e boatos no cenário organizacional; in Revista F@ARO n 2. Revista teórica del Departamento de Ciencias de la Comunicación de la Información Facultad de Humanidades - Universidad de Playa Ancha

KAPFERER, Jean Noël. (1993). **Boatos: o mais antigo mídia do mundo**. Rio de Janeiro:Forense Universitária.

LIMA, Joana Brito de. (2007). **A perspectiva trágica de Nietzsche**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

MACHADO, Cristina G. O. **O projeto genealógico de Nietzsche**; in www.filosofianet.com consultado em maio de 2008

MARQUES, Luana G. (2005) **Análise da argumentação do filósofo Nietzsche**. PUC-SP.

MARTINS, Valdir. (2008) **O Boato como simulacro**: uma investigação sobre a comunicação no mercado financeiro. Tese de doutorado, PUC SP.

MEIRELES, Ildenilson. (2004) **Sobre uma fórmula nietzscheana da decadence**: “Cristianismo é platonismo para o ‘povo’”. In *Revista Unimontes Científica*, V.6 n.1, janeiro a junho; ISSN-1519-2571.

MELO, Sandra H. D. (2006) **Identidade ética e linguagem**:uma análise pragmática das práticas discursivas na imprensa. Tese de doutorado. Unicamp.

MIOTELLO, Valdemir & OTT, Ari. **Mitos tal qual vírus**: análise de uma narrativa virtual. Fonte: <http://lfilipe.tripod.com/mitos.htm>. (texto eletrônico)

MOREIRA, Francisco C. BORGES, Maria C. (2004). **O percurso da autoria**. In *Revista Linguagem em (Dis)curso*, volume 4, número 2, jan./jun.

MURILLO, L. Felipe. (2004). **Uma proposta de interface entre dois domínios da análise de discurso**: a linha francesa e a sua relação com a teoria crítica do discurso. <http://www.discurso.ufrgs.br/> - Consulta feita em outubro de 2008.

ORLANDI, E.L.P. (2004). **A Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes.

_____. (2008). **Discurso e texto**: formulação e circulação de sentidos. 3 ed Campinas-SP:: Pontes.

ORQUIZA, José R. (2000). **Fato ou Boato** : você decide. As notícias publicadas na imprensa que derrubaram o Bamerindus. Rio de Janeiro: Copyright © José Roberto Orquiza -Registro na Biblioteca Nacional sob no 156.547, Livro 258, Folha 170, p. 415.

PENNA, M.A.O. (2006). **As formas nominais referenciais e suas funções na progressão textual**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas.

PONZIO, Augusto. (2008). **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Coord. da tradução Valdemir Miotello. São Paulo:Contexto.

_____,et alli (2007). **Fundamentos de Filosofia da linguagem**; tradução de Ephraim Alves. Petrópolis, RJ: Vozes.

RAMON-CORTÉS, Ferran. (2008). **Vírus: o perigo dos boatos nas empresas**. Tradução Sandra Martha Dolinsky. São Paulo:Editora Academia de Inteligência.

RANCIÈRE, Jacques. (2004). **As novas razões da mentira**; in Folha de São Paulo, Caderno Mais de 22.

RENARD, Jean-Bruno. (2007). **Um gênero comunicacional**: os boatos e as lendas urbanas. In *Revista FAMECOS* . Porto Alegre . Nº 32, abril.

_____. (2006). **Rumores e violência**; in *Revista FAMECOS* . Porto Alegre • nº 29 • abril.

REVEL, Judith. (2005). **Foucault**: conceitos essenciais. Tradução Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos:Claraluz.

SOBRAL, A. U. (2008). **O Ato “Responsível”, ou Ato Ético, em Bakhtin, e a Centralidade do Agente.** In: *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 11/1, p. 219-235, julho, p. 229.

SOUZA, G.T. (2002). **Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev.** – 2ªed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.

TARDE, Gabriel (1992). **A opinião e as massas.** Tradução de Luis Eduardo L. Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes.

VOLOSHINOV, V. N. (1930) **Estrutura do enunciado.** Tradução de Ana Vaz, para fins didáticos.

ANEXO

OS BOATOS CITADOS E SUAS FONTES

1- Gran finale: “Heroes” e “Lost”, as series mais vistas na TV paga brasileira, chegam ao final nos EUA.

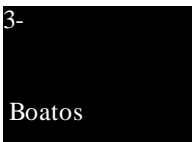
Há ainda o forte boato de que um dos personagens centrais morrerá. O penúltimo episódio dá a dica, mas como ele ainda não foi apresentado no Brasil (onde a série é exibida pelo canal pago AXN), os mais curiosos podem ler os "spoilers" (estraga-prazeres), que estão publicados no pé desta página.

Fonte: Folhateen- JFSP- São Paulo, segunda-feira, 21 de maio de 2007


2- Rio: após boato, polícia reforça a segurança em DPs


Um boato de que as delegacias da zona norte do Rio de Janeiro seriam alvo de ataques deixaram a Polícia Civil em alerta na madrugada desta sexta-feira. Três unidades - 21ª Delegacia de Polícia (Bonsucesso), 22ª DP (Penha) e 38ª DP (Brás de Pina) - reforçaram a segurança. Apesar da denúncia, os ataques não se confirmaram.

Fonte: O Dia Online - Sexta, 24 de outubro de 2008

3-  Boato sobre falso vírus Sulfbnk ressuscita

Boatos





Fonte: www.infoguerra.com.br – Maio de 2009

4- Atletas de Cuba "O Brasil não tem obrigação de acolher quem foge das delegações. O correto seria que os atletas, em vez de se esconderem, pedissem asilo político. Até porque corre o boato de um tal alemão que pretendia empresariá-los no boxe profissional na Alemanha. O Brasil pretende sediar uma Olimpíada e uma Copa do Mundo. Tem de haver coerência." JAIRO VEIGA (Cajati, SP) – Fonte: FSP, Opinião 08/08/2007

5- BOATO DO BEM - Circula, há cerca de dois meses, um e-mail dizendo que o site www.dominiopublico.gov.br irá sair do ar por falta de acessos. O boato é falso, mas ajudou o crescimento do portal. Em julho, houve 210 mil cliques a mais que em junho. O número é mais que o triplo do crescimento do mês anterior, quando o e-mail não circulava. As mensagens enviadas ao portal dobraram desde a divulgação do

falso e-mail. Das cerca de 1.300 mensagens, 20% são relativas ao "fim do site". – Fonte: FSP, Ilustrada 24/08/2006

6- Inúmeros desfechos têm sido ventilados para as disputas na telefonia brasileira. [...] Um dos rumores que se propagavam ontem era o de que Slim estaria negociando sua entrada na Vivo, pois aos espanhóis interessaria mais ficar com a TIM Brasil. [...] Outro boato que correu nas mesas de operação era o de que a Telefônica estaria negociando a compra da fatia que fundos de pensão e Citi possuem na Brasil Telecom. Fonte: FSP, Dinheiro, 05/05/2007

7- Gisele defende camisinha e direito ao aborto - "Sou a favor de a mulher fazer o que deseja de seu corpo", argumenta a modelo, que desfila hoje no Fashion Rio. Recém chegada de Nova York, top afirma que governo Bush foi "péssimo" para os EUA e que a era das supermodelos acabou. [...] FOLHA - Há algum tempo, sites na internet espalharam que você estaria grávida. É verdade?

GISELE - Supergrávida (ri, levanta a blusa e dá palmadas na barriga). Imagina! É boato. O dia em que eu ficar grávida, todo mundo vai ver. É claro que quero ter uma família no futuro. Mas não nesse momento. Tudo tem a sua hora e, agora, eu estou... feliz da vida.

Fonte: http://www.hiv.org.br/interna_materia.asp?cod_secao=acontece&cod_materia=1605

8- Não adianta boato, disse-me-disse, intriga; não adianta dizer que o PMDB vai brigar. O PMDB não vai brigar nada!

Fonte: Diário Do Senado Federal- Dezembro de 2008 <http://www.senado.gov.br/sf/publicacoes/diarios>

9- Boato do mês: mais juros e inflação

Juro sobe na praça mundial; desmonta-se o cenário de queda forte

Na economia dos EUA. Bolsas se ajustam – Fonte: FSP, Dinheiro 07/06/2007

10- “Saldo do boato. Balanço do Bamerindus admite saques”: “A imagem do Bamerindus, o quarto maior banco do país, está sendo arranhada por suspeitas sobre a sua solidez financeira, boatos espalhados pelos seus concorrentes e pela insegurança do público desde que o Nacional e o Econômico quebraram.” Fonte: ORQUIZA,2000:31

11- Ibidem 2

12- Vice diz que acusação de uso da máquina por Lula é especulação

Questionado sobre as acusações de uso da máquina pela campanha da reeleição, o vice-presidente e candidato, José Alencar (PRB), disse ontem que “é muito difícil para o presidente da República deixar de exercer atividade de governo só porque está em campanha”. Alencar se recusou a comentar o caso da distribuição, pelo PT, das cartilhas produzidas pela Secom (Secretaria de Comunicação): “Eu estou lá [no Planalto] e nunca ouvi falar dessas cartilhas. Ouvi agora pela imprensa, não posso opinar”. O vice-presidente atribuiu as acusações de uso da

máquina a "especulações" e busca de polêmica pela imprensa. "Há um ditado que diz: em tempo de guerra, o boato come terra. Em eleição há de tudo." Fonte: FSP, Brasil, 13 de setembro de 2006.

13- Deputados são mortos em AL

Dois deputados morreram e seis ficaram feridos durante um tiroteio entre governistas e oposição na Assembleia Legislativa de Alagoas. O tiroteio começou pouco antes da votação do impeachment do governador, Muniz Falcão. Um repórter do jornal "Correio da Manhã" também ficou ferido. O Exército ocupou a cidade e um contingente protege o hospital onde deputados foram internados, pois havia o boato de que corriam perigo. O prédio da Assembleia foi fechado. Fonte: FSP, Cotidiano, 14 de setembro de 2007.

14- Ibidem 5